



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - *CAMPUS* DE CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – NÍVEL DE MESTRADO E
DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

NADIELI MARA HULLEN GEREI

**FORMAÇÃO DE ÁREAS LINGÜÍSTICAS NO OESTE DO PARANÁ: ANÁLISE DA
OCLUSIVA DENTAL E DA AFRICADA ALVEOPALATAL SURDA E SONORA
SEGUIDA DA VOGAL ALTA ANTERIOR**

**CASCAVEL – PR
2022**

NADIELI MARA HULLEN GEREI

**FORMAÇÃO DE ÁREAS LINGUÍSTICAS NO OESTE DO PARANÁ: ANÁLISE DA
OCLUSIVA DENTAL E DA AFRICADA ALVEOPALATAL SURDA E SONORA
SEGUIDA DA VOGAL ALTA ANTERIOR**

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – *Campus* de Cascavel – para obtenção do título de doutora em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos e de Diversidade.

Orientadora: Profa. Dra. Sanimar Busse.

CASCADEL – PR

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

NADIELI MARA HULLEN GEREI

**FORMAÇÃO DE ÁREAS LINGUÍSTICAS NO OESTE DO PARANÁ: ANÁLISE DA
OCLUSIVA DENTAL E DA AFRICADA ALVEOPALATAL SURDA E SONORA
SEGUIDA DA VOGAL ALTA ANTERIOR**

Esta Tese foi julgada adequada para a obtenção do título de Doutora em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, nível de doutorado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina/UDEL
Componente da Banca

Profa. Dra. Cristiane Horst
Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS
Componente da Banca

Profa. Dra. Marcia Sipavicius Seide
Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE
Componente da Banca

Prof. Dr. Clarice Cristina Corbari
Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE
Componente da Banca

Profa. Dra. Sanimar Busse

Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE
Orientadora

Cascavel, 26 de outubro de 2022

DEDICATÓRIA

Ao Nicolás, luz da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, pela força, e pela saúde. Por me iluminar e acalantar com Sua presença em meu coração, e me carregar no colo quando não tive mais forças.

À orientadora professora Sanimar, por acreditar em mim e pelas inúmeras leituras realizadas.

Ao Rogério, querido esposo, presente nas lutas e vitórias, companheiro desde o início dessa jornada nas Letras, que se iniciou em 2011. Por estar sempre por perto para ouvir meus desabafos, acalmar e dizer que ficaria tudo bem, mesmo nos piores dias.

Ao Nicolás, por ser tão especial em minha vida, por estar no meu colo durante a escrita dessas linhas, me fazendo companhia e transmitindo paz. Obrigada, meu anjo, pela paciência com a mamãe, por encher nossos dias de alegria, por se encantar com cada detalhezinho que tem nesse mundo. Obrigada por me fazer renascer e perceber que a vida é melhor com você aqui.

À banca, pelas leituras e ricas sugestões, que melhoraram o trabalho em vários aspectos. Cada sugestão dada contribui para a melhoria deste trabalho.

À CAPES, pela bolsa ofertada, que fez toda diferença na construção desse trabalho.

Aos informantes, por prestarem os depoimentos, e assim tornarem possível o trabalho da Dialetologia.

GEREI, Nadieli Mara Hullen. **Formação de áreas linguísticas no Oeste do Paraná: análise da oclusiva dental e da africada alveopalatal surda e sonora seguida da vogal alta anterior**. 2022. p. 159. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Cascavel, 2022.

RESUMO

A fala do Oeste do Paraná é marcada pela diversidade social, cultural e linguística. Palco de diferentes movimentos migratórios, principalmente de descendentes alemães e italianos provindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, que se encontraram com grupos de falantes de diferentes lugares do Brasil, a região foi a última do Estado a ser colonizada. O tema desta tese é a formação de áreas linguísticas no Oeste paranaense a partir da heterogeneidade e mutabilidade da língua e dos movimentos migratórios. A descrição das áreas linguísticas a partir da análise dos fenômenos fonéticos permite resgatar a trajetória, a permanência ou o abandono das formas, como reflexo da identidade cultural, social e linguística da comunidade. O trabalho orienta-se a partir da seguinte questão de pesquisa: nas áreas linguísticas formadas na região em torno dos grupos colonizadores e dos movimentos migratórios, sulistas e nortistas, podem ser identificados processos de manutenção e de variação linguística no registro das variantes para a oclusiva dental surda e sonora seguida da vogal alta anterior? O objetivo geral desta tese é descrever a formação de áreas linguísticas na região, considerando os grupos colonizadores e os movimentos migratórios, sulistas e nortistas, a partir da manutenção e da variação linguística no registro da oclusiva dental surda e sonora em duas sincronias: (i) de 1985 a 1989, do ALPR (AGUILERA, 1994), do ALPR II (ALTINO, 2007) e (ii) final da primeira década de 2000, em *Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010). Fundamentados nos estudos variacionistas, na Dialetoлогия e na Geolinguística, a tese baseia-se em Cardoso (2001, 2002), Aguilera (1994, 2005), Altenhofen (2005; 2017), Thun (1998, 2005, 2009), Altino (2007) e Busse (2010). Os dados revelam: i) formação de áreas linguísticas com maior variação entre a oclusiva dental e a africada alveopalatal, em municípios com colonização de grupos oriundos do Norte e Centro do Paraná, sobretudo em Assis Chateaubriand e Guaíra, ii) áreas em fase de transição entre formas, em localidades formadas por descendentes de imigrantes italianos e alemães, mas com presença também de trabalhadores do Nordeste e Sudeste do Brasil, como Cascavel e Guaraniaçu e iii) áreas linguísticas que, devido à colonização de frente sulista, registra a manutenção da oclusiva dental, como Marechal Cândido Rondon.

Palavras-chave: Fala; Variação; Dialetoлогия; Geolinguística.

GEREI, Nadieli Mara Hullen. **Formation of linguistic areas in Western Paraná: analysis of the voiceless and voiced dental stop and alveo-palatal affricate followed by the high front vowel**. 2022. p. 159. Doctorate Thesis in Arts. Post-Graduate programme in Arts, from Universidade Estadual do Oeste do Parana (Unioeste). Cascavel, Brazil. 2022.

ABSTRACT

The speech in western Paraná is marked by social, cultural, and linguistic diversity. Being the stage for different migratory movements, especially German and Italian descendants who came from Rio Grande do Sul and Santa Catarina and met groups of speakers from different parts of Brazil, this region was the last one to be colonized in the state. The theme presented in this thesis is the formation of linguistic areas in Western Paraná due to the heterogeneity and mutability of the language and the migratory movements. The description of linguistic areas based on the analysis of the phonetic phenomena allows us to recover the trajectory, permanence, or abandonment of forms, as a reflection of the cultural, social, and linguistic identity of the community. This paper is guided by the following research question: in the linguistic areas formed in the region around colonizing groups and migratory movements, southern and northern ones, can processes of maintenance and linguistic variation be identified in the registration of variants for the voiceless and voiced dental stop followed by the front high vowel? The general objective of this thesis is to describe the formation of linguistic areas in the region, considering the colonizing groups and the migratory movements, southern and northern ones, regarding the maintenance and linguistic variation in the registration of the voiceless and voiced dental stop in two synchronies: (i) from 1985 to 1989, from ALPR (AGUILERA, 1994), from ALPR II (ALTINO, 2007) and (ii) the end of the first decade of 2000, in A geosociolinguistic study of the speech in the west of Paraná. – Volume I (BUSSE, 2010). Grounded in variationist studies, Dialectology, and Geolinguistics, this thesis is based on Cardoso (2001, 2002), Aguilera (1994, 2005), Althenhofen (2005; 2017), Thun (1998, 2005, 2009), Altino (2007) and Busse (2010). The data reveal: i) formation of linguistic areas with greater variation between the dental stop and the alveo-palatal affricate in municipalities that were colonized by groups coming from the north and the center of Paraná, predominantly in Assis Chateaubriand and Guaíra, ii) areas in a transition phase between forms, in localities formed by descendants of Italian and German immigrants, but also with the presence of workers from the northeast and the southeast of Brazil, such as Cascavel and Guaraniaçu, and iii) linguistic areas that, due to southern colonization, register the maintenance of the dental stop, like Marechal Cândido Rondon.

Keywords: Speech; Variation; Dialectology; Geolinguistic.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Realização da oclusiva dental surda nos municípios do Oeste do Paraná no estudo do ALPR (AGUILERA, 1994)	101
Gráfico 02 – Realização da oclusiva dental sonora nos municípios do Oeste do Paraná no estudo do ALPR (AGUILERA, 1994)	103
Gráfico 03 – Realização da oclusiva dental surda nos municípios do Oeste do Paraná no ALPR II (AGUILERA, 2007)	111
Gráfico 04 – Realização da oclusiva dental sonora nos municípios do Oeste do Paraná no estudo do ALPR II (ALTINO, 2007)	116
Gráfico 05 – Realização da oclusiva dental surda nos municípios do Oeste do Paraná em Busse (2010)	120
Gráfico 06 – Realização da oclusiva dental surda nos municípios do Oeste do Paraná em Busse (2010)	124
Gráfico 07 – Realização da oclusiva dental sonora nos municípios do Oeste do Paraná em Busse (2010)	129
Gráfico 08 – Realização das oclusivas dentais surdas e sonoras nos municípios do Oeste do Paraná no ALPR (AGUILERA, 1994) e ALPR II (ALTINO, 2007).....	132
Gráfico 09 – Realização das oclusivas dentais surdas e sonoras nos municípios do Oeste do Paraná em Busse (2010)	136
Gráfico 10 – Comparação de índices de registro da oclusiva dental surda e sonora entre o ALPR (AGUILERA, 1994), ALPR II (ALTINO, 2007) e <i>Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná</i> (BUSSE, 2010)	140
Gráfico 11 – Comparação de índices de registro da africada alveopalatal surda e sonora entre o ALPR (AGUILERA, 1994), ALPR II (ALTINO, 2007) e <i>Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná</i> (BUSSE, 2010)	141
Gráfico 12 – Atuação da vogal fonológica /i/	146

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Espaço variacional e disciplinas da variação cf. Thun (1998)	33
Figura 02 – Símbolos fonéticos consonantais relevantes para transcrição do português (CRISTÓFARO-SILVA, 2019 [1999])	52
Figura 03 – Realização da “oclusiva dental”	53
Figura 04 – Realização da “africada alveopalatal”	54
Figura 05 – Realização das vogais orais (CRISTÓFARO-SILVA)	59
Figura 06 – Realização das vogais nasais	60
Figura 07 – Realização da vogal média /e/	64
Figura 08 – Realização da vogal alta anterior /i/	64
Figura 09 – Realização da vogal fonética [ɪ]	65
Figura 10 – Áreas Linguísticas do Português apontadas pelo ALERS (2002)	71
Figura 11 – Feixes secundários paranaense e rio-grandense (ALTENHOFEN, 2005)	88
Figura 12 – Mapa com destaque para os municípios do Oeste do Paraná em análise.....	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Aspectos da Dialectologia Monodimensional e/ou Pluridimensional	38
Quadro 02 – Atlas Linguísticos publicados	42
Quadro 03 – Rede de pontos do ALiB (2014) no Paraná	49
Quadro 04 – Estudos Geossociolinguísticos produzidos no Paraná	49
Quadro 05 – Consoantes homogêneas	51
Quadro 06 – Variantes das oclusivas dentais.....	53
Quadro 07 – Imigrantes no Estado do Paraná	69
Quadro 08 – Rede de pontos do ALPR (AGUILERA, 1994) e ALPR II (ALTINO, 2007)	75
Quadro 09 – Rede de pontos de <i>Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná – Volume I</i> (BUSSE, 2010)	79
Quadro 10 – Rede de pontos.....	90
Quadro 11 – Rede de pontos em exame do ALPR (AGUILERA, 1994) e ALPR II (ALTINO, 2007)	95
Quadro 12 – Realização da oclusiva dental surda – Carta Linguística nº 95	96
Quadro 13 – Realização da oclusiva dental surda – Carta Linguística nº 103	97
Quadro 14 – Realização da oclusiva dental sonora – Carta Linguística nº 132	101
Quadro 15 – Realização da oclusiva dental surda – Carta Linguística nº 318	105
Quadro 16 – Realização da oclusiva dental surda – Carta Linguística nº 319	106
Quadro 17 – Realização da oclusiva dental surda – Carta Linguística nº 332	107
Quadro 18 – Realização da oclusiva dental surda – Carta Linguística nº 360	108
Quadro 19 – Realização da oclusiva dental surda – Carta Linguística nº 362	109
Quadro 20 – Realização da oclusiva dental sonora – Carta Linguística nº 334	114
Quadro 21 – Realização da oclusiva dental sonora – Carta Linguística nº 346	115
Quadro 22 – Rede de pontos em exame de <i>Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná – Volume I</i> (BUSSE, 2010)	118
Quadro 23 – Dimensões e Parâmetros para o estudo das variáveis (BUSSE, 2010)	118
Quadro 24 – Realização da oclusiva dental surda – Carta Linguística nº 81	119
Quadro 25 – Realização da oclusiva dental surda – Carta Linguística nº 82	121
Quadro 26 – Realização da oclusiva dental sonora – Carta Linguística nº 80	126

LISTA DE ALGUNS SÍMBOLOS FONÉTICOS

Notação fonética

Para a transcrição das variantes fonéticas dos dados apresentados nesta tese utilizamos o Alfabeto Fonético Internacional, conforme segue:

Vogais:

- [a]- central baixa não-arredondada;
- [e]- anterior média-alta não arredondada;
- [ɛ]- anterior média-baixa não arredondada;
- [i]- anterior alta não arredondada;
- [ɪ]- anterior alta não-arredondada átona;
- [o]- posterior média-alta arredondada;

Semivogais:

- [j]- palatal sonora;

Consoantes:

- [t]- oclusiva dental surda;
- [d]- oclusiva dental sonora;
- [k]- oclusiva velar surda;
- [tʃ]- africada alveopalatal surda;
- [dʒ]- africada alveopalatal sonora;
- [x]- fricativa velar surda;
- [r]- tepe alveolar sonoro;
- [r̥]- vibrante alveolar surda;
- [ɻ]- retroflexa.

Sinais diacríticos:

- ˈ - tonicidade
- ~ - nasalidade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 A DIALETOLOGIA E O MÉTODO GEOLINGUÍSTICO	19
1.1 PERCURSOS E TRAJETOS DA DIALETOLOGIA	19
1.2 GEOLINGUÍSTICA E O MÉTODO GEOLINGUÍSTICO	23
1.3 DIALETOLOGIA MONODIMENSIONAL: A DESCRIÇÃO DOS VESTÍGIOS DE UMA LÍNGUA	26
1.4 A DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL	31
1.5 ATLAS E ESTUDOS GEO(SOCIO)LINGUÍSTICOS	40
1.5.1 ALiB e Estudos Geossociolinguísticos	45
2 FENÔMENOS FONÉTICOS EM ANÁLISE: OCLUSIVA DENTAL SURDA E SONORA	51
2.1 CONSOANTE OCLUSIVA DENTAL SURDA E SONORA	51
2.2 AS VOGAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA	58
2.2.1 Alçamento Vocálico	61
3 A FORMAÇÃO HISTÓRICA E LINGUÍSTICA DO OESTE PARANAENSE	66
3.1 FORMAÇÃO LINGUÍSTICA E CULTURAL DO SUL DO BRASIL E DO OESTE PARANAENSE	66
3.2 ATLAS LINGUÍSTICO DO PARANÁ/ALPR (AGUILERA, 1994) E ATLAS LINGUÍSTICO DO PARANÁ/ALPR II (ALTINO, 2007).....	74
3.3 <i>UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ – VOLUME I</i> (BUSSE, 2010)	78

4 FORMAÇÃO DE ÁREAS LINGUÍSTICAS: REGISTRO DAS VARIANTES PARA A OCLUSIVA DENTAL SURDA E SONORA SEGUIDA DA VOGAL ALTA ANTERIOR	80
4.1 VARIAÇÃO E MANUTENÇÃO LINGUÍSTICA	80
4.1.1 As variantes para a oclusiva dental surda e sonora para a Fonética Articulatoria	80
4.2 PERCURSO METODOLÓGICO DA TESE	89
4.3 REALIZAÇÃO DA OCLUSIVA DENTAL SURDA E SONORA NO ALPR (AGUILERA, 1994)	94
4.4 REALIZAÇÃO DA OCLUSIVA DENTAL SURDA E SONORA NO ALPR II (ALTINO, 2007)	105
4.5 REALIZAÇÃO DA OCLUSIVA DENTAL SURDA E SONORA EM <i>UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ – VOLUME I</i> (BUSSE, 2010)	118
4.6 ANÁLISE DA FORMAÇÃO DE ÁREAS LINGUÍSTICAS NO OESTE DO PARANÁ PARA A OCLUSIVA DENTAL SURDA E SONORA SEGUIDA DE VOGAL ALTA ANTERIOR	131
4.6.1 História e cultura no Oeste do Paraná: legados linguísticos	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS	152

INTRODUÇÃO

O tema desta tese é a formação de áreas linguísticas em dados apresentados pelos Atlas Linguísticos do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994), Atlas Linguístico do Paraná/ALPR II (ALTINO, 2007) e pelo *Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010), para as variantes para a oclusiva dental surda e sonora seguida da vogal alta anterior. Os dados analisados nesta pesquisa, do ALPR (AGUILERA, 1994) e do ALPR II (ALTINO, 2007), foram coletados sob coordenação da professora doutora Vanderci de Andrade Aguilera, no período de 1985 e 1989. Os dados de *Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010) foram coletados pela própria pesquisadora de fevereiro a novembro de 2008.

Esta pesquisa soma-se aos estudos do português brasileiro que se voltam para a diversidade e a variação linguística e registram a mutabilidade e a heterogeneidade da língua. As descrições do português brasileiro, especificamente aquelas realizadas pelos pesquisadores da área da Dialetoлогия, como Amaral (1976 [1920]), Nascentes (1953 [1923], 1958); Rossi; Ferreira; Isensee (1963), Cardoso (2001, 2002), Aguilera (1994, 2005), têm revelado um falar que resguarda a história das diferentes culturas que formam o povo brasileiro. Considerando que a fala pode ser tomada como representação viva da história de um povo no tempo e no espaço, os registros dos fenômenos linguísticos refletem, também, a saga dos falantes pelo território, a exemplo dos grupos que colonizaram o Oeste paranaense.

O polimorfismo linguístico e cultural presente na região Oeste do Paraná, que resulta das imigrações e migrações e do contato com diferentes línguas e falares, tem se mostrado campo para estudos sobre a diversidade linguística. A descrição dos fenômenos linguísticos a partir do seu registro areal apresenta os percursos dos traços linguísticos pelo território e a sua dispersão a partir dos contatos entre os grupos.

A eleição do Oeste paranaense para esta pesquisa justifica-se pelos aspectos históricos e culturais que geraram um ambiente propício para o polimorfismo na fala (BUSSE, 2010). Nesta tese as realizações das oclusivas dentais surda e sonora, seguida da vogal alta anterior, são tomadas como índices do movimento de manutenção e variação linguística nas comunidades investigadas.

A tese parte da seguinte pergunta de pesquisa: nas áreas linguísticas formadas na região em torno dos grupos colonizadores e dos movimentos migratórios,

sulistas e nortistas, podem ser identificados processos de manutenção e de variação linguística no registro das variantes para a oclusiva dental surda e sonora seguida da vogal alta anterior?

Com base em Aguilera (1994), Altenhofen (2005; 2017), Altino (2007) e Busse (2010), levantam-se as seguintes hipóteses:

- (i) Áreas de manutenção linguística formadas nas localidades que concentram falantes sulistas, como Marechal Cândido Rondon;
- (ii) Áreas de transição estão em formação nos municípios com colonização heterogênea, que receberam grupos sulistas e de frente nortista, como Cascavel e Guaraniaçu;
- (iii) Observam-se processos de variação em cidades como Assis Chateaubriand, colonizada por grupos das regiões Norte e Central do Paraná e trabalhadores do Nordeste e Sudeste do Brasil, e em municípios de fronteira como Guaíra.

O objetivo geral desta tese é descrever a formação de áreas linguísticas na região, considerando os grupos colonizadores e os movimentos migratórios, sulistas e nortistas, a partir da manutenção e da variação linguística no registro da oclusiva dental surda e sonora seguida da vogal alta anterior em duas sincronias: (i) de 1985 a 1989, do ALPR (AGUILERA, 1994), do ALPR II (ALTINO, 2007) e (ii) final da primeira década de 2000, em *Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010).

Os objetivos específicos da tese compreendem:

- (i) Discutir os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoleologia e da Geolinguística que embasam a descrição dos fenômenos de variação e mudança linguística na formação de áreas linguísticas a partir de dados na região Oeste do Paraná;
- (ii) Descrever as variantes para oclusiva dental surda e sonora, seguida da vogal alta anterior, em dados coletados para o ALPR (AGUILERA, 1994), o ALPR II (ALTINO, 2007) e o *Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010);
- (iii) Analisar a formação de áreas de manutenção e de variação linguística a partir das variantes para a oclusiva dental surda e sonora, seguida da vogal alta anterior, em cartas linguísticas do ALPR (AGUILERA, 1994), ALPR II

(ALTINO, 2007) e *Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010).

- (iv) Identificar a possível influência dos aspectos históricos e culturais da colonização do Oeste paranaense na formação de áreas de manutenção e variação linguística no tempo.

Para esta tese, no que se refere à análise dos fenômenos linguísticos das variantes para a oclusiva dental surda e sonora, baseamo-nos em Battisti; Hermans (2008), Battisti (2011), Cristófar-Silva *et al.* (2012), Cristófar-Silva (2019 [1999]). O estudo do alçamento vocálico é amparado por Câmara Junior (1992 [1970]), Bisol (1981, 2015), Battisti; Hermans (2008), Monaretto (2013), Cristófar-Silva (2019 [1999]).

A delimitação do fenômeno fonético se justifica por ser traço linguístico marcador da fala dos grupos que colonizaram a região, sobretudo os descendentes de alemães e italianos, originários do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e da fala dos grupos do Norte do Paraná e do Sudeste do Brasil que também migraram para este território.

A tese está organizada da seguinte maneira: na primeira seção apresentamos os pressupostos teóricos e metodológicos da Dialetoлогия Mono e Pluridimensional e da Geolinguística. São apresentados atlas e estudos geossociolinguísticos. Na segunda seção, apresentamos a descrição do ponto de vista da Fonética e da Fonologia dos fenômenos relacionados à manutenção da oclusiva dental surda e sonora e a palatalização, seguida da vogal fonológica /i/ e da vogal fonética [ɪ]. Na terceira seção, a fim de contextualizar o trabalho, trazemos dados a respeito da formação linguística e cultural do Sul do Brasil e do Oeste do Paraná. Apresentamos os atlas linguísticos que são objeto de estudo – ALPR (AGUILERA, 1994), ALPR II (ALTINO, 2007) e *Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010) e o percurso metodológico da tese. Na última seção, procedemos à análise dos dados. Pela leitura dos resultados é possível observar a identidade cultural que forma o povo do Oeste do Paraná. Por último, seguem as considerações finais.

1 A DIALETOLOGIA E O MÉTODO GEOLINGUÍSTICO

Nesta seção apresentamos o embasamento teórico sobre a Dialetologia e o método geolinguístico, que orienta a análise dos dados eleitos para esta tese. Na primeira subseção, o percurso da Dialetologia é apresentado sob a perspectiva da variação linguística. Na sequência, abordamos a Geolinguística e os principais aspectos do método geolinguístico. A seguir, na terceira subseção, apresentamos a metodologia da Dialetologia Monodimensional e os principais desafios da teoria, que, mais tarde, amplia o leque das variáveis estudadas, abrangendo representações sociais das comunidades, que resulta na Dialetologia Pluridimensional, tema da próxima subseção. Por fim, na última, são estudados os atlas linguísticos brasileiros e os estudos geossociolinguísticos publicados, com foco no Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (2014).

1.1 PERCURSOS E TRAJETOS DA DIALETOLOGIA

A observação sobre a diversidade da língua como elemento indicador da origem geográfica do falante está presente desde os primórdios das civilizações, pois, na história do homem, sempre houve a percepção sobre a existência de diferentes formas linguísticas e as suas origens. Compreender como as diferentes formas convivem, como se disseminam por um espaço, como se mantêm ou são abandonadas têm levado muitos linguistas a investigar e a descrever estes processos buscando reconhecer como se formam, dissolvem-se e consolidam-se determinadas áreas linguísticas.

Os dialetos podem se organizar concomitantes à língua comum ou mesmo antes dela. O fato de se estabelecer uma língua comum em determinada comunidade não provoca necessariamente o surgimento de dialetos, apenas os identifica como pertencentes a língua histórica. A definição do que é ou não dialeto e a que língua histórica pertence depende de critérios variados – como o reconhecimento de semelhanças com a língua comum, por exemplo. Ainda, deve-se lembrar que o dialeto é a forma linguística que mais se aproxima da língua histórica, podendo tornar-se independente e se tornar uma nova língua histórica (COSERIU, 1982).

Em relação à definição de dialeto, Coseriu (1982) explica que a palavra “dialeto” deriva do grego, e significa “modo de falar”; “falar um com o outro”. Considerando que podemos estudar ou delimitar a “língua de uma cidade” ou a “língua de uma família”, e a isso chamamos dialeto, então o dialeto nada mais é que uma língua, com um sistema fonético, lexical e gramatical próprio: “Pero, si todo ‘dialecto’ es una lengua, no toda ‘lengua’ es un dialecto”¹ (COSERIU, 1982, p. 11): as línguas são historicamente reconhecidas e denominadas (língua portuguesa, língua espanhola) enquanto os dialetos são identificados/determinados de acordo com seus falantes (o dialeto de determinada família, de determinada cidade). Além disso, os dialetos são “famílias menores” da língua, ou “membros menores” dentro da família linguística. Pode ser considerada também como “variedade” da língua maior (COSERIU, 1982). Em resumo, o dialeto se constitui na subordinação ou delimitação dentro da língua histórica.

Para Alvar (1999), a língua viva, que pulsa em todos os espaços, pode ser definida como “un sistema lingüístico caracterizado por su fuerte diferenciación, por poseer un alto grado de nivelación, por ser vehículo de una importante tradición literaria y, en ocasiones, por haberse impuesto a sistemas lingüísticos del mismo origen”² (ALVAR, 1999, p. 12). Destacamos nesta conceituação a formação múltipla da língua, em que se abrigam diferentes formas e histórias. Mesmo nos processos de nivelção pelos quais as línguas passam, sobrevivem elementos que remontam às diferentes culturas.

Línguas como o italiano e o espanhol, por exemplo, se solidificaram após um dos dialetos se tornar a língua padrão. No caso do italiano, a título de exemplo, Dante Alighieri, com a obra *Divina Commedia*, permitiu ao dialeto fiorentino ser definido como língua padrão. Além do prestígio da obra, havia a importância comercial de Florença, que impulsionou a eleição do dialeto como língua. Mesmo com o estabelecimento do dialeto como língua, não foi de imediato que se criou uma identidade cultural entre os italianos. Com o *Risorgimento*³, a alfabetização em massa da população italiana e a

¹ “Mas se todo ‘dialeto’ é uma língua, nem toda língua é um dialeto” (COSERIU, 1982, p. 11, tradução nossa).

² “um sistema linguístico caracterizado por sua forte diferenciação, por possuir um alto grau de nivelamento, por ser o veículo de uma importante tradição literária e, às vezes, por ter-se imposto a sistemas linguísticos de mesma origem” (ALVAR, 1999, p. 12, tradução nossa).

³ Movimento ocorrido entre o fim dos anos setecentos e início dos oitocentos que buscava a unificação da Itália. Em um processo complexo de transformações sociais e econômicas, buscava-se dar fim aos anos de separatismo político entre as regiões italianas (SEGATTO, 2009). Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/2167/1781>. Acesso em 10 maio 2022.

difusão dos meios de comunicação, a língua italiana passou a circular efetivamente na sociedade, o que não impediu a vivência e continuidade de vários dialetos em todo território nacional.

Conforme o exemplo, as razões que podem diferenciar língua de dialeto podem ser políticas, sociais, geográficas, culturais (ALVAR, 1999). No estudo de ambos, no entanto, se faz necessária a aproximação com o povo, com as falas cotidianas que confessam a história linguística e perpetuam a vitalidade das línguas.

O estudo da língua falada, dinâmica e mutável, permitiu aos dialetos a possibilidade de serem reconhecidos pertencentes a uma língua comum, embora com motivações culturais e históricas muito distintas (ALVAR, 1999).

Por definição, para o autor, dialeto compreende:

Un sistema de signos desgajado de una lengua común, viva o desaparecida; normalmente, con una concreta limitación geográfica, pero sin una fuerte diferenciación frente a otros de origen común. De modo secundario, pueden llamarse dialectos “las estructuras lingüísticas, simultáneas a otras, que no alcanzan la categoría de lengua” (ALVAR, 1999, p. 13, grifos do autor).⁴

Os dialetos têm estrutura própria e podem pertencer a uma língua comum. Isso não pressupõe, entretanto, que sejam inferiores de alguma maneira. Assim também se dá no trato com as variedades linguísticas e falares regionais: caracterizam os indivíduos, identificam seu local de moradia, mas não devem ser concebidos como incompletos. Para Alvar, o *dialeto* tem sistema próprio, divergente da língua comum e é limitado a um espaço geográfico. Os dialetos podem, entre si, aproximar-se àqueles com mesma origem (ALVAR, 1999), porque as manifestações linguísticas são moldadas pelo tempo e no espaço. Segundo Cardoso (2002), a Dialectologia foi a disciplina que teve a incumbência de estudar e descrever os vários usos da língua:

Dois aspectos fundamentais estão, pois, na sua gênese: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações lingüísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades pré-fixados (CARDOSO, 2002, p. 01).

⁴ “Um sistema de signos retirados de uma língua comum, viva ou desaparecida; normalmente, com uma concreta limitação geográfica, mas sem uma forte diferenciação diante de outros de origem comum. De maneira secundária, podem ser chamados dialetos ‘as estruturas linguísticas, simultâneas a outras, que não atingem a categoria de língua’” (ALVAR, 1999, p. 13, grifos do autor, tradução nossa).

A Dialetologia possibilitou, portanto, o estudo dos dialetos, abrindo o leque para além do foco na língua padrão. Permitiu a universalização dos falares de todas as gentes e em seus diferentes contextos, revelando uma sistematização possível para a heterogeneidade peculiar da língua falada. As variações não acontecem ao acaso, mas são possíveis de serem observadas e analisadas de maneira sistemática, em uma relação direta com a posição social do falante, o interlocutor e o contexto de fala.

Para Alvar (1999), a essência da Dialetologia se refere a:

Conocer la lengua del Pueblo en sus diversidades geográficas, prescindiendo del espejismo de la corrección y haciendo abstracción de los hechos retóricos. De una parte, se llegaba así al conocimiento del habla de cada día y de las hablas que no tuvieron cultivo literario, y, de otra, a la concepción del lenguaje como actividad humana y, por tanto, sometido a todo momento a una modelación activa por parte de cada hablante (ALVAR, 1999, p. 05).⁵

O trabalho da Dialetologia permite trazer à tona, por meio do estudo da língua em seu estágio atual, os percursos da história dos seus falantes. Reflete as mudanças físicas e geográficas do homem no espaço, as motivações que o levaram a migrar e ocupar territórios antes desconhecidos.

À Dialetologia cabe, portanto, a descrição dos movimentos das línguas e seus falares em determinado espaço geográfico. Principiando pelo objetivo de averiguar as formas arcaicas de uma língua, que se preservam na fala e cujos registros capturam os processos de espraiamento dos grupos pelo espaço, a Dialetologia busca hoje, também, registrar os processos de variação e mudança linguística entre as dimensões sociais, registrando o movimento da fala na comunidade. Entre estudar a fala viva, aproximando-se do povo, buscando a infinidade de vozes que nunca se escreveram e que se encontram escondidas nos escuros rincões (ALVAR, 1999), e preencher o interespaço deixado vazio pelos estudos sociolinguísticos, quando comparam, por exemplo, dois ou mais pontos (THUN, 2005), apresentamos nas próximas seções os princípios teórico-metodológicos da Geolinguística, da Dialetologia Monodimensional e da Dialetologia Pluridimensional.

⁵ “Conhecer a língua do povo em suas diversidades geográficas, independente da miragem da correção e fazendo abstração dos fatos retóricos. De um lado, se chegava assim ao conhecimento da fala de cada dia e das falas que não tiveram cultivo literário, de outro, a concepção de linguagem como atividade humana e, portanto, sujeita a todo momento a uma modelagem ativa por parte de cada falante” (ALVAR, 1999, p. 05, tradução nossa).

1.2 GEOLINGUÍSTICA E O MÉTODO GEOLINGUÍSTICO

A Geolinguística registra, por meio de cartas linguísticas, as variantes linguísticas. A simbologia, as escalas, hidrografia e toda e qualquer representação visual das descobertas são recursos dos quais a Geolinguística se utiliza para a descrição dos fenômenos linguísticos na dimensão diatópica.

Dauzat (1922) aponta que a função da Geolinguística, além de registrar o fenômeno, pode fornecer mecanismos para compreender as causas da variação linguística,

Sur ce phénomène bien connu, la géographie linguistique, tant par ses atlas comparatifs que par ses méthodes d'investigation, vient projeter une lumière plus vive. Par ses documents elle montre d'abord (ce qu'on pressentait déjà) que la variété des parlers de même famille atteint son 23eoling sur le terrain de la syntaxe, ensuite de la morphologie (23eoling des noms et des verbes), com 23eoling dans le domaine du vocabulaire et de la phonétique. Par une interprétation plus rigoureuse des faits, elle nous permet en outre de mieux discerner les causes de la différenciation linguistique (DAUZAT, 1922, p. 148).⁶

Por meio do método geolinguístico, além de ser possível registrar as mudanças linguísticas em seus vários níveis, na dimensão diatópica, pode-se observar a preservação e o abandono de determinados traços.

Qual deve ser a tarefa da Geolinguística? Nas palavras de Coseriu (1980), traduzidas por Grimm (2017), encontramos a resposta

Deve ser o estudo de toda a diferencialidade diatópica da língua histórica, incluindo os três tipos de dialetos e suas relações uns com os outros e levando em conta a diversidade diatópica dos níveis e dos estilos linguísticos. O que realmente se deseja descobrir é *como se fala em um determinado ponto de uma língua histórica no espaço*. O “como” da fala pode apresentar, a princípio, essa total diversidade interna em qualquer lugar e, na dialetologia, ela deveria ser determinada como diferencialidade diatópica. Além disso, deseja-se descobrir, através da dialetologia, *a extensão e os limites desses fatos*,

⁶ “E sobre este fenômeno bem conhecido, a geografia linguística, tanto por meio de seus atlas comparativos quanto de seus métodos de investigação, lança uma luz mais. Com base em seus documentos, ela primeiro mostra (isto é o que sentimos agora) que a variedade de dialetos de uma mesma família atinge seu mínimo no campo da sintaxe, depois da morfologia (flexão de substantivos e verbos), com máximo no domínio do vocabulário e da fonética. A partir de uma interpretação mais rigorosa dos fatos, ela nos permite também discernir melhor as causas da diferenciação linguística” (DAUZAT, 1922, p. 148, tradução nossa).

pontualmente observados em uma localidade (GRIMM, 2017 *apud* COSERIU, 1980, p. 17, grifos nossos).

A pesquisa geolinguística deve abarcar todos os níveis (falar de uma região ou comunidade) e estilos linguísticos (falar individual). Segundo Coseriu (1955), o método geolinguístico permite resultados que “revelan un aspecto esencial de las relaciones entre la vida social y cultural del hombre y su ambiente natural”⁷ (COSERIU, 1955, p. 30). Como uma das principais ferramentas de comunicação, a língua é também veículo que revela condições políticas, econômicas, sociais e culturais do(s) indivíduo(s).

Para que o método geolinguístico desvende os falares de determinado ponto geográfico, e que se tenha uma representação fiel da realidade linguística, Brandão (1991) afirma ser necessário uma série de cuidados por parte do pesquisador para que, na apresentação das cartas, os resultados sejam verossímeis:

É fundamental não só que se recolham e analisem os dados segundo rigorosa metodologia específica, mas também que se proceda a um estudo preliminar que possibilite conhecer as especificidades da região em que se desenvolverá a pesquisa e dos segmentos sociais que a constituem (BRANDÃO, 1991, p. 25).

Baseados em Brandão (1991), listamos alguns passos para que se atenda ao rigor metodológico das pesquisas dialetológicas:

i) levantamento preliminar dos dados: os critérios para a escolha de pontos, de informantes, de questionário e de todas as etapas que nortearão a pesquisa devem ser estudados antecipadamente, e deve haver, no futuro inquiridor, profundo conhecimento sobre a localidade a ser pesquisada;

ii) fixação dos pontos de inquérito: a escolha da rede de pontos depende do objetivo do pesquisador, da extensão da área a ser estudada e da população da localidade. Aspectos históricos, geográficos e econômicos da região também podem influenciar no número e na escolha dos pontos eleitos para análise;

iii) seleção de informantes: os critérios na eleição dos informantes dependerão dos propósitos da pesquisa e, naquelas de caráter pluridimensional, deve-se ter o

⁷ “revelam un aspecto esencial das relações entre a vida social e cultural do homem e seu ambiente natural” (COSERIU, 1955, p. 30, tradução nossa).

cuidado de entrevistar o mesmo número de informantes por variável (como sexo, faixa etária, escolaridade) em todos os pontos.

iv) técnicas de recolha de dados: é necessário haver material possível de ser comparado, geralmente adquirido pelos dados de um questionário.

v) o questionário/a entrevista: importante ferramenta para guiar o pesquisador a coletar dados específicos para a análise que planeja. Quanto à entrevista, momento crucial para a coleta de dados, “deve pautar-se com o máximo de rigor, a fim de que se garanta um *corpus* fidedigno” (BRANDÃO, 1991, p. 35).

vi) arquivamento e transcrição dos dados e elaboração das cartas: para a leitura dos dados e posterior transcrição.

Destacamos que o questionário do ALiB (2001) tem sido utilizado por muitos dialetólogos nas pesquisas atuais devido a sua completude. Quando aos programas para leitura e análise dos dados, um dos programas mais utilizados pelos dialetólogos tem sido o VARBRUL.

Ainda sobre o método geolinguístico, Coseriu (1955) destaca três tipos de mapas: fonéticos, lexicais e linguísticos, que podem ser sintéticos (registrando a primeira resposta do informante) ou pontuais (que procuram anotar todas as formas declaradas).

Outra preocupação das pesquisas deve ser, além da eleição da rede de pontos, o questionário e os demais procedimentos metodológicos, o trabalho de reconhecimento do material, o registro deste e o estudo e análise dos dados (COSERIU, 1955). Cardoso (2002) destaca a Geolinguística como método por excelência da Dialectologia, pois “vai se incumbir de recolher de forma sistemática o testemunho das diferentes realidades dialetais refletidas nos espaços considerados” (CARDOSO, 2002, p. 02). É na construção de vários mapas de um território, com cartas linguísticas que apresentem fenômenos fonéticos, lexicais, semânticos, que se constitui um atlas, revelando contextos históricos, geográficos e políticos de formação e preservação da comunidade.

Por meio da análise das variáveis sociais, como idade, sexo e faixa etária, é possível observar os estágios da mudança e as áreas de espraiamento de determinados traços linguísticos. Pode-se, ainda, apontar pistas sobre comportamentos linguísticos que determinada comunidade linguística adotará, com a observância de fenômenos linguísticos que estão em processo de aquisição, estabilidade ou abandono (no caso de estar apenas na geração mais velha e menos

escolarizada, por exemplo). Para a análise das fotografias retratadas pela Geolinguística, a história e a investigação sobre o contexto social, econômico e cultural da comunidade são aspectos relevantes para compreender os processos da mudança linguística.

1.3 DIALETOLOGIA MONODIMENSIONAL: A DESCRIÇÃO DOS VESTÍGIOS DE UMA LÍNGUA

Um dos aspectos centrais da Dialectologia é o registro areal (distribuição geográfica) da variação linguística, buscando descrever a dispersão dos fenômenos linguísticos por determinado território. A descrição da variação linguística tem como foco o caminho das formas linguísticas por determinado espaço.

Segundo Cardoso (2001), a árdua pesquisa de Wenker, 40.736 localidades com um total de 44.251 respostas coletadas, faz a intercomparação de fatos de uma região com outras. Embora não aponte dados como sexo e escolaridade, os trabalhos de Wenker

Tem, porém, o mérito de dar um passo significativo para o avanço da Dialectologia: a documentação de fatos em distintas regiões com possibilidade de serem interrelacionados. A intercomparabilidade de dados espacialmente dispostos vai-se constituir, assim, numa das prerrogativas dos estudos dialetais a qual tem superado a linha do tempo e, de certo modo, garantido o *continuum* desse tipo de investigação (CARDOSO, 2001, p. 28, grifo da autora).

Os primeiros passos foram de significativa importância para os estudos diatópicos, pois, com a comparação realizada, foi possível observar o comportamento linguístico diferenciado nas diversas localidades, condicionadas por fatores como colonização e história de ocupação.

A Dialectologia se efetivou como ramo da Linguística com os estudos de Gilliéron, que, por quase quinze anos, estudou as questões dialetais em suas aulas na *École des Hautes Études*. Em 1897, com a ajuda do comerciante Edmond Edmont, iniciou-se a coleta dos dados e começou-se a esboçar o rascunho do atlas linguístico da França. Considerado o fundador da Dialectologia, Gilliéron acreditava que um leigo em Linguística poderia transcrever fielmente a fala dos informantes, sem preconceitos ou retoques. Após a coleta, os dados eram enviados para o pesquisador, que iniciava

a transcrição. Composto por 1920 cartas distribuídas por 35 volumes, o *Atlas Linguístico da França* – ALF foi editado entre 1902 e 1910. Com a obra, Gilliéron pôde comprovar a variabilidade das línguas, demonstrando, pelos fatos recolhidos, a necessidade do estudo diatópico, a existência de regiões com maior manutenção ou variação linguística, a formação de isoglossas e o dinamismo das línguas. O registro diatópico das línguas em mapas cartográficos elaborado por Gilliéron difundiu-se por toda a Europa e América.

Desde Gilliéron, havia a preocupação com a análise dos fatos linguísticos no espaço geográfico, de maneira sistemática e ordenada, na qual poderiam ser observadas áreas com maior ou menor registro de uma forma linguística, os diferentes falares e seu alcance geográfico. Embora não se estudassem as variáveis sociais, era consciente a necessidade de pesquisa dos falares dos diferentes grupos.

Mais que estudar as variedades dialetais em seu uso real e cotidiano, a Dialectologia pretende observar a sistematização da variação e analisar as mudanças ocorridas em determinado período. Para a análise científica dos dialetos, “La investigación dialectal de una región cualquiera debe realizarse, en cada punto considerado, en el mismo nivel y con respecto al mismo estilo de lengua”⁸ (COSERIU, 1982, p. 38).

É, portanto, indispensável tanto o estudo de diferentes níveis e estilos de língua quanto a comparação entre pontos diatópicos diversos. Trata-se de uma investigação completa dos falares da mesma comunidade linguística, passível, ainda, de ser comparada a outra. Quanto ao rigor na apresentação dos dados, coube ao método geolinguístico a definição dos princípios metodológicos da pesquisa no que se refere ao perfil dos informantes, ao instrumento de coleta de dados e ao tratamento dos dados.

Dentre as preocupações da Dialectologia, está a exposição, por meio de cartas linguísticas, da dialectalização ou fragmentação da língua enquanto um sistema de comunicação; os meios de extensão dos fenômenos linguísticos numa sociedade ou num meio e a standardização das línguas em zonas bilíngues (RAMÍREZ, 1999).

Para a Dialectologia, a distribuição das formas linguísticas por determinada área revela o trajeto dos falantes, o contato com outros grupos e falares, ou seja, o movimento da fala no espaço, no tempo e nos diferentes contextos socioculturais.

⁸ “A pesquisa dialetal de uma região qualquer deve ser realizada em cada ponto considerado, no mesmo nível e com respeito ao mesmo estilo de linguagem” (COSERIU, 1982, p. 38, tradução nossa).

Nesse curso, formas linguísticas podem ser mantidas ou abandonadas, conforme a atuação de fatores geográficos e sociais. Registrar, por meio de cartas linguísticas, as ocorrências das variantes linguísticas, nos níveis lexical, fonético-fonológico e morfossintático, é o propósito da área, para uma descrição da língua. Coseriu (1982) destaca que

La dialectología registra y estudia la variedad idiomática como tal (no reduciéndola a la homogeneidad), y trata de sacar de la variedad misma inferencias acerca del modo cómo funcionan, se constituyen y se modifican las tradiciones idiomáticas (COSERIU, 1982, p. 38).⁹

As pesquisas dialetológicas, por meio de atlas linguísticos, registram traços e formas que podem ser tomados como elementos da história dos falantes, sua descendência, origens, percursos e contatos mantidos no espaço e no tempo, que se refletem na própria formação da comunidade. Os dados registrados nas cartas linguísticas podem fornecer elementos para investigações sobre o funcionamento intralinguístico, das possibilidades de mudanças nos diferentes níveis linguísticos, e sobre a relação entre os diferentes falares presentes em determinada comunidade de fala, ou seja, da relação que se estabelece entre falantes e seus falares.

Conforme destaca Coseriu (1982), “El cometido básico de la lingüística empírica – a la que pertenece también la dialectología en cuanto ciencia ‘de hechos’ – es, pues, el de ordenar la multiplicidad, la variedad aparentemente infinita de los hechos de lenguaje”¹⁰ (COSERIU, 1982, p. 08). Esta organização, todavia, deve ser, de acordo com o autor, feita de modo objetivo, seguindo critérios científicos exatos que atendam de fato aos acontecimentos da língua, e não de modo a consentir às expectativas do pesquisador.

Isso porque, levando-se em consideração o aspecto social, outros tantos dialetos vêm à tona e complementam de maneira significativa o mapeamento linguístico das variantes. Nas pesquisas monodimensionais, porém, a busca pela coleta das pesquisas priorizava as respostas do informante mais velho, nascido na comunidade, com pouca ou nenhuma escolaridade, e que se deslocasse pouco de

⁹ “A dialetologia registra e estuda a variedade idiomática como tal (não reduzindo-a à homogeneidade) e trata de extrair da variedade mesma as inferências acerca do modo como funcionam, se constituem e se modificam as tradições idiomáticas” (COSERIU, 1982, p. 38, tradução nossa).

¹⁰ “O papel básico da linguística empírica – a qual pertence também a dialetologia enquanto ciência baseada em fatos – é, portanto, a de ordenar a multiplicidade, a variedade aparentemente infinita dos fatos da linguagem” (COSERIU, 1982, p. 08, tradução nossa).

seu local de origem, ao que Chambers e Trudgill (2004 [1998]) intitulam NORMs: “The usual procedure in traditional dialectology was to select NORMs, informants who were not only elderly but also uneducated and untravelled, because it was felt that this method would produce examples of the ‘most genuine’ dialect”¹¹ (CHAMBERS; TRUDGILL, 2004 [1998], p. 47).

O resultado que se buscava era a variedade mais antiga da língua, e acreditava-se que neste informante não havia interferência de membros de fora da comunidade ou da escrita. Além disso, evitavam-se áreas que tivessem muitas línguas em contato, pois, acreditava-se que a forma mais “pura” da língua estaria preservada nas áreas mais afastadas, em que o acesso aos meios de comunicação fosse mais restrito.

Para Coseriu (1955), as formas linguísticas “irradiam” de centros políticos, administrativos, culturais e religiosos (COSERIU, 1955). São considerados os principais influenciadores dos diferentes falares. Por outro lado, “las zonas ‘aisladas’ y ‘laterales’, alejadas de los centros de innovación, suelen conservar formas lingüísticas más antiguas”¹² (COSERIU, 1955, p. 37, grifos do autor). Uma zona pode ser considerada linguisticamente isolada se seu distanciamento é não apenas físico, mas também econômico e cultural. Cabe ressaltar que nem sempre os chamados “centros de irradiação cultural” coincidem com centros geograficamente significativos. Em uma pequena comunidade rural, por exemplo, a influência da comunidade religiosa pode ser maior do que de grandes centros.

Entender que a língua falada é, sobretudo, uma atividade humana, e por isso enviesada de diversidades geográficas, históricas, sociais, culturais e individuais é primordial nos estudos dialetológicos. A Dialectologia é definida por Ramírez (1999) como “una disciplina con larga tradición y una metodología claramente definida para establecer fronteras geográficas sobre los usos de ciertas formas lingüísticas, ya sean fonológicas, morfológicas, sintácticas e léxicas”¹³ (RAMÍREZ, 1999, p. 40).

¹¹ “O procedimento usual na dialetologia tradicional era selecionar HARAS*, informantes que não eram apenas idosos, mas também sem instrução e não viajados, porque se achava que esse método produziria exemplos do dialeto ‘mais genuíno.’” (CHAMBERS; TRUDGILL, 2004 [1998], p. 47, tradução nossa). *HARAS: homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário.

¹² “áreas ‘isoladas’ e ‘laterais’, afastadas dos centros de inovação, tendem a conservar formas linguísticas mais antigas” (COSERIU, 1955, p. 37, grifos do autor tradução nossa).

¹³ “É uma disciplina com uma longa tradição e uma metodologia claramente definida para estabelecer limites geográficos sobre os usos de certas formas linguísticas, sejam elas fonológicas, morfológicas, sintáticas e lexicais” (RAMÍREZ, 1999, p. 40, tradução nossa).

Pensar em Dialetologia, no caso do Brasil, é, sem dúvida, pensar em pluralidade, contatos e heterogeneidade linguística, reconhecer o processo extremamente variado de colonização do Brasil, tendo em vista suas dimensões continentais. Dentre os estudiosos brasileiros, destaca-se Amadeu Amaral, autor da primeira obra de Dialetologia brasileira, *O Dialeto Caipira* (1976 [1920]). Era preocupação do pesquisador a realização de pesquisa de campo com metodologia rigorosa e a busca pelo registro das formas em seus diferentes níveis fonológico e lexical.

Com *O Linguajar Carioca*, em 1923, Antenor Nascentes publica o que se pode considerar a segunda obra sobre a Geolinguística brasileira. Dedicado a Amadeu Amaral, o livro tinha grande interesse na fala popular e, em 1953, é republicado com vários avanços e melhoras. Em continuidade, Serafim da Silva Neto em 1950 publica *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. O autor é também fundador da Revista Brasileira de Filologia (1955). Celso Cunha também teve grande participação no aprofundamento dos estudos da área no país, principalmente com a criação de diversos eventos para divulgação das pesquisas e com sua atuação como professor e pesquisador na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em fins da década de 50 e durante toda a década de 60, passos importantes foram dados para o fortalecimento das pesquisas: a publicação das *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (NASCENTES, 1958); o *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* (1963), com resultados de pesquisas conduzidas por Nelson Rossi. A divisão, por Serafim da Silva Neto, do país em sete regiões: Amazônia, Nordeste Litoral, Nordeste Mediterrâneo, Planalto Central, Centro-Oeste, Centro-Leste e Sul.

O 1º Simpósio de Filologia Românica e o 1º Congresso Brasileiro de Etnografia e Dialectologia, ambos realizados em 1958, são eventos significativos para o início da descrição dialetal do português brasileiro. Apesar de, à época, serem apontadas muitas necessidades da área, como a criação de um alfabeto fonético das línguas espanhola e portuguesa e a elaboração de um atlas linguístico etnográfico do Brasil, muito pouco conseguiu efetivamente se fazer, mas deixou sementes para futuras pesquisas que mais tarde seriam desenvolvidas.

1.4 A DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

Enquanto a Dialetoologia Monodimensional possui como foco o registro areal da variação linguística, a Dialetoologia Pluridimensional desdobra a arealidade nas dimensões sociais. Abbé Jean Rousselot (1887 *apud* POP, 1950) identifica o fenômeno da variação não só na dimensão diatópica, mas também diageracional, diassexual e diastrática.

Dauzat (1922) aponta para o fato de que os dialetos falados nas montanhas e nas planícies eram diferenciados, pois o isolamento nas montanhas era maior; reconhecia também a influência das línguas vizinhas nos falares de uma comunidade. O pesquisador verificava que essas influências externas poderiam resultar em mudanças em uma comunidade linguística e não em outra, devido ao contexto:

Enfin la variété de parlars – spécialement la variété lexicologique – est provoquée par des causes internes, phonétiques, homonymiques, etc. les rencontres homonymiques, qui si manifestent à tel endroit et non à tel autre, suivant les hasards des évolutions phonétiques, produisent des réactions, des transformations, des substitutions de mots qui varient selon les régions (DAUZAT, 1922, p. 158).¹⁴

A mutabilidade das línguas é condicionada pelo conjunto de situações históricas e geográficas às quais os falantes estão expostos, pela formação e colonização de uma comunidade, além das mudanças ocasionadas pelos fatores econômico e político. Na avaliação de aspectos exteriores à língua encontramos pistas sobre os percursos da variação.

A fala denuncia aspectos de vida dos indivíduos e das comunidades às quais pertencem, que a transformam e nela refletem suas próprias modificações sociais. Não é incomum, por exemplo, que um falante, ao cursar nível superior ou conquistar um posto de trabalho que exija melhor apresentação individual, procure adequar seu repertório ao padrão do ambiente.

Thun (2005) atribui aos trabalhos de Alvar o fato de a geolinguística ibero-românica peninsular e americana ter seguido a metodologia monodimensional: “não

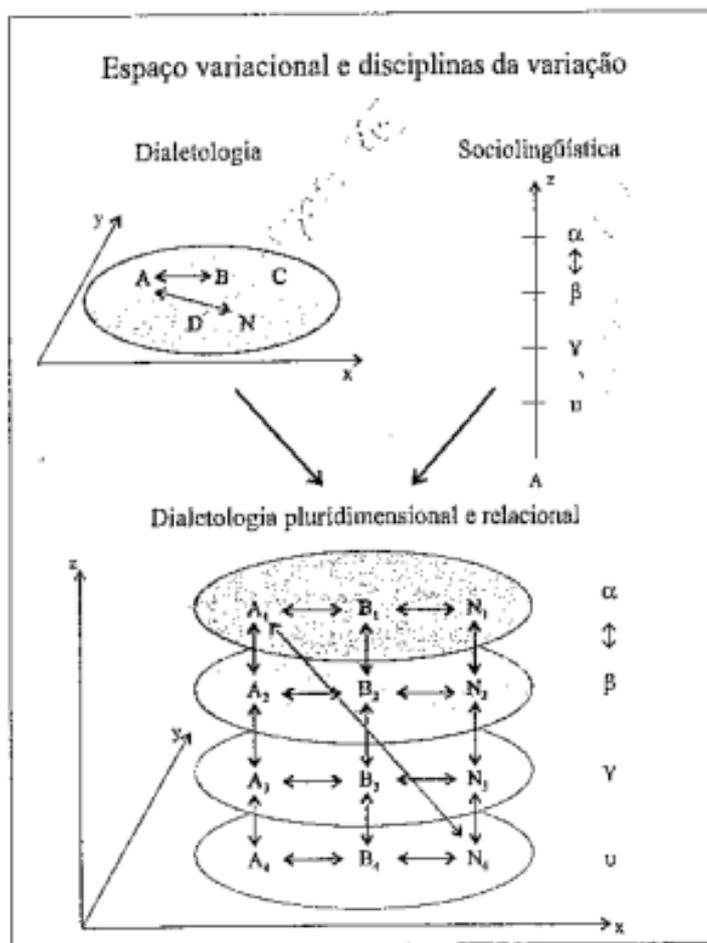
¹⁴ “Finalmente, a variedade de línguas - especialmente a variedade lexicológica - é causada por causas internas, fonéticas, homonímicas, etc. Os encontros homonímicos que se manifestam em tal lugar e não em outro, dependendo das chances de evoluções fonéticas, produzem reações, transformações, substituições de palavras que variam de acordo com as regiões” (DAUZAT, 1922, p. 158, tradução nossa).

faltaram, porém, apelos diretos ou indiretos à pluridimensionalidade” (THUN, 2005, p. 65). Como exemplos, o pesquisador cita o estudo *Español en Puerto Rico*, de 1966 e o *Atlas Lingüístico y Etnográfico de Andalucía – ALEA*, cujas publicações datam de 1961 (primeiro volume) e 1973 (sexto e último volume). Embora não seguissem criteriosamente a metodologia, as pesquisas apontavam para a necessidade de estudar a língua em seus demais aspectos – principalmente a diferença dos falares dos homens e mulheres, das várias classes (que chamavam de nobres, medianos e humildes), e das faixas etárias. Os eixos apontados, embora não fossem objeto de estudo à época, indicavam os principais grupos sociais que seriam posteriormente pesquisados.

Com a necessidade de análise dos dados relacionados ao eixo social, a Dialetoлогия Pluridimensional surge com o propósito de se preocupar com a estratificação social, e recobrir outros falares que não os mais “puros” (THUN, 1998), sem abandonar a eleição da rede de pontos, extrapolando a Sociolinguística.

No esquema abaixo, elaborado por Thun (1998), é possível visualizar os eixos de trabalho da Dialetoлогия Monodimensional, da Sociolinguística e da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional:

Figura 01 – Espaço variacional e disciplinas da variação cf. Thun (1998)



Fonte: THUN (1998, p. 705).

À esquerda, na parte superior, temos a representação visual da Dialetologia Monodimensional, com a preocupação em coletar os dados no nível diatópico. À direita, a Sociolinguística, com a seleção dos registros no nível social. Por fim, a Dialetologia Pluridimensional e Relacional cuja análise pode se dar no nível vertical, horizontal e relacional. Expande o nível diatópico, ao examinar também a estratificação social dos informantes e os pontos análogos entre as superfícies (THUN, 1998).

Assim, a Dialetologia Pluridimensional “se entiende como parte de la ciencia general de la variación lingüística y de las relaciones entre variantes y variedades por um lado y hablantes por el otro”¹⁵ (THUN, 1998, p. 704). O polimorfismo linguístico presente nas comunidades, as variações linguísticas inerentes a todas as línguas

¹⁵ “entende-se como parte da ciência geral da variação linguística e das relações entre variantes e variedades, por um lado, e falantes, por outro” (THUN, 1998, p. 704, tradução nossa).

vivas, as percepções dos falantes sobre a própria língua são, assim, postas à tona em fotografias cartográficas que revelam o movimento da fala heterogênea. A pluralidade de informantes, não prevista pela Dialetologia Monodimensional, enriquecem a coleta de dados e aumentam a representatividade da fala das comunidades.

Ao estabelecer as variáveis de análise, a Dialetologia Pluridimensional retrata a variação linguística das comunidades quebrando a ilusória igualdade linguística que deixava crer a Dialetologia Monodimensional. Unindo a Dialetologia Monodimensional à Sociolinguística, a Dialetologia Pluridimensional pretende fundir as áreas para que a realidade linguística dos pontos em análise traduza da maneira mais ideal possível a paisagem linguística das comunidades:

From the point of view of sociolinguistics, traditional dialectology is a bad sociolinguistics because it reduces the numerous social variables to a unique one. From the point of view of traditional dialectology, sociolinguistics is a bad dialectology because it reduces the areal dimension to a point¹⁶ (THUN, 2010, p. 02).

Para tornar possível a descrição linguística do interespaço, resolver o “problema” da Dialetologia Monodimensional, de descrever apenas no nível diatópico, e da Sociolinguística, de analisar as variantes linguísticas no interior das variáveis sociais em um único ponto, a Dialetologia Pluridimensional postulou variáveis que estabelecem um panorama representativo de análise do espaço físico e social, somada à diatopia.

As pesquisas pluridimensionais observam critérios na escolha dos informantes, que podem ser, entre outros, as variáveis diageracional, diassexual, diastrática e diafásica. As variáveis sociais se apresentam em dimensões e parâmetros que devem ser considerados para o registro dos fenômenos linguísticos. A dimensão diageracional refere-se às gerações dos informantes, como os mais jovens e os mais velhos. A dimensão diassexual registra as diferenças na fala de homens e mulheres. A dimensão diastrática tem como critério o nível de escolaridade, e a variação diafásica diz respeito ao grau de espontaneidade do informante/(in)formalidade em determinado(s) contexto(s), mais ou menos formais.

¹⁶ “Do ponto de vista da sociolinguística, a dialetologia tradicional é uma sociolinguística ruim porque reduz as inúmeras variáveis sociais a uma única. Do ponto de vista da dialetologia tradicional, a sociolinguística é uma dialetologia ruim porque reduz a dimensão de área a um ponto” (THUN, 2010, p. 02, tradução nossa).

Verifica-se que, durante análises realizadas nos mapas diatópicos, muitos autores apontavam para a necessidade de observar critérios extralinguísticos, conforme destaca Cardoso,

A Dialectologia e especificamente os estudos geolingüísticos deixam de apresentar-se numa visão predominantemente diatópica e passam a exibir, também cartograficamente, dados de natureza social. Isso vem mostrar, ainda, que a uniformidade diatópica pode sofrer desdobramentos sem, contudo, perder a sua inteireza e a sua integridade (CARDOSO, 2002, p. 10-11).

Para Thun, a Dialectologia Pluridimensional “focaliza as interrelações no espaço”, e responde a perguntas como: a) “Até que nível social se estende um fenômeno linguístico identificado numa área, entre os locutores de um mesmo grupo social?” b) “Até que zona chega um fenômeno constatado em uma ou várias camadas sociais que vivem num mesmo lugar?”. Respondendo a esses questionamentos, atinge-se o objetivo da “irradiação”, pois, com essa “dupla arealização”, tem-se uma visão completa, da superfície ao eixo social e do eixo social à superfície (THUN, 2005, p. 68). Nas palavras do autor,

Se a Dialectologia monodimensional, e com ela a Geolinguística tradicional, podem-se considerar como má sociolinguística porque reduzem a variação vinculada à estratificação social à variação que se dá num estrato só, a sociolinguística é também uma má dialectologia porque reduz a variação diatópica à variação de um só ponto (THUN, 2009, p. 536).

Ao atrelar os critérios da Dialectologia Monodimensional, como o estudo de diferentes pontos de localização, às variáveis sociais, e abrir o leque para a sistematização de variáveis, na concepção de Thun, a Dialectologia Pluridimensional emerge como metodologia para registrar o movimento da mudança linguística, por meio de fotografias linguísticas.

Ainda conforme Thun (2009), a Dialectologia Pluridimensional tem a possibilidade de registrar as mudanças da língua em seu estágio atual. Ao buscar informantes de diferentes faixas etárias, por exemplo, a pesquisa registra dados da fala mais jovem e mais velha: consegue recuperar, desse modo, formas que estão desaparecendo da língua, e formas que estão sendo introduzidas pela classe mais jovem.

Além da “dupla arealização”, a Dialectologia Pluridimensional se destaca por estudar fenômenos que revelam aspectos da língua viva, dinâmica e heterogênea:

Son de igual interés las variedades mixtas, los fenómenos de contacto lingüístico entre lenguas contiguas o superpuestas de minorías y de mayorías, formas regionales, la variación diafásica (o estilística), el comportamiento lingüístico de los grupos topodinámicos (demográficamente móviles) contrastado con el de los grupos topostáticos (poco móviles en el espacio), la actitud metalingüística de los hablantes comparada con su comportamiento lingüístico, y otro parámetros más (THUN, 1998, p. 706).¹⁷

No que concerne ao estágio atual das pesquisas, Thun (1998) cita como principais desafios a tentativa de melhorar a recolha de dados, observar como se formam as estruturas a partir da visão dos fatos individuais do falante e de expandir o aspecto diatópico para outras dimensões, tais quais observadas acima.

A investigação sobre o registro da variação linguística em diferentes variáveis sociais já está presente em atlas bidimensionais, principalmente na variável sexo. Há atlas linguísticos, como o ALPR (AGUILERA, 1994), que registra a bidimensionalidade na descrição dos fenômenos linguísticos sem recursos computacionais na confecção das cartas. Destaca-se, assim, que a Dialectologia Pluridimensional requer, também, sistemas e recursos tecnológicos avançados para o registro dos fenômenos das dimensões diatópicas e socioculturais, nas cartas linguísticas.

Complementa Cardoso, sobre os avanços dos estudos dialetológicos:

À preocupação com a identificação das diferenças espaciais, ponto de partida das pesquisas dialetais, somam-se, num processo de apuração e depuração do método, a priorização da recolha *in loco* dos dados, a busca dos elementos etnográficos complementares aos dados linguísticos e, finalmente, a inserção de variáveis sociais nos critérios de escolha dos informantes, capazes de tornar mais explícitas as relações língua e sociedade, fatos linguísticos e fatos sociais, e trazer a juízo causas dantes não conhecidas (CARDOSO, 2001, p. 35).

¹⁷ “São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou sobrepostas de minorias e de maiorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico de grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastando com o de grupos topostáticos (pouco móveis no espaço), a atitude metalinguística dos habitantes com seu comportamento linguístico e outros parâmetros mais” (THUN, 1998, p. 706, tradução nossa).

Isso é possível graças à quebra de barreiras permitidas pela globalização e pela tecnologia. Ainda não totalmente explorados em suas possibilidades, os meios de comunicação facilitam o trabalho dos geolinguistas e, ao mesmo tempo, mostram a necessidade sempre maior de pesquisas. Vem desenterrar questões como incongruência dos limites linguísticos e políticos que, nem sempre, ou quase nunca, se acordam. Desperta também questões sociais como os acessos desiguais da população aos meios e bens de comunicação e de cultura e as diferentes representações frente aos poderes públicos e tomadores de decisões na sociedade.

Considerar, estudar e eleger a variação como prioridade é tarefa essencial para quem observa a língua em seu caráter dinâmico e mutável. A língua cotidiana, principal via de comunicação social, falada por pessoas de todas as classes, sexos, idades e em diferentes contextos, tornou-se, após muitas décadas de exclusão, o foco de uma pesquisa que não apenas a reconhece como pertencente ao leque de objeto de estudos, mas a categoriza e a sistematiza:

É justamente a Geolinguística a disciplina que foi encarregada de registrar, num espaço mais ou menos extenso, a coexistência de formas entre as quais o grupo de falantes faz a escolha de uma “candidata” eleita para substituir uma forma velha. Por outro lado, ocupando-se do uso coletivo de signos sonoros e das suas agrupações, a Geolinguística torna-se assim uma ciência social (THUN, 2009, p. 533).

Com a exclusão de diferentes formas de coexistência da língua em diferentes grupos, na mesma comunidade, a Geolinguística, embora fosse social, não abordava muitas variantes. Ao elaborar o ALF, Gilliéron instituiu a Geolinguística como ramo da Linguística, porém, tornou-a restrita, limitada. A leitura de dados provindos de outros grupos representativos e de outros membros do mesmo grupo fez-se necessária, e com isso a Dialetoлогия abre seus caminhos para o controle de variáveis.

Para romper com o dado, há que se justificar a necessidade da mudança, e foi assim que a Geolinguística, “unindo-se” à Sociolinguística, expandiu os grupos e critérios de análise, tornando-se Geossociolinguística ou Dialetoлогия Pluridimensional. Embora pesquisar os demais grupos sociais de análise só tenha sido efetivado anos depois, há muito se discutia a necessidade de abrir o leque de informantes, o que reforça, mais uma vez, a defesa da Dialetoлогия Pluridimensional. Palavras como “polimorfismo”, “intergrupar”, “intragrupar” e “intraindividual” começam a fazer parte dos estudos pluridimensionais.

O principal destaque da Dialetoologia Pluridimensional é o fato de poder acompanhar as mudanças linguísticas enquanto estão ocorrendo, pois observa a língua sob os seguintes eixos:

Quadro 01 – Aspectos da Dialetoologia Monodimensional e/ou Pluridimensional

Eixo	Tarefa atribuída à Dialetoologia Monodimensional (DM) ou Dialetoologia Pluridimensional (DP)	Exemplo
Nanocronologia: segmentos de formas na fala de um informante em um estilo contínuo	DM / DP	Palatalização das oclusivas dentais
Microcronologia: formas na fala de um informante em estilos diferentes	DP	Leitura, conversa, resposta
Mesocronologia: fala de informantes que pertencem a grupos distinguidos por idade, sexo, escolaridade, etc., mas conviventes num tempo dado	DP	Léxico em duas regiões distintas.
Macrocronologia fala de informantes que pertencem a gerações que se seguem, unidas pela “continuidade de estafeta” (H. Lüdtke) J.	DM/DP	Italianismos léxicos no Uruguai

Fonte: adaptado de Thun (2009, p. 537).

Em relação à metodologia a ser seguida para a construção de um estudo inserido na Dialetoologia Pluridimensional, chamada de Geossociolinguística por Razky, Oliveira e Lima (2020), alguns passos devem ser adotados:

- a) A eleição da comunidade linguística, que em rápidas palavras poderia ser definida como um grupo de falantes que segue um “princípio de convergência”, compartilhando regras e/ou atitudes de uso da língua (RAZKY; OLIVEIRA; LIMA, 2020, p. 19);
- b) A observação do uso de regras categóricas (princípios invioláveis da gramática) e, principalmente, de regras variáveis (a escolha entre duas ou mais formas para dizer a mesma coisa);
- c) O estudo de uma ou mais variáveis (a realização da vibrante, por exemplo) e de suas variantes (tepe, glotal, vibrante múltipla, velar...);

d) A influência dos fatores condicionantes externos ou sociais (sexo, faixa etária, escolaridade...) e internos ou linguísticos (classe gramatical, posição do fonema na palavra...);

e) A perspectiva temporal, que pode ser em tempo real ou em tempo aparente. No primeiro caso, estuda-se a língua em diferentes momentos do tempo; no segundo caso, parte-se da perspectiva de que o repertório linguístico dos falantes se forma até os quinze anos de idade. Dessa forma, ao selecionar falantes de diferentes faixas etárias, tem-se o recorte da língua em um único momento da história, mas observam-se os estados da língua conservado na fala dos indivíduos.

f) A atitude linguística dos falantes que, segundo Razky, Oliveira e Lima (2020), exerce influência sobre os fatores de conservação e mudança linguística.

g) Os monitoramentos linguísticos que os falantes fazem são de relevância para o pesquisador geossociolinguista. Podem ser estereótipos (geralmente de ordem pejorativa), marcadores (traços linguísticos marcados socialmente, mas que não carregam, necessariamente, avaliações negativas) e indicadores (variações que, embora sejam estratificadas socialmente, são inconscientes, devido ao amplo uso).

h) Parte essencial na pesquisa geossociolinguística é a coleta de dados, feita por meio de pesquisa de campo. As ferramentas mais utilizadas são os questionários fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático, além da realização das entrevistas e a leitura de textos. Embora sejam as mais comuns, podem ser utilizadas outras técnicas, como o discurso semidirigido, por exemplo.

Nem todas as etapas são realizadas em todas as pesquisas, a depender dos objetivos do pesquisador. Há diferentes dimensões que podem ser estudadas na pesquisa geolinguística, mas as mais comuns são a dimensão diatópica, a diageracional, a diassexual e a diastrática.

Unindo fatores condicionadores que abordam o espacial, social, linguístico e temporal, Razky, em 1996, elaborou o “Atlas Geossociolinguístico do Pará”, do qual é coautor. Após a publicação do atlas, o termo “geossociolinguística” tem sido utilizado em larga escala por pesquisadores brasileiros, pois agrega fatores sociolinguísticos a geolinguísticos, isto é, apresenta os dialetos (a norma da comunidade) afetados por fatores de ordem gramatical, linguística e social.

Nas palavras de Cardoso (2001) encontramos as considerações do papel da Dialetoologia contemporânea, que deve preservar a sua essência areal na descrição da história das línguas nos seus diversos falares, incorporando os princípios metodológicos que permitem registrar a dinamicidade da fala nas dimensões sociais:

Creio que a geolingüística hoje, neste final de milênio, começo de um novo, deve continuar a priorizar a variação diatópica, abrindo, porém, espaço para o controle de outras variáveis como sexo, idade e escolaridade, sem a busca obcecante da quantificação, mas tomando-as, de forma exemplificativa e não exaustiva, de modo a complementar os próprios dados areais pois, não se propondo dizer o absoluto – essa é uma região exclusiva de tal ou qual fenômeno, retrata as particularidades sem assegurar o caráter de exclusividade (CARDOSO, 2001, p. 42).

Ao realizar pesquisas pluridimensionais, é possível explicitar a dinâmica e trajetória de grupos de desbravadores, comprova a variabilidade das línguas e o abandono ou permanência das formas linguísticas.

1.5 ATLAS E ESTUDOS GEO(SOCIO)LINGUÍSTICOS

Nesta subseção apresentamos uma síntese de atlas já publicados no Brasil, baseados nas pesquisas de Isquierdo (2006) e Busse (2010). Na sequência, atualizamos os resultados selecionados pelas autoras como “em andamento”, “concluídas, mas não publicadas” e tentamos trazer dados sobre aquelas que as autoras, à época, não conseguiram encontrar informações.

Um dos primeiros pontos a destacar é o grande avanço dos mapas pluridimensionais, como são feitos atualmente, em sua grande maioria. Os recursos computacionais existentes hoje, como programas específicos para a leitura de dados linguísticos, por exemplo, e a maior facilidade quanto ao armazenamento de dados são responsáveis por permitir à geossociolinguística um olhar mais completo sobre os fenômenos em uma ou mais localidades, no mesmo espaço de tempo. Cardoso (2001) afirma que

Os estudos dialectológicos propriamente ditos iniciam-se num momento da história, século XIX, em que a individualidade geográfica de cada região estava resguardada seja pelo isolamento decorrente da frágil rede de estradas, seja pela dificuldade de comunicação, seja, ainda, pela inexistência de meios tecnológicos que permitissem a

interação à distância entre as diferentes áreas, mas resultaram, principalmente, da preocupação com o resgate de dados e a documentação dos diferentes estágios da língua (CARDOSO, 2001, p. 26).

A necessidade cada vez mais evidente da inclusão das variáveis sociais nos estudos de dimensão diatópica uniu-se a melhores condições de locomoção e de recursos de armazenamento de dados, tornando propícia a realização de estudos pluridimensionais.

A Geolinguística e a cartografia das variáveis nos mapas também permitiram observar a presença, frequência e amplitude dos fenômenos linguísticos. Margotti (2008) destaca:

Um mapa pluridimensional, que representa a variação de um item fonético-fonológico, num determinado estilo de fala, pode indicar importante tendência de mudança lingüística. [...] Essa capacidade cresce ainda mais quando se agregam aos mapas pluridimensionais outras informações estatísticas através da legenda ou de gráficos. Através dos mapas geolingüísticos pluridimensionais, mais simples ou mais complexos, é possível visualizar o grau e o modo de variação do fenômeno, fornecendo argumentos mais consistentes para as conclusões (MARGOTTI, 2008, p. 09).

Os primeiros mapas e estudos dialetológicos eram, em sua grande maioria, monodimensionais. A falta ou precariedade de estradas e de recursos humanos e materiais eram grandes barreiras para a realização das pesquisas nas quais fosse observada uma rede de pontos extensa, com informantes representativos de todas as variáveis sociais. Foi o que ocorreu com a primeira proposta do atlas nacional brasileiro.

Na década de 1950, Silva Neto (1950), Nascentes (1953, 1958) e Cunha (1980) sonharam com a ambiciosa ideia de construir um atlas nacional brasileiro. Como se pode avaliar, devido aos inúmeros obstáculos, o projeto não pôde ser concretizado. Surge a proposta de elaboração de atlas regionais e estaduais que pudessem, posteriormente, compor o atlas. Os desafios que se colocavam, neste período, estavam relacionados aos critérios metodológicos para a seleção de informantes, para a definição da rede de pontos e do instrumento para a coleta dos dados.

O atlas estadual pioneiro no Brasil foi o *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* (ROSSI *et al.*, 1963). A ele seguiu-se o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (RIBEIRO *et al.*, 1977). Posteriormente, foi publicado o *Atlas Lingüístico da*

Paraíba – ALPB (ARAGÃO; MENEZES, 1984); o *Atlas Lingüístico do Sergipe* – ALS (ROSSI *et al.*, 1987); o *Atlas Linguístico do Paraná* – ALPR (AGUILERA, 1994); o *Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil* – ALERS (KOCH *et al.*, 2002); o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* – ALISPA (RAZKY, 2004) e o *Atlas Linguístico de Sergipe II* – ALS II (CARDOSO, 2005).

Em seguida às pesquisas de Isquerdo (2006), encontramos em Busse (2010) algumas atualizações:

a) a publicação do *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* – ALMS, dirigido por Oliveira (2007) e *Atlas Linguístico do Ceará*, coordenado por Bessa (2010).

b) Na última década, foram publicados o *Atlas Linguístico de Pernambuco* – ALiPE (SÁ, 2013) e o *Atlas Linguístico do Amapá* – ALAP (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017), o *Atlas Etnolinguístico do Acre* – ALAC (KARLBERG, 2018) e *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins* – ALITTETO (SILVA, 2018).

c) Há atlas estaduais concebidos e concluídos como tema de teses, como o *Atlas Linguístico do Amazonas* – ALAM (2004), de Cruz, se encontra em fase de publicação; o *Atlas Linguístico do Paraná II* – ALPR II, de Altino (2007).

Em nossas pesquisas, encontramos outros atlas concluídos, conforme o quadro 02.

Quadro 02 – Atlas Linguísticos publicados

Nome do atlas	Autoria	Dissertação (D) Tese (T)	Rede de pontos	Ano de publicação
Atlas Municipais				
<i>Atlas Linguístico-Léxico-Semântico de Iguatu</i> – ALLg	LIMA, Fabiana dos Santos	D	Iguatu	2009
<i>Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e em tempo aparente</i> – AgeLO	ROMANO, Valter Pereira	D	Londrina	2012
<i>Atlas linguístico de Curiúva</i> – PR: aspectos lexicais	SIQUEIRA, Fátima da Silva	D	Curiúva	2015

Atlas Microrregionais				
<i>Atlas geolinguístico potiguar – ALiPTG</i>	PEREIRA, Maria das Neves	T	Natal, Canguaretama, Touros, Macau e Areia Branca – RN	2007
<i>Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro – Micro AFERJ</i>	ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos	T	São Francisco de Itabapoana, Quissamã, Cabo Frio, Itaguaí, Parati, Porciúncula, Santa Maria Madalena, Cantagalo, Cachoeiras de Macacu, Valença, Três Rios e Resende – RJ	2008
<i>Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco – ALMASPE</i>	ALMEIDA, Edilene Maria de Oliveira		Ribeirão, Sirinhaém, Belém de Maria, Palmares, Barreiros, São Benedito do Sul – PE	2009
<i>Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do Litoral Norte de São Paulo</i>	ENCARNAÇÃO, Márcia Regina Teixeira da	T	Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – SP	2010
<i>Atlas Semântico-lexical do Norte de Mato Grosso – ASLNMAT: Suas Influências Topodinâmicas</i>	AZEVEDO, Antônio Tadeu Gomes de	D	Alta Floresta, Colíder, Guarantã do Norte, Peixoto de Azevedo e Sinop – MT	2015
Atlas Mesorregionais				
<i>Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará – AGQUINPA</i>	DIAS, Marcelo Pires	T	Salgado, Bragantina, Cametá, Tomé-Açu, Guamá – PA	2017
<i>Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso – ALMESEMT</i>	CUBA, Marigilda Antônio	D	Alto Araguaia, Campo Verde, Dom Aquino, Guiratinga, Itiquira, Poxoreo, Rondonópolis e Tesouro – MT	2007
Atlas Regional				

<i>Atlas Linguístico Pluridimensional do Português Paulista: níveis semântico-lexical e fonético-fonológico da região do Médio Tietê</i>	FIGUEIREDO JUNIOR, Selmo Ribeiro	T	Santana de Parnaíba, Pirapora do Bom Jesus, Araçariguama, São Roque, Sorocaba, Itu, Porto Feliz, Tietê, Capivari e Piracicaba – SP	2018
--	----------------------------------	---	--	------

Fonte: ISQUERDO (2006); BUSSE (2010); GALLI (2022).

Permanecem como projetos em andamento o Atlas Geossociolinguístico do Pará – ALiPA (RAZKY); o *Atlas Linguístico do Espírito Santo* – ALES (RODRIGUES), o *Atlas Linguístico do Maranhão* – ALiMA (RAMOS) e o *Atlas Linguístico de Rondônia* – ALiRO (TELLES).

Outro projeto em andamento é o *Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas* – ALiPAI (RAZKY) que focaliza áreas indígenas brasileiras inicialmente nos estados do Pará, Maranhão, Amapá e Amazonas. No Rio Grande do Sul, está sendo elaborado, na UFRGS, em parceria com a Christian-Albrecht-Universität de Kiel – CAU, Alemanha, o *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata* – ALMA-H (THUN; ALTENHOFEN). Seguindo os pressupostos da Dialectologia Pluridimensional e Relacional (THUN, 1998), o macroprojeto analisa a variação do Hunsrückisch em 38 pontos de inquérito, que engloba três pontos no Paraguai, três em Misiones na Argentina e Sul do Brasil, vinte e três nos estados do Rio Grande do Sul, seis em Santa Catarina e três no Paraná. Além da análise diatópica, recobre também os eixos diatópico-cinético, diastratático, diageracional, diassexual, dialingual, diafásica, diarreferencial e diarreligioso. Os informantes seguem o modelo em formato de cruz proposto por Thun (2005) que orienta também o trabalho de Busse (2010), em exame nesta tese.

Desde 1990, Cléo Vison Altenhofen realizou diversas viagens de campo para coletar as entrevistas, em parceria com Harald Thun, que também coordena o projeto, e pesquisadores que contribuem com a elaboração do atlas, como Marcelo Jacó Krug, Cristiane Horst, Joachim Steffen e outros. O questionário inicia com a identificação dos informantes, com trinta e sete perguntas; pequena descrição da localidade, com quatro perguntas; parte linguística, com quatrocentas e uma perguntas; leituras em

alemão-padrão e em português; *corpus* de etnotextos e *corpus* de material iconográfico. No site¹⁸ do projeto há maiores informações sobre o trabalho.

Destacamos também o *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira – ALCF*, coordenado pelos professores doutores Cristiane Horst e Marcelo Jacó Krug. Trata-se de um projeto da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* de Chapecó. Com o objetivo de elaborar um atlas linguístico do Oeste Catarinense, o grupo pesquisa a diversidade linguística presente na região, na qual se encontram línguas indígenas e de imigração. Para Fornara e Horst (2016), há “necessidade crescente de estudos em prol das línguas minoritárias, visto que a falta de informações referentes a tais línguas reflete em atitudes equivocadas que geram a estigmatização dos falantes” (FORNARA; HORST, 2016, p. 02).

O grupo de estudos possui uma conta no Instagram¹⁹ na qual divulga textos e publicações sobre as temáticas em estudo. No projeto, são eleitos trinta e seis pontos de coleta em uma pesquisa no nível diatópico, diastrático, diassexual e diageracional. Segundo Fornara e Krug (2017), “para cada grupo de falantes de variedades distintas, aplica-se um questionário próprio em sua língua” (FORNARA; KRUG, 2017, p. 03). O projeto visa enaltecer a importância de outras línguas, além do português, presente na região, para toda a sociedade.

Certamente outros trabalhos de ênfase, não citados por nós, estão sendo desenvolvidos em todo o território brasileiro sob a forma de projetos, dissertações e teses.

1.5.1 ALiB e Estudos Geossociolinguísticos

Em 20 de março de 1952, quando se publicou o decreto 30.463, que oficializava a criação de um Atlas Linguístico Nacional, a ideia de finalmente colocar um sonho antigo em prática pareceu mais concreta aos olhos dos dialetólogos Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Antenor Nascentes. Porém, mesmo com todo o empenho que teve a equipe, e com os trabalhos que realizaram, as dificuldades enfrentadas – como a dimensão continental do nosso país, a dificuldade de acesso e de comunicação a algumas regiões – somente em 1996 Suzana Alice Cardoso e Jacyra Mota, professoras e pesquisadoras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), por meio da

¹⁸ <https://www.ufrgs.br/projalma/macrojeto-alma-h/>

¹⁹ https://www.instagram.com/p/CcWAqmOFyCy/?utm_source=ig_web_copy_link.

realização do Seminário “Caminhos e perspectivas da Geolinguística no Brasil”, dão impulso ao Projeto do Atlas Linguístico do Brasil.

Passados dezoito anos de pesquisas, são publicados os dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil, pela Editora da Universidade Estadual de Londrina (Eduel). O volume I é o de Introdução e o Volume II apresenta 159 cartas linguísticas, com dados de 25 capitais de estado. O lançamento ocorreu no III Congresso de Dialectologia e Sociolinguística (III CIDS), realizado em Londrina, em homenagem à Cardoso e Mota, em outubro de 2014.

O projeto segue em andamento, com as publicações dos próximos volumes já programadas. É prevista a divulgação dos resultados das 225 localidades restantes. Pretende-se acrescentar estudos interpretativos de alguns resultados, além de informações de natureza acústica que permitam acesso à elocução do informante ou exibir as cartas, mapas e registro das informações diretamente por meio do site do projeto²⁰ na Internet.

A rede de pontos definida foi de 250 localidades do país, considerando-se sua densidade demográfica e a extensão de cada região ou estado. Todas as capitais estão incluídas, exceto Brasília (Distrito Federal) e Palmas (Tocantins) devido à sua jovialidade (em termos de fundação das cidades) e conseqüente falta de informantes nascidos na localidade, principalmente os da faixa etária II, de 50 a 65 anos, à época da coleta dos dados.

Totalizando 1100 informantes, distribuídos em duas faixas etárias, de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos, os informantes deveriam ser nascidos na localidade. Além da variável faixa etária, é observada também a variável sexo e a escolaridade dos informantes, que não deve ser maior que ensino fundamental, e cuja profissão não exija grande mobilidade do contexto social de vivência. Nas capitais, acrescentam-se quatro informantes de nível universitário, que seguem o mesmo perfil de sexo e faixa etária. Trata-se, portanto, de um estudo inserido na metodologia da Dialectologia Pluridimensional.

Sobre as questões utilizadas nos questionários, as autoras esclarecem:

Os questionários contemplam os dois tipos básicos de pergunta citados por Chambers e Trudgill (1994, p. 47): as perguntas *naming*, em que se solicita ao informante uma denominação, utilizando, quando necessário, os recursos de mímica, gravuras, fotos ou de

²⁰ <https://alib.ufba.br/>

apresentação de objetos (*realia*), e as do tipo *completing*, em que se espera que o informante complete a elocução do inquiridor com um determinado vocábulo, utilizadas, sobretudo, no QFF²¹ (CARDOSO *et al.* 2014, p.107, grifos dos autores).

Quanto aos questionários aplicados nas entrevistas, dividem-se em três eixos: fonético-fonológico com cento e cinquenta e nove perguntas e onze questões de prosódia; semântico-lexical com duzentas e duas perguntas e morfossintático com quarenta e nova perguntas. Além dessas, há quatro perguntas de pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas de metalinguística e um texto para leitura.

Em relação aos temas do questionário, foram distribuídos por áreas semânticas: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios e vida urbana. Os temas foram escolhidos de modo a representar a fala brasileira, em toda sua heterogeneidade, a despeito dos regionalismos ou particularidades.

O questionário foi elaborado a partir de pesquisas e atlas anteriores, como o Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, 1963), Atlas Lingüístico de Sergipe (FERREIRA *et al.*, 1987), ALPR (AGUILERA, 1994), entre outros estudos (CARDOSO *et al.*, 2014).

Em relação ao Questionário Semântico-Lexical (QSL), foi possível observar a existência de algumas lexias em uso apenas nas gerações mais velhas, ou presentes apenas nas gerações mais jovens, ou ainda variantes de nível diastrático (CARDOSO *et al.*, 2014). Sobre o objetivo, os autores afirmam que

O QSL procurava documentar a variação diatópica, buscando denominações de emprego mais geral na localidade, sem priorizar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de grupos, que se admite devam figurar em questionários de atlas ou monografias regionais (CARDOSO *et al.*, 2014, p. 112).

No que se refere ao questionário fonético-fonológico, em relação às vogais, procurou-se observar as variáveis:

²¹ Abreviação das autoras para Questionário Fonético-Fonológico (QFF).

- a) vogal média em posição inicial de vocábulo, em sílaba aberta, como em elétrico (11);
- b) vogal média seguida por /S/ final de sílaba, como em estrada (67);
- c) vogal média seguida de vogal média fechada na sílaba subsequente, como em defesa (97);
- d) vogal média seguida de vogal alta na sílaba subsequente, como em ferida (123);
- e) vogal média seguida de vogal aberta na sílaba subsequente, como em pecado (109);
- f) vogal média seguida de vogal nasal ou nasalizada na sílaba subsequente, como em fervendo (107)²².

Sobre o registro das consoantes, foram delimitadas as realizações para:

- a) a realização das consoantes /s, r, l/, em coda silábica, como em luz (9);
- b) a presença de variantes dentais ou palatalizadas das oclusivas /t, d/ diante de vogal média alta, como em tarde, e alta, como em tio (131);
- c) a variação entre realizações oclusivas dentais /t/ e /d/ e africadas alveopalatais [tʃ, dʒ], depois de semivogal palatal, em vocábulos como muito (77);
- d) a despalatalização ou iotização da consoante lateral palatal, em trabalhar (80);
- e) a realização dos grupos consonânticos formados de consoante + /l/, como em clara (33);
- f) a emissão sincopada de vocábulos proparoxítonos, como lâmp(ad) a (10);
- g) a metátese do rótico, como em partilera para prateleira (3).

Nos fenômenos de d) a g) procurou-se explorar a atuação da variação diastrática no registro dos fenômenos.

Os informantes escolhidos para as entrevistas eram sempre dois homens e duas mulheres em cada localidade e, nas capitais, o total era de oito informantes (devido à variável escolaridade – nível universitário). Quanto à faixa etária, os informantes deveriam ter entre 18 e 30 anos, na primeira faixa etária, e entre 50 e 65 anos os da segunda. Os indivíduos não poderiam ser analfabetos, mas sim com baixa escolaridade e com empregos que não exigissem viagens. Todos deveriam ser filhos de brasileiros.

²² Os exemplos são de CARDOSO *et al.* (2014).

Para identificar os informantes, os homens foram assinalados com números ímpares e as mulheres com números pares, sendo de 1 a 4 os que possuísem nível de escolaridade fundamental e de 5 a 8 para os de nível universitário, no caso das capitais.

No Quadro 03, encontram-se os municípios que compõem da rede de pontos do ALiB no Paraná.

Quadro 03 – Rede de pontos do ALiB (2014) no Paraná

207 Nova Londrina	212 Campo Mourão	217 São Miguel do Iguçu	222 Lapa
208 Londrina	213 Cândido de Abreu	218 Imbituva	223 Barracão
209 Terra Boa	214 Piraí do Sul	219 Guarapuava	
210 Umuarama	215 Toledo	220 Curitiba	
211 Tomazina	216 Adrianópolis	221 Morretes	

Fonte: Cardoso *et al.* (2014).

Além dos atlas regionais e o nacional, há também estudos geossociolinguísticos, cuja proposta é analisar, no português brasileiro falado em cidades(s) ou região(ões), determinados aspectos linguísticos em diferentes contextos. O Quadro 04 mostra alguns estudos realizados sobre a fala no Paraná.

Quadro 04 – Estudos Geossociolinguísticos produzidos no Paraná

Estudo geossociolinguístico	Autoria	Dissertação (D) Tese (T)	Ano de publicação
<i>Aspectos linguísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolinguístico</i>	LINO, Fádua Maria Moisés	D	2000
<i>Pelos caminhos da Geolinguística Paranaense: um estudo da fala popular de Adrianópolis</i>	ALTINO, Fabiane Cristina	D	2001
<i>Em busca de uma história para o léxico rural paranaense</i>	RODRIGUES, Rosa Evangelina de Santana Belli	T	2007
<i>Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná – Volume I</i>	BUSSE, Sanimar	T	2010
<i>O português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai</i>	CARLO, Valeska Gracioso	T	2015
<i>A variação lexical da Rota do Café: estudos geossociolinguísticos no norte do Estado do Paraná</i>	RIBEIRO, Thiago Leonardo	D	2017

Fonte: ISQUERDO (2006); BUSSE (2010); GALLI (2022).

As pesquisas realizadas e apresentadas acima, assim como o resgate linguístico que se propõe nesta tese, auxiliam a delinear a paisagem linguística do Paraná.

Neste capítulo apresentamos as teorias variacionistas que embasaram nosso trabalho, além de observarmos as diferenças entre a Dialetologia Mono e Pluridimensional. Também, elaboramos quadros com estudos dialetológicos publicados e sua referência para a nossa pesquisa.

No capítulo seguinte observamos a realização fonética da oclusiva dental surda e sonora, com foco na descrição do fenômeno e em pesquisas sobre o tema no Sul do Brasil.

2 FENÔMENOS FONÉTICOS EM ANÁLISE: OCLUSIVA DENTAL SURDA E SONORA

Nesta seção apresentamos os fenômenos fonéticos em análise e os resultados de estudos publicados sobre o tema no Sul do Brasil. Na primeira subseção, apresentamos as consoantes, com foco na descrição da oclusiva dental surda e sonora. A seguir, traçamos um breve panorama da classificação das vogais, em evidência o alçamento vocálico.

2.1 CONSOANTE OCLUSIVA DENTAL SURDA E SONORA

A língua portuguesa passou por transformações até chegar ao estágio em que hoje a conhecemos. Em relação às consoantes, no latim, segundo Câmara Jr. (1992 [1970]), havia predomínio de consoantes oclusivas. Além destas, havia duas nasais, duas constrictivas e duas líquidas. Ademais, as consoantes podiam germinar-se, como visualizamos em Lima, Andrade e Oliveira (2012).

Quadro 05 – Consoantes homogêneas

Consoantes homogêneas	Simplificação	Latim	Português
cc	c	<i>bucca</i>	boca
ff	f	<i>effectu</i>	efeito
ll	l	<i>illa</i>	ela
mm	m	<i>flamma</i>	chama
nn	n	<i>pannu</i>	pano
pp	p	<i>stuppa</i>	estopa
tt	t	<i>gutta</i>	gota

Fonte: Lima, Andrade e Oliveira (2012, p. 154).

De acordo com Melo (1981 *apud* LIMA; ANDRADE; OLIVEIRA, 2012), na fase arcaica do português as consoantes que se dobravam eram, principalmente *r*, *s*, *f*, *l*, *m*. Lima, Andrade e Oliveira resgatam ainda a afirmação de Coutinho (1976 *apud* LIMA; ANDRADE; OLIVEIRA, 2012), de que as consoantes geminadas latinas, no interior de

palavras, tornam-se consoantes simples em português; este processo iniciou-se ainda no latim vulgar. Segundo Lima, Andrade e Oliveira (2012), a redução das consoantes dobradas fez parte da proposta de reformulação do português de Medeiros e Albuquerque (1907), já apontada por Viana (1904).

Em alguns contextos, as consoantes geminadas permaneceram, como no caso do *r* e do *s* no português brasileiro. Verifica-se que, na língua italiana, muitas consoantes podem ser duplicadas, as chamadas “doppia”: *coppia* – casal; *donna* – mulher; *sette* – sete, entre outras. De origem neolatina comum, o italiano parece ter preservado mais as consoantes duplas, enquanto o português a restringiu a poucos casos.

Na classificação das consoantes da língua portuguesa, Câmara Jr. (1992 [1970]) considera que as consoantes podem estar em posição intervocálica ou não-intervocálica, como em início de palavra, em contexto medial ou depois de outra consoante da sílaba anterior. Para o autor, as consoantes podem ser oclusivas, constrictivas, nasais, laterais e vibrantes. Nas oclusivas e constrictivas, há oposição entre surdas e sonoras. Para os demais casos, dividem-se em nasal labial, dental e palatal. Quanto à posição intervocálica, o autor classifica em dezenove as consoantes contrastivas no português brasileiro. Um exemplo do autor é o par /p/ e /b/ em “roupa” e “rouba” (CÂMARA JUNIOR, 1992 [1970], p. 48).

Sobre uma classificação atual das consoantes em português, Cristófaros-Silva (2019 [1999]) apresenta um quadro descritivo, com o ponto e o modo de articulação:

Figura 02 – Símbolos fonéticos consonantais relevantes para transcrição do português (CRISTÓFARO-SILVA, 2019 [1999])

Articulação Maneira Lugar	Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva desv voz	p b		t d			k g	
Africada desv voz				tʃ dʒ			
Fricativa desv voz		f v	s z	ʃ ʒ		x ɣ	h ɦ
Nasal voz	m				ɲ ỹ		
Tepe voz			r				

Vibrante voz			R				
Retroflexa voz			ɻ				
Lateral voz			l ɭ		ʎ		

Fonte: Cristófar-Silva (2019 [1999], p. 37).

Considerando o foco de estudo desta tese, as variantes para a oclusiva dental surda e sonora, seguida da vogal alta anterior, elaboramos, a seguir, um quadro com a descrição dos fonemas e exemplo de registro.

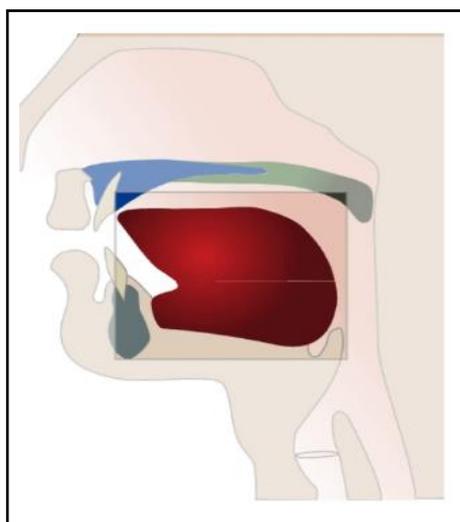
Quadro 06 – Variantes das oclusivas dentais

Variáveis	Descrição dos sons	Exemplos – variantes
/t/	Oclusiva dental surda	pen[te]; pen[tɨ]; pen[tʃɨ]
	Africada alveopalatal surda	
/d/	Oclusiva dental sonora	gran[de]; gran[dɨ]; gran[dʒɨ]
	Africada alveopalatal sonora	

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

O aparelho fonador, órgão responsável pela elaboração dos sons, se comporta de maneira diversa na produção da oclusiva dental e da africada alveopalatal, conforme se observa nas figuras 03 e 04:

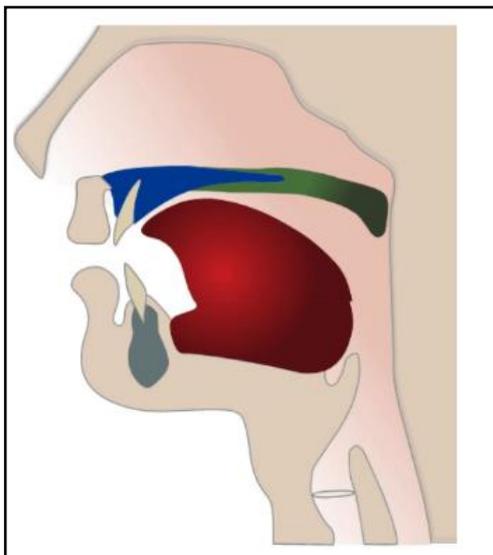
Figura 03 – Realização da “oclusiva dental”



Fonte: <https://fonologia.org/fonetica-articulatoria-consoantes/>

Segundo Cristófar-Silva, para a realização de oclusiva desvozeada, a obstrução é total, ou seja, há uma oclusão, na qual o articulador ativo é o ápice ou também chamado lâmina da língua e o articulador passivo são os alvéolos. O véu palatino encontra-se levantado e a glote está aberta. Para o registro de oclusiva dental sonora a glote está fechada, e os demais órgãos envolvidos no processo se comportam de maneira semelhante à forma desvozeada.

Figura 04 – Realização da “africada alveopalatal”



Fonte: <https://fonologia.org/fonetica-articulatoria-consoantes/>

Ainda, de acordo com Cristófar-Silva, a obstrução que ocorre é total, seguida de uma obstrução parcial, uma espécie de “fricção”. O articulador ativo é parte anterior da língua e articulador passivo a parte média do palato duro. O véu palatino está levantado e a glote está aberta, para a realização da surda [tʃ] e fechada para a realização da sonora [dʒ], fenômeno que resulta na africada alveopalatal ou palatalização.

Este fenômeno, nas palavras de Câmara Júnior (1981, p. 186), pode ser definido como “uma mudança fonética que consiste na ampliação da zona articulatória para a produção de uma consoante, devido ao desdobramento da parte média da língua no palato médio”. Para Cristófar-Silva *et al.* (2012), há as consoantes africadas seguidas da vogal fonológica /i/ e fonética [ɪ] e as consoantes dentais seguidas das demais vogais. Nosso objeto de estudo se detém no primeiro caso, ou seja, na “palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ antes de vogal alta /i/ (tia~tʃia, dia~dʒia)

ou de vogal elevada de /e/ átono (gente~gentʃi, pode~podʒi)” (BATTISTI, 2011, p. 104).

No contexto intralinguístico, o fator que impulsiona a palatalização parece ser a subsequência de vogal anterior alta. O alçamento vocálico favorece a palatalização (BATTISTI; HERMANS, 2008; CRISTÓFARO-SILVA *et al.*, 2012). Em relação às variáveis sociais, pesquisas dialetológicas, que serão apresentadas no texto, comprovam que o fator faixa etária exerce maior influência para a adoção do fenômeno, sendo a geração mais nova a que apresenta maiores índices de africadas, caracterizando-o como inovador.

Para Battisti e Hermans (2008), “uma consoante é tipicamente afetada por uma vogal adjacente pelo espriamento de um traço de ponto” (BATTISTI; HERMANS, 2008, p. 285). Ou seja, dá-se pela própria configuração interna da vogal alta. Além de ser regido pela estrutura do segmento, é também condicionado por princípios sociais.

Estudar o comportamento linguístico de determinada variante supõe explorar a relação entre vogais e consoantes, fonemas e grafemas. Mas também significa desvendar os percalços de uma língua ou dialeto em determinado ponto da história e geografia. Sobre o fenômeno em questão, Battisti afirma:

Em comparação com o português europeu, a palatalização de /t/ e /d/ é traço inovador da variedade sul-americana, mas o processo variável está longe de aplicar-se homoganeamente nos diferentes falares de português brasileiro (BATTISTI, 2011, p. 104).

Com uma colonização heterogênea, a implementação da palatalização no português brasileiro se deu de maneira diferenciada. Em algumas regiões, parece ser a variedade de prestígio e estar consolidada; em outras, não ocorre ou apresenta baixos índices, com registro na fala dos mais jovens. Segundo Cristófaros-Silva *et al.* (2012), “A palatalização é um importante marcador dialetal e social. Falantes identificam a palatalização como característica de diferentes falares” (CRISTÓFARO-SILVA *et al.*, 2012, p. 62).

A palatalização das oclusivas dentais pode estar em processo de aquisição em algumas comunidades, ou, mais timidamente, não aparecer em outras, por ser uma variedade recente do português brasileiro. Abaurre e Pagotto (2002) destacam que o fenômeno pode ter sido difundido na década de 1950 em grandes centros urbanos,

como Rio de Janeiro e Salvador, e somente depois ser implementado em outras regiões.

Segundo levantamento de Battisti e Hermans (2008), Abaurre e Pagotto concluíram que em Salvador a taxa de palatalização é de 94% (ABAURRE; PAGOTTO, 2002) e o mesmo índice se apresentou em Porto Alegre (KAMIANECKY, 2003). Em Hora (1990) o fenômeno é observado em 62% em Alagoinhas-BA e em Almeida verifica-se o índice de ocorrência de 47% para a cidade de Flores da Cunha-RS. Em Santa Catarina, o estudo de Kamianecky (2003), na capital Florianópolis, apresentou índices de apenas 8%.

Bisol (1991), em pesquisa realizada em quatro pontos do Rio Grande do Sul, mostra que a palatalização parecia ser liderada pelos jovens da época, portanto possivelmente se encontra em fase de aquisição nas comunidades. Às mesmas considerações chega Almeida (2000) ao estudar o município de Flores da Cunha/RS: o fenômeno parece ser liderado pelas mulheres, indivíduos com maior escolaridade e pertencentes à menor faixa etária.

Dutra (2007), ao estudar a palatalização em Chuí-RS, em uma análise em tempo aparente, com uma amostra de vinte e quatro informantes, constatou que o fenômeno parece estar em expansão no município, pois é mais usada pelos falantes mais jovens, embora apareça com mais frequência nos informantes com nível de escolaridade fundamental do que nos que possuem ensino médio. Também, foram os homens que mais utilizaram a regra.

Battisti e Guzzo (2009) observam que a realização da palatalização das oclusivas /t,d/ caracteriza falares regionais. Em contextos de colonização italiana, como é o caso de Chapecó-SC, confirmou-se a hipótese de que haveria baixa realização de palatalização. Segundo as autoras, a cidade segue a tendência de palatalização moderada que havia sido verificada em outras regiões vizinhas. Isso se deve, para as pesquisadoras, ao fato de as vogais átonas finais e tônicas contribuírem para sua maior realização, que se dá majoritariamente entre o público feminino e jovem.

Vieira (2009), em estudo da africada palatal surda em algumas regiões do estado de Santa Catarina, conclui que a africada palatal, levantada em oito municípios da zona rural em Santa Catarina, apresenta-se seguida de /i/ em dois subtipos: ou em sílaba tônica – na região do planalto Norte e na região dos campos de Lages, ou em sílaba átona, apenas na região dos campos de Lages.

Em pesquisa sobre o estado mais ao Sul do país, Battisti (2011) afirma que não há homogeneidade de aplicação da regra. A autora acredita que o fenômeno se encontra de maneira mais tímida nas cidades interioranas devido ao maior sentimento de pertencimento a uma identidade étnica comum. Segundo Battisti (2011),

A palatalização se aplica com frequência muito alta apenas na capital gaúcha, Porto Alegre. Nas comunidades do interior do estado, as frequências totais são de moderadas a baixas, apesar de os condicionamentos estruturais serem os mesmos. E, em pelo menos uma das comunidades, há indícios de que a palatalização se estabilize em índices modestos (BATTISTI, 2011, p. 104).

Há um movimento da língua na direção das formas que a comunidade possa eleger como mais prestigiosas. Mas, deve-se reconhecer que os valores atribuídos a determinados traços linguísticos estão associados a um conjunto de crenças, cuja natureza está na formação histórica e cultural, na economia e no acesso à educação.

Considerando as três capitais do Sul do Brasil, a frequência de palatalização é alta em Curitiba (CARDOSO *et al.*, 2014) e em Porto Alegre (BATTISTI, 2011). Porém, em Santa Catarina é de apenas 8% (KAMIANECKY, 2003). Portanto, há outros fatores, como os citados acima, que influenciam na realização das formas, mesmo em centros urbanos com grande circulação de pessoas.

Em relação à comparação entre a fala da zona rural e a urbana apresenta-se uma média percentual em todas as cidades estudadas, não sendo a escolaridade um fator relevante. Isso ocorre porque os traços linguísticos de uma comunidade são moldados de acordo com sua história, colonização, região geográfica. Sendo a língua parte integrante da vida social, observar alterações fonéticas em um período revela não apenas mudanças linguísticas, mas também comportamentais e sociais.

Para Monaretto, Quednau e Hora (2001),

Estudos nessa área tornam-se importantes na medida em que a relação entre a variação fonológica e a teoria fonológica constrói-se com base em evidências empíricas de certos fenômenos que auxiliam na construção e avaliação de teorias linguísticas (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 2001, p. 204).

Em nosso campo de estudo, a região Oeste do Paraná, observamos que a realização da oclusiva dental seguida da vogal alta anterior /i/ pode ser descrita como um marcador, pois o seu registro pode ocorrer com maior incidência entre pessoas

mais velhas e do meio rural. Alinhado a esses fatores, é também nessa faixa etária e na zona rural que se encontram os falantes dos grupos colonizadores das localidades.

As mudanças linguísticas geralmente se originam a partir de um grupo de fala (LABOV, 2008 [1972]). A forma que apresentou variação pode ser caracterizada, inicialmente, como um *marcador de status regional*, pois é localizada dentro um grupo linguístico e não se apresenta de maneira regular entre os falantes. Ao espalhar-se para os demais membros da comunidade, ao que Labov (2008 [1972]) define como “mudança vinda de baixo” (LABOV, 2008 [1972], p. 210), e atingir outros itens lexicais, a variação passa a ser um *indicador*, definindo um grupo. A medida em que outros grupos adotam a forma, e os membros a usam sem ter consciência, ela passa a sofrer variações de estilo e pode ser definida como um *marcador*. No entanto, se determinada forma não é adotada por todos os membros da comunidade e é alvo de estigma e preconceito social, ela se torna um *estereótipo*, e seu uso pode se tornar restrito e desaparecer.

Sendo o Brasil um país de dimensões continentais, receptor de diferentes ondas migratórias, de várias nações, além dos povos indígenas que aqui habitavam e dos processos de migrações internas que ocorreram, a realidade cultural e linguística de cada localidade brasileira é própria. No Sul do país, por exemplo, que recebeu milhares de descendentes europeus, o fenômeno da palatalização ainda não é absoluto, com frequência maior ou menor dependendo dos fatores sociais.

2.2. AS VOGAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA

As vogais do português podem ser descritas pelas mudanças que aconteceram, ainda do latim vulgar ao latim clássico, no que se refere à quantidade vocálica, entre vogais breves e longas. No português brasileiro, a realização das vogais demarca, em alguns contextos, a distribuição geográfica dos fenômenos, como o abaixamento no Nordeste e a manutenção das vogais altas em outras regiões.

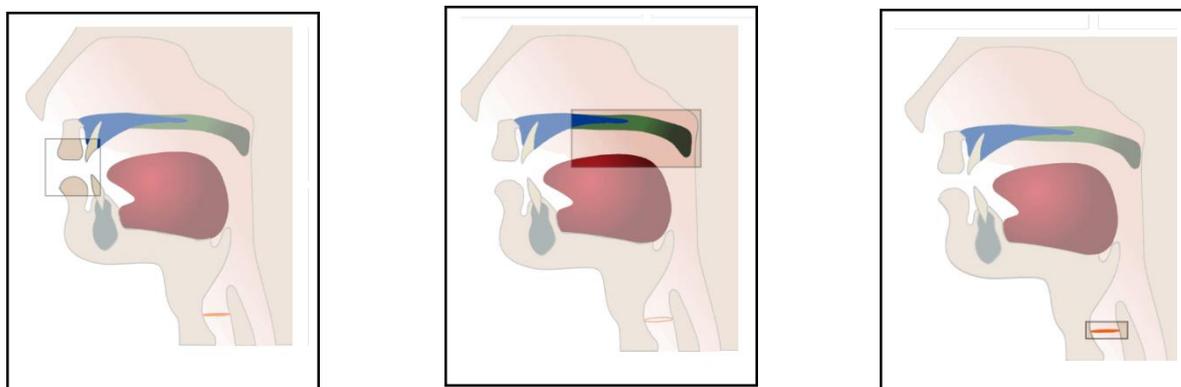
Para a descrição dos segmentos vocálicos são considerados: a posição da língua em termos de altura (alta, média-alta, média-baixa e baixa), posição da língua (anterior, central, posterior) e arredondamento ou não dos lábios. Segundo Câmara Junior (1992 [1970]), há sete vogais no português brasileiro:

Altas	/u/		/i/
Médias	/ô/		/ê/ (2º grau)
Médias	/ò/	/è/	(1º grau)
Baixa		/a/	
	/posteriores/	/centrais/	/anteriores/

Fonte: Câmara Jr. (1992 [1970], p. 43).

Essa classificação é possível, segundo o autor, enquanto as vogais estão em contexto tônico. Em contexto átono, “há a neutralização entre /o/ e /u/ e entre /e/ e /i/” (CÂMARA JUNIOR, 1992 [1970], p. 44). A tonicidade das sílabas deve ser considerada – tônicas, pretônicas ou postônicas (medias e finais): “Faz-se relevante tratar cada um destes grupos separadamente uma vez que a distribuição das vogais pretônicas e postônicas caracteriza a variação dialetal no português brasileiro” (CRISTÓFARO-SILVA, 2019 [1999], p. 79).

Figura 05 – Realização das vogais orais (CRISTÓFARO-SILVA)



Fonte: <https://fonologia.org/fonetica-articulatoria-vogais/>

Relativamente às vogais, destacamos que todas são vozeadas, ou seja, são realizadas com a vibração das cordas vocais. É justamente a passagem de ar pelo trato vocal a principal diferença entre consoantes e vogais. Segundo Câmara Jr. (1992 [1970]), nas consoantes pode haver uma oclusão ou constrição da língua na realização do fonema. Nas vogais, no entanto, a passagem do ar é livre. Além disso, as vogais figuram como o núcleo da sílaba. No português brasileiro, não há sílaba

sem vogal. Não há, para a produção das vogais, obstrução do ar e os lábios não se tocam.

Segundo Câmara Jr. (1992 [1970]), as vogais são descritas a partir da altura da língua, da zona de articulação e da posição dos lábios:

Altas	/u/		/i/
Médias		/o/	/e/
Baixa		/a/	
	/anterior/	/central/	/posterior/

Fonte: Câmara Jr. (1992 [1970], p. 43).

Quando nasais, a redução de sete para cinco vogais ocorre porque sua realização só ocorre no 2º grau. Quando em posição átona, as vogais também são reduzidas a cinco (cf. esquema acima). Neste caso, a redução se justifica pela perda do traço distintivo de /e/ e [ɛ] e /o/ e [ɔ]. Por exemplo, nas lexias b[ɛ]lo e b/e/leza, os dois fonemas representam uma única unidade fonológica, interpretada por Câmara Jr (1992 [1970]) como neutralização. Outra alofonia possível no registro das vogais é a harmonia vocálica, que se caracteriza pela assimilação das vogais pela vogal alta da sílaba seguinte, como em m/e/nino – m[ɪ]nin[u]. Este assunto será explanado na próxima subseção.

A realização articulatória das vogais orais difere das vogais nasais:

Figura 06 – Realização das vogais nasais

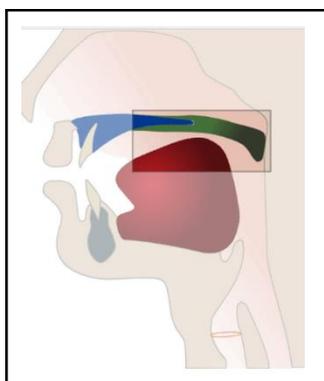


Figura i): Vogal oral [u]

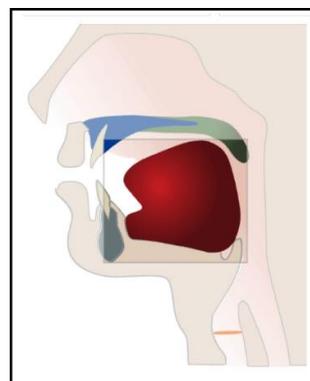


Figura ii): vogal nasal [ũ]

Fonte: <https://fonologia.org/fonetica-articulatoria-vogais/>

Na primeira imagem, na realização da vogal oral, temos passagem da corrente de ar somente pela boca. Na segunda imagem, o ar é expelido pela boca e pelo nariz.

Sobre as vogais nasais, Câmara Jr. (1992 [1970]) aponta que os estudos de Lopez (1979) e Wetzels (1988, 1997) são unânimes em afirmar a sequência de vogal + consoante nasal. Battisti e Vieira (2001) concordam com Câmara Jr. (1992 [1970]), quando o autor afirma que ainda é necessário no português distinguir as vogais nasais fonológicas, como no par *lança/laça*, com *lama*, que não se comporta como traço distintivo.

2.2.1 Alçamento Vocálico

O início da língua portuguesa é incerto; acredita-se que tenha surgido no século IX ou XIII. Até onde se consegue resgatá-la, todavia, pode ser dividida em cinco fases, de acordo com Bisol (2015): fase inicial, medieval, clássica, crítica e contemporânea. Com a expansão do império romano, houve propagação do latim por várias regiões, inclusive a península Ibérica. O latim falado pelos soldados, em contato com os falares das comunidades invadidas, deu origem ao latim vulgar, do qual se originaram três línguas latinas: o galaico-português (da qual o português provém), o castelhano e o catalão.

Na etapa de estabelecimento da língua portuguesa, fase medieval, entre os séculos XIII a XV, os dados revelam crescimento do número de ocorrências de alçamento vocálico. Na fase clássica, entre os séculos XVI a XVIII, o forte desenvolvimento da escrita não impediu o aparecimento da elevação da vogal média. Mesmo em obras tradicionais – *Os Lusíadas* (CAMÕES, 1572), Bisol (2015) averiguou sua presença. A autora acredita que os escritos, a despeito do desvelo dos autores, divulgam retratos da fala do período.

No período crítico, século XIX, a harmonização vocálica se configura como um processo distintivo do português brasileiro, que preserva o fenômeno, do português europeu, que não o adota. No período contemporâneo (a partir do século XX) o processo aparenta estar efetivado no português brasileiro.

Com o resgate histórico, Bisol (2015) afirma que um dos fenômenos presentes desde o século IX é a alteração da vogal média pretônica desde os primórdios do latim vulgar (fase inicial), que “consiste na substituição da vogal média /e,o/ pela vogal alta /i,u/, respectivamente” (BISOL, 2015, p. 188). Monaretto (2013) o descreve como uma

“projeção da língua em direção à parte superior, ou mais alta, da cavidade bucal, ao realizar-se uma vogal. É o caso de uma vogal média alta /e,o/ que se projeta para /i,u/ respectivamente” (MONARETTO, 2013, p. 18-19). O dialeto gaúcho apresenta o fenômeno, mas de forma moderada, na qual se manifesta a preservação da vogal média pretônica (MONARETTO, 2013).

Enquanto Bisol (1981) acredita que o alçamento vocálico se dê pela ocorrência de *harmonização* – assimilação para as vogais mais altas para que haja harmonia entre elas, Abaurre-Gnerre (1981) afirma que o processo de alçamento está relacionado à consoante seguinte, levando-se em conta o ponto de articulação desta – processo de *redução vocálica*.

Faz-se necessário observar a classificação das vogais para justificarmos a hipótese, defendida por alguns autores, de que o alçamento vocálico cria ambiente favorável para a palatalização, conforme Battisti e Hermans (2008), Battisti e Dornelles Filho (2012), Monaretto (2013), Cristófaros-Silva (2019 [1999]). Segundo Battisti (2011),

A palatalização é desencadeada por vogal alta no português brasileiro; se a elevação de /e/ átono é baixa, não se alimenta a palatalização. É essa baixa elevação de /e/ átono o que contribui com maior peso não para a unidade do português do Brasil, mas para sua fragmentação, já que em outras regiões do Brasil a aplicação dessa regra é praticamente categórica (BATTISTI, 2011, p. 108).

Justifica-se, dessa maneira, o estudo do alçamento vocálico na observação das ocorrências de oclusiva dental e palatalização, por ser a elevação de vogal média-alta para alta a favorecedora da palatalização.

Cristófaros-Silva (2019 [1999]) afirma que a variação dos segmentos [ɛ, ɔ], /e, o/ e /i, u/ é chamada de alçamento vocálico. Em posição final, alguns dialetos realizam as vogais como /i, e, a, o/ em sílabas postônicas, o que não é comum, considerando que a maioria registra com [ɪ, ɛ, ʊ]. Entre esses dialetos, podemos situar os de origem sulista que, por não elevarem as vogais, também palatalizam menos. Segundo Cristófaros-Silva (2019 [1999]), “em alguns casos, o ‘e ortográfico postônico medial’ pode reduzir-se a [ɪ]. Nestes casos temos pronúncias como ‘hipó[tʃɪ]se; almôn[dʒɪ]ga’ em que a palatalização do t/d demonstra a ocorrência da vogal alta anterior i” (CRISTÓFARO-SILVA, 2019 [1999], p. 90, grifos da autora).

A visão é corroborada por Battisti e Hermans, que destacam que “No português brasileiro, tanto a vogal alta subjacente /i/ em posição tônica e átona quanto [i] fonético elevado de /e/ em posições átonas podem palatalizar a oclusiva dental precedente” (BATTISTI; HERMANS, 2008, p. 280). Isso ocorre porque há “tendência das vogais altas de espriar a uma consoante vizinha, palatalizando-a. Propomos que a palatalização pode ser explicada pela representação das vogais altas” (BATTISTI; HERMANS, 2008, p. 285).

Ao realizar estudo em tempo real com informantes de Porto Alegre – RS com dados de 1970 e em 2000, Monaretto (2013) concorda que “o alçamento de /e/ e de /o/ parece ser favorecido pela consoante palatal” (MONARETTO, 2013, p. 25). A respeito do alçamento, Monaretto, Quednau e Hora (2001) reiteram que o fenômeno é resultado de “processo assimilatório” (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 2001):

As consoantes oclusivas dentais do Português [t], [d], sob influência da vogal [ɪ] ou do glide [j] tornaram-se palatalizadas. Este fenômeno linguístico ocorre, como veremos, em regiões diversas do Brasil, e pode ser analisado diferentemente, a depender da perspectiva teórica que se considere (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 2001, p. 221).

Battisti (2011) reitera as reflexões apresentadas por Monaretto, Quednau e Hora, destacando a motivação da aplicação da regra, em estudo sobre comunidade rio-grandense formada sobretudo por descendentes de italianos:

O mais forte condicionador da regra é a própria vogal gatilho, /i/. Os contextos com vogal alta fonológica correspondem a um terço dos dados, e a frequência de palatalização neles é alta: 62%. Já nos contextos com vogal /e/ candidata a elevar-se a [i], que reúnem a maioria dos dados, a frequência é baixa, de apenas 11% (BATTISTI, 2011, p. 107).

Nesta tese, na região Oeste nossa hipótese é a de que os contextos de alçamento vocálico e palatalização são mais frequentes em municípios de colonização mista e nortista, visto que em localidades com presença maior de descendentes alemães, italianos e de gaúchos o alçamento vocálico não aparenta ser recorrente.

Nas figuras 07 e 08, podemos observar a posição da língua em relação ao palato na realização da vogal média alta anterior /e/:

Figura 07 – Realização da vogal média /e/



Fonte: <https://fonologia.org/fonetica-articulatoria-vogais/>

Segundo Cristófar-Silva, as propriedades desta vogal são, em relação à posição, média-alta, em relação à zona de articulação, anterior. Os lábios não são arredondados, trata-se de uma vogal oral. Pode figurar nos seguintes contextos: vogal tônica, pretônica, postônica medial e postônica final.

Figura 08 – Realização da vogal alta anterior /i/

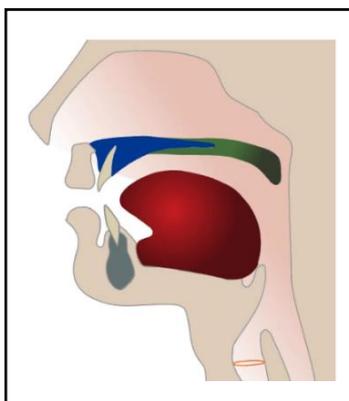


Fonte: <https://fonologia.org/fonetica-articulatoria-vogais/>

A vogal /i/ é alta anterior, os lábios também não são arredondados e é uma vogal oral. Quanto à tonicidade, pode aparecer como vogal postônica final.

Entre a vogal média alta e alta anterior, temos a articulação do alofone vocálico /i/, no fenômeno de alçamento vocálico. A seguir, na figura 09, podemos observar a posição da língua, em relação ao palato, na realização da vogal fonética [i].

Figura 09 – Realização da vogal fonética [ɪ]



Fonte: <https://fonologia.org/fonetica-articulatoria-vogais/>

No Sul do Brasil, como veremos na análise, o alçamento vocálico não é tão frequente, o que não motiva a realização de palatalização. Conforme aponta Câmara Jr. (1992 [1970], p. 43), “Em Portugal, a neutralização entre /e/ e /i/ dá /e/ expresso pelo alofone posicional [a] (e neutro). Numa ou noutra área do Sul do Brasil não há a neutralização e, por exemplo, *jure* (de *jurar*) se opõe a *júri* (tribunal popular): mas os pares opositivos são em muito pequeno número”. O autor, em seus estudos de descrição fonética, reconhecia a influência dos falares europeus sobre a língua portuguesa, como a manutenção do /e/, que não favorece a palatalização.

3 A FORMAÇÃO HISTÓRICA E LINGUÍSTICA DO OESTE PARANAENSE

Nesta seção apresentamos o percurso de formação e colonização do Sul do Brasil, em foco o Oeste do Paraná. Na primeira subseção, a diversidade linguístico-cultural do Sul do Brasil e do Oeste do Paraná é apresentado por meio de leituras de historiadores e linguistas que contextualizam o cenário multifacetado da região, devido a colonização heterogênea e ao contexto de fronteira. A seguir, são descritos os principais aspectos metodológicos das obras em estudo nesta tese: o ALPR (AGUILERA, 1994), o ALPR II (ALTINO, 2007) e *Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010). Por fim, na última subseção, apresentamos o percurso metodológico do presente estudo.

3.1 FORMAÇÃO LINGUÍSTICA E CULTURAL DO SUL DO BRASIL E DO OESTE PARANAENSE

O Sul do Brasil foi palco de movimentos imigratórios que se acentuaram a partir de 1800, devido à fuga de territórios devastados pela miséria, pelas guerras nos países de origem e à substituição de mão de obra escrava, recentemente abolida no Brasil. Iniciaram o processo grupos oriundos da Áustria, Suécia e dos estados alemães unificados, para juntarem-se italianos, poloneses, ucranianos e russos (HEYE; VANDRESEN, 2016).

De acordo com Margotti (2004), os primeiros imigrantes europeus a chegar ao Sul do Brasil foram os alemães: no Rio Grande do Sul, a partir de 1824, principalmente na bacia do rio Sinos, do Caí, Taquari e Ibicuí e, depois de 1829 em Santa Catarina, em São Pedro de Alcântara, em direção a atual Lages; ao Norte, na bacia do Itajaí-Açu e, ao Sul, na vertente do rio Tubarão (MARGOTTI, 2004).

A portugueses, alemães e italianos já mencionados, há os franceses, poloneses, africanos (mão de obra escrava, sobretudo), japoneses, entre tantos outros. Mello afirma que:

Na primeira metade do século XIX, deu-se a chegada dos colonos alemães, que majoritariamente se instalaram no Vale do Rio dos Sinos. No último quarto do século XIX, chegaram os italianos, que ocuparam a região serrana gaúcha. Posteriormente, levas de imigrantes de outras proveniências europeias também estabeleceram uma relação de contato linguístico com o português. Destacam-se

poloneses, ucranianos e neerlandeses. A imigração alemã e italiana atingiu grandes dimensões, espalhando-se por diferentes pontos na região meridional (MELLO, 2011, p. 182).

Assim, embora a língua oficial do nosso país seja o português, este convive com outras línguas, influenciando e sendo influenciado por elas. Entre essas outras línguas que são/eram faladas pelos imigrantes, no Sul do Brasil podemos citar principalmente a polonesa, e a espanhola, além daquelas faladas pelas famílias afro-asiáticas, sírio-libanesas e japonesa e, sobretudo, a alemã e a italiana.

De acordo com Gregory (2007),

Nos processos de imigração e colonização europeia, a heterogeneidade e a pluralidade de nacionalidades, representadas no Brasil por fluxos quase que contínuos até 1940, é uma das características específicas dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, uma vez que a presença de europeus não portugueses fez com que se formassem núcleos com grupos étnicos com identidades próprias e culturalmente distintos (GREGORY, 2007, p. 146).

Assim, embora tenha havido diferentes levas de emigrantes²³, em épocas subsequentes, verifica-se a formação de núcleos e povoamentos que se localizavam em grupos étnicos para a produção de insumos alimentícios básicos e para demarcação de território. Mais tarde, porém, com a necessidade de procurar mais terras, esses núcleos deixaram de ser tão homogêneos e começaram a se dispersar pelo Brasil. Conforme Gregory (2007), “Os alemães se dispersaram pelo território e entre a população brasileira, marcando fortemente determinadas áreas e influenciando outras” (GREGORY, 2007, p. 151). Uma dessas marcas, segundo o pesquisador, é a Igreja de Confissão Luterana do Brasil (ICLB) e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), cujos templos se encontram em diversos pontos nacionais. Isso porque

É importante lembrar que os colonos migrantes (alemães, italianos, poloneses, ucranianos, entre outros) adaptaram-se ao seu país de destino, sem abdicar de valores, de culturas e de estilos de vida, sendo construído, a partir deles, um novo espaço social onde se constituiu um modo de ser singular do colono migrante (GREGORY, 2007, p. 147).

²³ É importante destacar que houve outras ondas migratórias para o Brasil, como a ocorrida de 1940 a 1960, mas, para esta tese, nos interessam aquelas ocorridas até 1940.

Os imigrantes estabilizaram-se na Região Sul e foram os desbravadores de uma porção de terra brasileira, não apenas de forma material, mas também cultural e linguística. Migraram com eles suas línguas, histórias, formas de vida e ideologias, ainda perceptíveis nos descendentes.

Território por muitas décadas disputado por diferentes nações, habitado por nativos e abandonado pelo governo por sucessivas gerações, o Sul do Brasil se destaca atualmente no cenário nacional pelo desenvolvimento social e econômico. A região também é notória pela diversidade linguística e cultural que apresenta, seja pelo contato com países de fronteira, falantes de língua espanhola, seja por haver, em sua gênese, forte influência da descendência europeia.

Toda a riqueza da heterogeneidade humana presente que se forma, modifica, escreve e transcreve por meio da língua, precisa ser, a todo momento e sempre mais, estudada em seu aspecto fundamental e contínuo: a variação. Muitos imigrantes, ao trazerem consigo sua língua e história, ajudaram a construir não apenas a estrutura física do Sul do país, mas são responsáveis, em grande medida, pelo patrimônio imaterial, cultural e linguístico de toda a comunidade.

Priori *et al.* (2012) afirmam que o incentivo à migração por parte do governo para o estado do Paraná foi necessário, pois havia uma grande parcela do território vazia e a falta de mão de obra impedia o progresso econômico da região: “Neste Estado, o objetivo primordial era fomentar o cultivo da agricultura de subsistência, para manter abastecidos os centros urbanos que já passavam por raleamento de produtos agrícolas” (PRIORI *et al.*, 2012, p. 36). Os autores destacam que até o começo do século XVIII os habitantes do Paraná eram portugueses, castelhanos, índios, negros africanos e seus respectivos descendentes.

No quadro 07 podemos observar o número aproximado de imigrantes no estado do Paraná, com um total de 101.331 imigrantes (MARTINS, 1941 *apud* PRIORI *et al.*, 2012).

Quadro 07 – Imigrantes no Estado do Paraná

Descendência dos imigrantes	Número aproximado de descendentes	Principais cidades colonizadas
Poloneses	47.731	Mallet, Cruz Machado, Ivaí, Reserva, São Mateus do Sul, Rio Claro, Curitiba
Ucranianos	19.272	Mallet, Prudentópolis, Pato Branco, Roncador, União da Vitória
Alemães	13.319	Rio Negro, Rolândia, Cambé, Rio Negro, Marechal Cândido Rondon
Italianos	8.798	Curitiba, Lapa, Litoral, Palmeira, Morretes
Outras nacionalidades	9.826	Todo território paranaense

Fonte: MARTINS, 1941 *apud* PRIORI *et al.*, 2012.

No Paraná, segundo Gregory (2002), duas motivações foram fundamentais para a ocupação do estado: a crise do latifúndio e o desejo das pessoas de migrarem – levadas também pelo excedente de imigrantes que se registrava no Rio Grande do Sul. Segundo o autor, “procedeu-se, pois, a difusão de uma sociedade cujos valores, vontades e buscas estavam na transformação. Migrar, neste contexto, implicava em manter e mudar ao mesmo tempo” (GREGORY, 2002, p. 41).

Como o estado do Paraná foi um dos últimos a ser efetivamente ocupado, muitos descendentes de europeus viram aqui a oportunidade de recomeçar. Especificamente à época do Império, as migrações de colonos estrangeiros foram pequenas. De acordo com dados de Wachowicz (1987), chegaram ao Paraná cerca de 1500 alemães, 15000 italianos e 35000 ucranianos. A colonização ocorreu somente em fins do século XIX e início do século XX. Segundo Gregory (2002), foi somente em meados de 1954 que os migrantes se dirigiram para as áreas mais agrícolas do estado, fato que perdurou até os anos 1970. O objetivo do governo era que os migrantes, além de ocuparem o território, fornecessem madeira e produtos alimentícios para a população que se formava. Acostumados com a lida agrícola e com o regime da pequena propriedade, eram o público ideal para os intentos do governo e das colonizadoras. Em solo brasileiro, os migrantes continuaram com suas ocupações na lida agrícola; o novo ambiente parecia ser uma extensão do antigo lar. Nas palavras de Gregory (2002),

Evidenciamos que os colonos, oriundos de um contexto cultural, social e político europeu, continuaram a ser migrantes no Brasil e construíram sociedades e espaços que proporcionaram condições de vivência e de modo-de-ser que nos levou a denominá-los *eurobrasileiros*, ou seja, homens, cuja tradição, resistência e incorporação de novos elementos vivenciais ao seu cotidiano colonial, fizeram-nos euros e brasileiros (GREGORY, 2002, p. 248, grifos do autor).

Trazendo sua cultura, identidade e língua, mais uma vez se justifica a necessidade de estudar como a língua sobreviveu nas cidades do Oeste do Paraná, que concentraram a migração dos sulistas, quando a carência de terra os obrigou “a subdividirem as colônias com as novas gerações ou migrarem para o oeste catarinense, para o sudoeste e oeste paranaense” (GREGORY, 2007, p. 149).

Muitas terras a Oeste do Paraná sofreram concessões em troca de obras públicas, como a construção de estradas e ferrovias, principalmente na região de Itaipu, e de ocupação para garantia da posse de terras. Nesse momento, registra-se a presença também de paulistas e mineiros interessados em fixar moradia na região.

Em algumas cidades houve maior miscigenação de culturas, a exemplo de Cascavel, enquanto em outras havia núcleos de colonização mais fechados, com predominância de uma etnia, como Toledo e Marechal Cândido Rondon. Para o governo, era importante a ocupação e principalmente “abrasileiração” da região da fronteira. Para isso, eram fornecidas facilidades às empresas brasileiras e as dificuldades impostas às estrangeiras, como a obrigatoriedade de ter a maioria dos funcionários brasileiros.

Na figura 10 podemos observar a formação de áreas linguísticas resultantes das migrações:

comerciais, os traços linguísticos e culturais sobreviveram no cotidiano dos colonizadores do Oeste do Paraná.

A ocupação do estado se deu na direção de Leste para Oeste, sendo esta uma das últimas regiões a ser colonizada. Em Altino (2007), encontramos dados sobre a ocupação da região Oeste que confirmam a forte presença de descendentes de alemães e italianos:

Nas décadas de 20 a 40, teve início em grande escala a corrente povoadora de agricultores de origem alemã e italiana vinda do sul do país que se estabeleceu nas matas do atual território localizado entre Pato Branco e Cascavel. A abertura de estradas de rodagem veio proporcionar, pouco a pouco, a integração do norte com o sul do estado, sobretudo com o escoamento da produção cafeeira pelo porto de Paranaguá (ALTINO, 2007, p. 119).

Como se pode constatar, entre 1900 e 1940, as correntes migratórias vieram do Sul do país e se espalharam pelo estado, fixando moradia principalmente no Oeste do Paraná. Segundo dados apresentados por Wachowicz (1987), a colonização do Oeste paranaense ocorreu por meio de conflitos pela ocupação das terras, revoltas dos posseiros e necessidade governamental de ocupar a região para evitar a perda das terras para os países vizinhos. Por muito tempo, quilômetros de terra que hoje reconhecemos indubitavelmente como parte de estados brasileiros – especificamente o Oeste de Santa Catarina e do Paraná, que fazem divisa com a Argentina, foram disputados pelo Brasil e pela Argentina.

Para assegurar o território brasileiro, entre as iniciativas para ocupação do Oeste do Paraná podemos citar a criação do Território Federal do Iguazu (1943-1946), a Marcha para Oeste, a construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande (1911), que ligava o sistema ferroviário paulista ao gaúcho. Mas o caminho era longo, caro e pouco atrativo. Mais tarde, surge outra estrada de ferro, da Companhia Mate Laranjeira, que, por ser particular, era exclusiva da empresa. Contudo, de acordo com Piaia (2013), a ocupação do Oeste paranaense se deu efetivamente após a Segunda Guerra Mundial, em meados de 1945. De acordo com Priori *et al.* (2012), esse território já contou com a presença de indígenas, espanhóis, jesuítas e imigrantes do Sul do Brasil, sobretudo descendentes de italianos e alemães. Esses quatro grupos de pessoas representam, para os autores, as quatro principais fases de ocupação do Oeste. Ainda de acordo com dados coletados pelos pesquisadores, no início do século

XX a população passou de 126 mil para 685 mil habitantes (PRIORI *et al.*, 2012, p. 76).

O agente que, de fato, não apenas ocupou efetivamente, mas também alavancou o progresso da referida região foi o processo migratório, por meio, principalmente, das colonizadoras, cujos proprietários, em sua maioria, eram sulistas. Dessa maneira, conheciam a terra, sabiam das necessidades de outros descendentes e faziam a propaganda e a negociação das terras de maneira a atrair o máximo possível de pessoas das mesmas origens que eles (a cidade de Toledo, principalmente, foi assim habitada).

Aos poucos, após a instalação no novo meio, os sulistas, principalmente descendentes de italianos e alemães (PIAIA, 2013), começam a participar da vida pública e social de maneira mais ativa. Afinal, agora eles eram os pioneiros. Neste sentido, Piaia explica que o termo “gaúcho”, que era como muitos se identificavam ao chegarem, se referia muito mais ao modo de ser do que ao local de nascimento. Significava “um padrão de cultura e costumes” (PIAIA, 2013, p. 95), que, pelo comportamento das pessoas que assim se autointitulavam, se tornou referência de homem trabalhador e honesto, benquisto pelas colonizadoras e pelo governo paranaense.

Diversos foram os agentes que marcaram a colonização do Oeste paranaense. Havia os posseiros, que limpavam a terra, algumas vezes tornavam-na produtiva e sobreviviam dela, e acabavam se tornando donos dela pelo próprio uso. Outros eram os grileiros, que tomavam posse da terra de maneira ilegal.

Outro movimento que mudou a paisagem econômica e cultural do Oeste do Paraná foi a Revolução Verde. Tratava-se de um pacote de medidas tecnológicas em relação ao plantio, mecanização, fertilização, enfim, todos os processos envolvidos na produção de alimentos, considerados necessários para que o cultivo acompanhasse a crescente demanda de insumos para a população (GREGIO, 2018).

Não se pode deixar de mencionar também o papel transformador que a fundação da UNIOESTE, criada pela Lei Estadual nº 8.680, de 30 de dezembro de 1987, causou em toda a região Oeste do Paraná. Nascida da integração de faculdades municipais de Cascavel, Foz do Iguaçu, Marechal Cândido Rondon, Toledo e, mais tarde, Francisco Beltrão, a universidade proporcionou e estimulou a vinda de empresas no setor da saúde e tecnologias, profissionais qualificados e colaborou para o melhoramento do índice de IDH, que atualmente no Paraná é de 0,749, segundo

dados do censo 2010 do IBGE²⁴. Segundo Battisti (2011), “O próprio deslocamento para realizar curso superior leva, principalmente os jovens, a práticas compartilhadas com indivíduos diversos, flexibilizando laços que preveniriam mudanças de comportamento, inclusive do linguístico” (BATTISTI, 2011, p. 115).

Com a implementação de uma universidade pública na região, aumentaram as possibilidades de o público de comunidades vizinhas frequentar um curso de nível superior e possivelmente, adotar outras variantes linguísticas. Os projetos de extensão desenvolvidos pela universidade em conjunto com a população aproximam as realidades e podem ter auxiliado a modificar a paisagem linguística da comunidade.

3.2 ATLAS LINGUÍSTICO DO PARANÁ/ALPR (AGUILERA, 1994) E ATLAS LINGUÍSTICO DO PARANÁ/ALPR II (ALTINO, 2007)

A descrição e a análise dos falares do estado do Paraná despertaram interesse, ao longo dos anos, de diversos pesquisadores, desde a década de 1950 até hoje, o que resultou em várias publicações, entre as quais atlas linguísticos, como o ALPR (AGUILERA, 1994) e o ALPR II (ALTINO, 2007)

Antecederam-nos, porém, outros estudos que não poderiam deixar de ser novamente mencionados, conforme resgate de Busse (2010): *Contribuição para um inquérito linguístico no litoral do Paraná* (AMARAL, 1952); *Antologia do Vale do Iguaçu* (FILIPAK, 1976); *Guaraqueçaba, mar e mato* (ALVAR; ALVAR, 1979); *Le lexique technique des pêcheurs de Guaraqueçaba (Brésil)* (MERCER, 1979); *Vocabulário de Tibagi* (TONIOLO, 1981); *Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina – EALLO* (AGUILERA, 1987).

O Atlas Linguístico do Paraná/ALPR foi publicado em 1994 por Aguilera, como resultado de sua tese de doutoramento, apresentada em 1990 na UNESP (Universidade Estadual Paulista). A autora cartografou variantes lexicais e fonéticas, elaborou delimitação de isoglossas e organizou um glossário, que publicou posteriormente. O período de coleta de dados compreendeu de 1985 a 1989 (AGUILERA, 1996, p. 107-131).

Em sua tese, Aguilera elaborou 191 cartas linguísticas, com dados dos informantes e das localidades, além de notas explicativas sobre as variantes e sobre

²⁴ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/pesquisa/37/0>. Acesso em 27 abr. 2022.

as isoglossas. A rede de pontos definida pela pesquisadora foi de 65 pontos conforme demonstra o quadro 08.

Quadro 08 – Rede de pontos do ALPR (AGUILERA, 1994) e ALPR II (ALTINO, 2007)

1 Diamante do Norte	14 Querência do Norte	27 Guaíra	40 Guaraniaçu	53 Palmeira
2 Santo Inácio	15 Cianorte	28 Goioerê	41 Pitanga	54 Curitiba
3 Primeiro de Maio	16 Apucarana	29 Campo Mourão	42 Prudentópolis	55 Paranaguá
4 Bandeirantes	17 São Jerônimo da Serra	30 Ivaiporã	43 Ponta Grossa	56 Barracão
5 Cambará	18 Ibaiti	31 Tibagi	44 Rio Branco do Sul	57 Francisco Beltrão
6 Jacarezinho	19 Siqueira Campos	32 Marechal Cândido Rondon	45 Antonina	58 Pato Branco
7 Loanda	20 São José da Boa Vista	33 Assis Chateaubriand	46 Guaraqueçaba	59 Mangueirinha
8 Paranavaí	21 Umuarama	34 Campina da Lagoa	47 Foz do Iguaçu	60 Palmas
9 Maringá	22 Cruzeiro do Oeste	35 Manoel Ribas	48 Capanema	61 União da Vitória
10 Jaguapitã	23 Peabiru	36 Castro	49 Dois Vizinhos	62 São Mateus do Sul
11 Londrina	24 São Pedro do Ivaí	37 Cerro Azul	50 Laranjeiras do Sul	63 Lapa
12 Jataizinho	25 Ortigueira	38 Adrianópolis	51 Guarapuava	64 Rio Negro
13 Ribeirão do Pinhal	26 Jaguariaíva	39 Cascavel	52 Irati	65 Guaratuba

Fonte: ALPR (AGUILERA, 1994) e ALPR II (ALTINO, 2007).

Entre os municípios elencados para a rede de pontos, fazem parte da região Oeste os seguintes (pontos) e municípios: (27) Guaíra; (32) Marechal Cândido Rondon; (33) Assis Chateaubriand; (39) Cascavel; (40) Guaraniaçu e (47) Foz do Iguaçu.

O questionário utilizado pela pesquisadora, inspirado em Caruso (1982), abrange os campos semânticos “terra” e “homem”, com 325 questões. A professora Ivone Alves de Lima e alguns estudantes da Universidade Estadual de Londrina

(UEL), principalmente Elaine Cristina Fabris e Rita de Cássia Paulino (AGUILERA, 1994) participaram como inquiridores, conforme consta da Carta vi.

O campo semântico *Terra* foi subdividido nos seguintes temas: natureza, fenômenos atmosféricos, astros e tempo (refere-se às questões de 01 a 58); flora: árvores, frutos (questões de 59 a 103); fauna: aves, pássaros, animais (questões de 104 a 155). O campo semântico homem foi, por sua vez, assim distribuído: partes do corpo, funções, doenças (questões de 156 a 262); vestuário e calçados (questões de 263 a 276); agricultura, instrumentos agrícolas (questões de 277 a 305); brinquedos infantis (questões de 306 a 318); lendas e superstições (questões de 319 a 325).

Sobre os 130 informantes, Aguilera optou por escolher pessoas com baixa ou nula escolaridade, um homem e uma mulher em cada localidade, na faixa etária dos 30 aos 60 anos, que tivessem nascido na localidade ou que nela habitassem a maior parte da vida. Para organização cartográfica, a autora utilizou os símbolos ♀ para as mulheres e ♂ para os homens. Se os dois informantes dessem a mesma resposta, Aguilera registrava um círculo ○.

Para a entrevista, foram realizadas perguntas estruturadas, em sua maioria indiretas – método onomasiológico. Elas ocorreram, em grande parte, nas residências dos informantes. Para a recolha do material, foram utilizados gravadores portáteis e fitas cassetes.

Após a coleta, o material foi transcrito grafematicamente em dois estágios: inicialmente mantendo as marcações de elementos da fala do informante e do ambiente, como pausas, ruídos e comentários do inquiridor, seguindo o Alfabeto Fonético Internacional (IPA) e, após, foi transcrita segundo a norma padrão.

Para a elaboração das cartas linguísticas, foram eleitas as palavras com o maior número de ocorrências. São apresentadas, no atlas, cartas lexicais (cartas de 01 a 92), cartas fonéticas (cartas de 93 a 162) e cartas isoglóssicas ou sintáticas (cartas de 163 a 191). A riqueza do material permitiu a continuidade de muitos trabalhos, como teses e dissertações, principalmente na UEL.

Na publicação do ALPR (AGUILERA, 1994) foram cartografadas 131 questões, das 325 totais, com um percentual de 40% (ALTINO, 2007, p. 89). Restaram 194 questões inéditas, ou seja, 60% do *corpus*, a serem posteriormente mapeadas, o que foi feito por Altino (2007) em sua tese de doutorado. Algumas questões foram cartografadas por Souza (2005).

No ALPR II (ALTINO, 2007), com o intuito de trazer ao conhecimento do público o material ainda inédito, 54% do corpus, Altino (2007, p. 91) publicou cartas linguísticas lexicais e fonéticas. Totalizou-se, assim, 94,5% do *corpus* publicado (ALTINO, 2007, p. 153). Algumas questões não foram abordadas no estudo de Altino (2007) por não permitirem a sistematização necessária para a cartografia ou por exigirem outra metodologia de descrição e análise diferente da proposta.

Segundo Altino (2007), a passagem do tempo desde a coleta do material até a publicação dos dados, assim como o desenvolvimento e aprofundamento das teorias sobre o tema possibilitou outra apresentação do *corpus*: “Assim, os elementos léxico-semânticos, coletados e transcritos nas entrevistas para o ALPR, foram tratados à luz da teoria dialetométrica²⁵, o que permitiu a análise dos elementos que interferem e modificam a linguagem” (ALTINO, 2007, p. 92).

As cartas estão apresentadas da seguinte maneira: após as cartas introdutórias, há 125 cartas lexicais e 50 cartas fonéticas. Por se tratar de um segundo volume do ALPR (AGUILERA, 1994), o material coletado é o mesmo, porém, conforme a própria autora, “[...] inclui-se no mapa base da carta a indicação dos maiores rios do estado, o gráfico de freqüências de respostas de homens e mulheres e a escala geográfica” (ALTINO, 2007, p. 93). A autora permanece com os registros de símbolos ♀ para as mulheres, ♂ para os homens e ○ caso ambos dessem a mesma resposta.

Por meio do levantamento dos dados, a autora organizou um glossário com 1036 registros. Assim como no ALPR, das 65 localidades (na apresentação do ALPR, acima, estão elencadas todas as localidades pesquisadas, e logo abaixo citados os municípios que fazem parte do Oeste do Paraná) nas cartas há informações semântico-lexicais (cartas de 92 a 316), fonético-fonológicas (cartas de 317 a 366) e ocorrências únicas sobre as variantes registradas.

²⁵ Altino (2007), baseada em Goebel (1987), afirma: “Na Dialetometria busca-se o grau de semelhança ou de diferença lingüística entre os pontos (ou localidades) de um atlas, tendo como hipótese que o grau de aproximação ou de afastamento lingüístico é proporcional ao número de fenômenos que lhe são comuns ou distintos” (ALTINO, 2007, p. 80).

3.3 UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ – VOLUME I (BUSSE, 2010)

Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná – Volume I (BUSSE, 2010) utiliza-se da Dialetologia Pluridimensional na coleta dos dados. Busse (2010) se propôs a estudar, no meio rural de nove localidades do Oeste do Paraná, fenômenos linguísticos analisados em suas dimensões diassexual, diageracional e diastrática. A coleta de dados ocorreu de fevereiro a novembro de 2008 (BUSSE, 2010, p. 119).

Quanto aos informantes, a pesquisadora entrevistou quatro homens e quatro mulheres em cada ponto, de duas faixas etárias (GI – de 18 a 35 e GII – de 45 a 65 anos) e de dois níveis de escolaridade: a) nenhuma formação escolar ou Ensino Fundamental incompleto e b) Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto. Para representação dos informantes, Busse (2010) baseou-se em Thun (2005):

MCa	FCa
MCb	FCb

Na parte superior da cruz, estão inscritos os informantes de classe social mais alta, e os da classe social mais baixa na parte inferior. Enquanto os homens situam-se no lado esquerdo, as mulheres estão localizadas na parte direita da cruz.

A autora utilizou gráficos de setores para representar a dimensão diatópica e o gráfico de barras para registrar a dimensão sociocultural.

Em relação ao questionário, as perguntas foram adaptadas do questionário do ALiB. A primeira parte se destina ao levantamento de dados pessoais do informante e da localidade e a segunda parte se dividiu em cinco seções: questionário fonético-fonológico – QFF, com 87 questões; questionário semântico-lexical – QSL, com 163 questões; questionário morfossintático – QMS, com 40 questões; questões metalinguísticas, com oito questões. Após, há registro de conversa espontânea.

Os campos semânticos do estudo foram os acidentes geográficos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios e vida urbana.

A metodologia empregada segue os princípios da Dialetologia e descreve os fenômenos linguísticos no eixo diatópico e sociocultural. Integram a rede de pontos do estudo de Busse (2010) os municípios listados no quadro 09.

Quadro 09 – Rede de pontos de *Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010)

1 Guaíra	4 Santa Helena	7 Capitão Leônidas Marques
2 Assis Chateaubriand	5 Medianeira	8 Cascavel
3 Marechal Cândido Rondon	6 Santa Terezinha de Itaipu	9 Guaraniaçu

Fonte: Busse (2010).

A autora delimitou para análise municípios pertencentes à região Oeste cujo povoamento ocorreu na década de 60, além de serem zonas linguísticas com marcas características registradas por Aguilera (1994) e Altino (2007). As localidades também concentraram grupos de imigrantes do Sul, Sudeste e Nordeste e correspondem também a equidistância entre os pontos conforme orientações de divisão areal da Dialetologia.

No próximo capítulo, procederemos à metodologia e análise dos dados com breve discussão sobre as teorias variacionistas que guiam a presente pesquisa.

4 FORMAÇÃO DE ÁREAS DE VARIAÇÃO E MANUTENÇÃO LINGUÍSTICA: REGISTRO DAS VARIANTES PARA A OCLUSIVA DENTAL SURDA E SONORA SEGUIDA DA VOGAL ALTA ANTERIOR

Apresentamos nesta seção a análise da formação de áreas de variação e manutenção linguística no Oeste do Paraná para o registro das variantes oclusiva dental surda e sonora seguida da vogal alta anterior. Inicialmente, apresentamos a variação e a manutenção linguística pelo viés das teorias variacionistas. Na sequência, expomos a realização da oclusiva dental no ALPR (AGUILERA, 1994), para, então, destacar o registro do fenômeno no ALPR II (ALTINO, 2007). A seguir, descrevemos a realização da oclusiva dental surda e sonora em *Um Estudo Geossociolinguístico na fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010). Por fim, na última subseção, analisamos a formação de áreas linguísticas no Oeste do Paraná para as variantes.

4.1 VARIAÇÃO E MANUTENÇÃO LINGUÍSTICA

A língua é parte do que nos torna indivíduos únicos, com percepções próprias sobre a sociedade, sobre o outro e sobre nós mesmos. É por meio dela que nos comunicamos, aprendemos, ensinamos e exercemos nossa cidadania.

Pensar sobre a formação de cada comunidade é refletir sobre a língua que foi e é falada por determinado grupo, pois é objeto histórico e cultural do homem. Estudar a fala significa entender que a colonização, a localização geográfica e o contexto social interferem nos registros dos falantes, que (re)constroem sua(s) cultura(s) por meio da língua, sempre mutável e inconstante. Para Battisti (2011), “mudança linguística é mudança no comportamento social [...] a difusão de aspectos variáveis inicia-se num subgrupo específico da comunidade, adquire significação social e generaliza-se” (BATTISTI, 2011, p. 104).

A fala é condicionada por fatores internos e externos à língua, relacionados à localização geográfica, à história, ao perfil do informante, ao contexto de produção da fala – grau maior ou menor de monitoramento linguístico e outros. Para Fishman (1995), “língua” carrega, por si só, uma atitude valorativa; veicula emoção, opinião, e que também provoca, nos falantes, tais atitudes. Já o termo “variedade”, para o autor,

se refere mais acentuadamente aos fenômenos utilizados pelas comunidades linguísticas, localizadas histórica, social e geograficamente.

Os usos linguísticos de um grupo de falantes podem, com o tempo, virem a adquirir aspecto distintivo na comunidade, ou, então, ser abandonados, principalmente em sociedades mais desenvolvidas economicamente. Segundo Fishman (1995),

Todas las variedades de todas las lenguas son igualmente extensibles y cambiables; de igual modo, todas son contráctiles e interpenetrables al influjo de los modelos extranjeros. Sus virtudes están en los ojos (u oídos) de sus cultivadores. Sus funciones dependen de las normas de las comunidades lingüísticas que las emplean. Estas normas, a su vez, *cambian* cuando las comunidades lingüísticas van modificando su auto-apreciación en las relaciones con las comunidades vecinas que las emplean, o sus circunstancias objetivas. Finalmente, tales cambios comportan normalmente los de las mismas variedades (FISHMAN, 1995, p. 50, grifo do autor).²⁶

Entender que língua falada não remete a caos linguístico é necessário para se conceber as variantes linguísticas como parte da sociedade e da língua. A existência do diferente não significa que ele é menor ou maior em seus aspectos, mas que deve ser sistematizado e observado em suas particularidades, por meio de análises científicas executadas com rigor metodológico.

Segundo Tarallo (2005 [1990]), é preciso compreender a fala como “heterogênea e variável” (TARALLO, 2005 [1990], p. 57). Para a análise dos dados, deve ser realizado levantamento exaustivo de dados – um dos critérios da Sociolinguística é o da observância dos pares: números iguais de amostras de homens e de mulheres, de diferentes faixas etárias e classes sociais. Uma descrição completa da variável e dos informantes e observação exaustiva dos fatores condicionadores intra e extralinguísticos são, no analisar do autor, ferramentas indispensáveis para que o pesquisador examine os dados e consiga encaixar a variante no sistema linguístico e na comunidade, além de prever o curso da mudança linguística.

²⁶ “Todas as variedades de todas as línguas são igualmente extensíveis e mutáveis; de igual modo, todas são contráteis e interpenetráveis ao influxo dos modelos estrangeiros. Suas funções dependem das normas das comunidades linguísticas que as empregam. Estas normas, por sua vez, mudam quando as comunidades linguísticas vão modificando sua autoapreciação nas relações com as comunidades vizinhas que as empregam, ou em circunstâncias objetivas. Finalmente, tais mudanças comportam normalmente as das mesmas variedades” (FISHMAN, 1995, p. 50, grifo do autor, tradução nossa).

Fishman (1995) destaca, ainda, que as comunidades linguísticas e suas variedades são interrelacionadas, com sistemas interdependentes. Ao descrever a variação e a mudança linguística no interior das variáveis sociais e linguísticas conseguimos observar comportamentos que atuam sobre a variação e manutenção linguística, como, por exemplo, nas sociedades ocidentais e orientais. Enquanto nas primeiras a existência de um vocabulário feminino e um masculino tende ao desaparecimento, pela proximidade de papéis sociais que se esperam de homens e mulheres, nas últimas o desempenho social masculino e feminino é fortemente demarcado. O acesso aos bens culturais e ao mercado de trabalho se dá de forma diferenciada, fatores que também influenciam na fala.

Nem sempre, porém, língua e sociedade foram vistas como interdependentes. Somente em 1960, principalmente com o avanço da Sociolinguística e dos estudos de Labov, começou-se a estudar a língua em seu contexto social, com falantes e dados reais. Weinreich, Labov e Herzog (2012 [1968]) afirmam que a concepção defendida por Paul e Saussure²⁷ era a de que variabilidade e sistematicidade se excluam mutuamente (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2012 [1968]). Porém, defende que, atualmente, “a maioria dos linguistas reconhece a evidência que demonstra que a mudança linguística é um processo contínuo e o subproduto inevitável da variação linguística” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2012 [1968], p. 87).

Língua e sociedade se transformam mútua e constantemente, se afirmam e se projetam entre si, e de uma depende a sobrevivência da outra. O caráter social da língua se mostra, dessa maneira, inseparável de sua constituição enquanto bem cultural. A variação presente nas línguas ocorre também por fatores de ordem sociocultural. Algumas variáveis, como sexo, classe social e faixa etária despontam enquanto protagonistas nas análises sociais, pois parecem ser os condicionadores mais relevantes na fala e comportamento linguístico.

O comportamento social diferenciado de homens e mulheres se reflete em sua performance linguística: as mulheres utilizam menos as formas mais estigmatizadas que os homens e se preocupam mais em se adequar aos padrões de prestígio. Se

²⁷ Hermann Paul (1846-1921) e Ferdinand de Saussure (1857-1913) são dois pioneiros da Linguística. Paul escreveu e publicou em 1880 *Prinzipien der Sprachgeschichte*, em tradução livre *Princípios de história da língua* e os alunos de Saussure publicaram *Curso de Linguística Geral* em 1916.

corrigem com maior frequência em contextos formais e é inegável seu papel na promoção da mudança linguística (LABOV, 2008 [1972]).

A sensibilidade das mulheres em relação ao prestígio social se reflete em sua consciência de que a língua é examinada pela coletividade. Além de participarem mais diretamente na educação dos filhos, são elas a maioria das responsáveis pelos primeiros anos de educação, seja ela informal, no âmbito familiar, ou formal, nas escolas, o que reforça a preocupação em ajustar-se aos padrões.

Observando como critério de análise a escolaridade do falante, o fator classe social refere-se à influência do poder econômico e da estratificação social nos diferentes grupos linguísticos. Isso porque “A mudança não ocorre independente dos padrões de classe: ao contrário, o padrão inovador entra como uma cunha, com ou um outro grupo atuando como ponta de lança” (LABOV, 2008 [1972], p. 339). As mudanças geralmente “se espalham” para outras classes. Tarallo (2005 [1990]) afirma que o grupo social intermediário é o responsável pela implementação das mudanças linguísticas por ser mais suscetível à variação.

Na busca pela ascensão social, identificar-se com o falar do grupo de prestígio parece ser norma implícita para que ocorra aceitação social. Em sociedades com tradição literária, como a nossa, por exemplo, quanto mais a fala se aproxima da escrita, mais facilmente se torna um modelo de língua padrão. Por outro lado, maior variação linguística, com traços típicos da fala popular, pode sofrer maior correção e rejeição. Para Votre (2004), “As formas de expressão socialmente prestigiadas das pessoas consideradas superiores na escala socioeconômica opõem-se aos falares de pessoas que não desfrutam de prestígio social e econômico” (VOTRE, 2004, p. 51).

No entanto, falantes de imigrantes ou moradores de bairros periféricos podem não querer ser identificados com seus antepassados ou seu grupo social, e podem abandonar propositadamente traços linguísticos indicadores de sua origem. Por exemplo, o uso de lateral velarizada em final de palavra, como em [ˈsaʎ], ou em contexto medial [ˈpaʎma], na região Oeste paranaense, pode revelar não apenas a descendência europeia, mas também a faixa etária do falante, por se tratar de uma variante observada na fala dos mais velhos. Isso ocorre porque, conforme analisa Naro (2004),

[...] os falantes mais velhos costumam preservar mais as formas antigas, o que pode acontecer também com as pessoas mais

escolarizadas, ou das camadas da população que gozam de maior prestígio social, ou ainda de grupos sociais que sofrem pressão social normalizadora, a exemplo do sexo feminino de maneira geral, ou das pessoas que exercem atividades socioeconômicas que exigem uma boa apresentação para o público (NARO, 2004, p. 43).

Os fatores sociais, ou também chamados extralinguísticos, não atuam de forma isolada, mas o enquadramento do indivíduo dentro das categorias estabelecidas pode dar pistas sobre o comportamento linguístico, verificado pelas pesquisas da Sociolinguística e da Dialetologia Pluridimensional. Em geral, verifica-se mais variação nos mais jovens do que nos mais velhos, uma preocupação maior em se aproximar da língua escrita nos falantes que gozam de maior poder econômico e busca mais expressiva pela aproximação das formas de prestígio por parte das mulheres.

Assim, embora em alguns aspectos a Dialetologia e a Sociolinguística se aproximem, por observarem a diversidade nos usos linguísticos, e por reconhecerem a variação inerente a todas as línguas, os princípios metodológicos de cada área se diferem, conforme destaca Cardoso (2010),

A dialetologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento dos dados, tem como base da sua descrição a *localização espacial dos fatores considerados*, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na *correlação entre os fatores linguísticos e os fatores sociais*, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas (CARDOSO, 2010, p. 26, grifos nossos).

A perspectiva de análise e apresentação dos dados das áreas se diferem em si mesmas, ao adotarem enfoques diferenciados para o mesmo objeto de estudo: a língua. São de responsabilidade dos estudos pluridimensionais a observância do eixo diatópico e social. Para Thun (2010), “It combines the traditional geolinguistic superficies (“areality”) with the axe of socially different groups (dimension of “sociality”), creating by this way the conceptual model of a tridimensional space of superposed areal levels”²⁸ (THUN, 2010, p. 2).

²⁸ “Ela combina as superfícies geolinguísticas tradicionais (“arealidade”) com o eixo de grupos socialmente diferentes (dimensão da “socialidade”), criando assim o modelo conceitual de um espaço tridimensional de níveis de área superpostos” (THUN, 2010, p. 2).

Ao realizar o entrecruzamento entre as duas áreas, a Dialectologia Pluridimensional traz à tona a realidade linguística de homens e mulheres, velhos e jovens, com diversos níveis de escolaridade, em diferentes contextos de fala. Expande e revela, por meio da representação gráfica dos dados, falares e dialetos de determinados pontos geográficos. Vai além da Sociolinguística ao recobrir a realidade sociolinguística de mais de um ponto geográfico e extrapola a Dialectologia Monodimensional ao entrevistar vários membros representativos da comunidade.

Para a descrição do mosaico de falares e culturas de uma comunidade, a leitura pluridimensional se revela fundamental, dado que a fala revela pistas que permitem descobrir a região geográfica do falante, se é estrangeiro ou nativo e seu nível de domínio da norma padrão. Pode denunciar também a classe social, nível de escolaridade e idade do indivíduo.

Além disso, as variantes linguísticas de que o falante se utiliza para a comunicação e para a vida social podem ser entendidas como diferentes formas de dizer alguma coisa, por meio do uso de uma ou outra variável (fonética, morfológica, lexical) possível dentro da língua portuguesa, condicionadas por fatores internos à língua (ou variáveis dependentes) e sociais (ou variáveis independentes). As variáveis dependentes podem ser definidas pela posição da variável na palavra ou na sílaba, pela tonicidade da palavra, entre outros fatores. As variáveis sociais são condicionadas pela região geográfica do falante, idade, escolaridade, sexo, contexto de produção de fala, dentre outros.

Vale ressaltar, contudo, que essas variantes, embora sejam classificadas socialmente como de prestígio ou estigmatizadas, não são “melhores” ou “piores” do que outras, apenas coexistem. No entanto, em ambientes mais formais, como entrevistas de emprego, por exemplo, pode ser necessário que se faça uso da variante de prestígio, ou que ao menos a (re)conheça.

4.1.1 As variantes para a oclusiva dental surda e sonora para a Fonética Articulatória

A fim de aprofundarmos o conhecimento a respeito das variantes da língua portuguesa, recorreremos aos princípios da Fonética, definida por Cristóvão-Silva (2019 [1999]) como a “ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana” (CRISTÓFARO-SILVA, 2019 [1999], p. 23). A Fonética se divide em

articulatória – que descreve a produção da fala do ponto de vista fisiológico e articulatório; auditiva – que se preocupa com a percepção da fala; acústica – observa as propriedades físicas dos sons da fala e instrumental – analisa as propriedades físicas da fala com auxílio de instrumentos laboratoriais.

Nosso olhar se volta, nesse momento, maiormente para a fonética articulatória. Para Câmara Jr. (1953, 1984, 1985), a definição de consoante é basicamente o elemento que se junta à vogal para formar a sílaba. O autor divide as consoantes em pré-vocálica, intervocálica e pós-vocálica, de acordo com a posição que ocupam na palavra, conforme apresentado em capítulo anterior.

Para a Fonologia Autossegmental, as consoantes podem ser classificadas de acordo com o número de nós articuladores envolvidos na produção do som em simples, no caso de haver apenas um nó articulador, complexos, com dois ou mais nós, e de contorno, com dois nós em diferentes traços.

Monaretto, Quednau e Hora (2001) apresentam, além dos sistemas “tradicionais” de classificação consonantal, a classificação das variantes. Segundo os autores, desde Câmara Jr. (1953, 1984, 1985) já havia preocupação com as variantes, “ocasionada, quer pelo ambiente fonético no qual se encontram, por distribuição complementar, ou livre, por fatores extralinguísticos, geográficos e/ou sociais” (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 2001, p. 201).

Câmara Jr. (1953, 1984, 1985) classificava as variantes como posicionais, por afrouxamento ou mudança de articulação e livres. O primeiro caso refere-se à posição do vocábulo na palavra; no segundo caso as variáveis sofreriam variação por estarem em posição “fraca” na palavra e, no terceiro, seriam as que hoje convencionamos denominar de variantes sociais.

Para Monaretto, Quednau e Hora (2001), Câmara Jr. (1953, 1984, 1985) chegou a resultados importantes, hoje, expandidos, graças às pesquisas de campo e de laboratório, mas que colaboraram para o levantamento das variantes mais frequentes (ou possíveis) do português brasileiro.

Todas as variantes são condicionadas por fatores sociais. Dependendo da colonização da região e do contexto de fronteira podemos encontrar diferentes variantes:

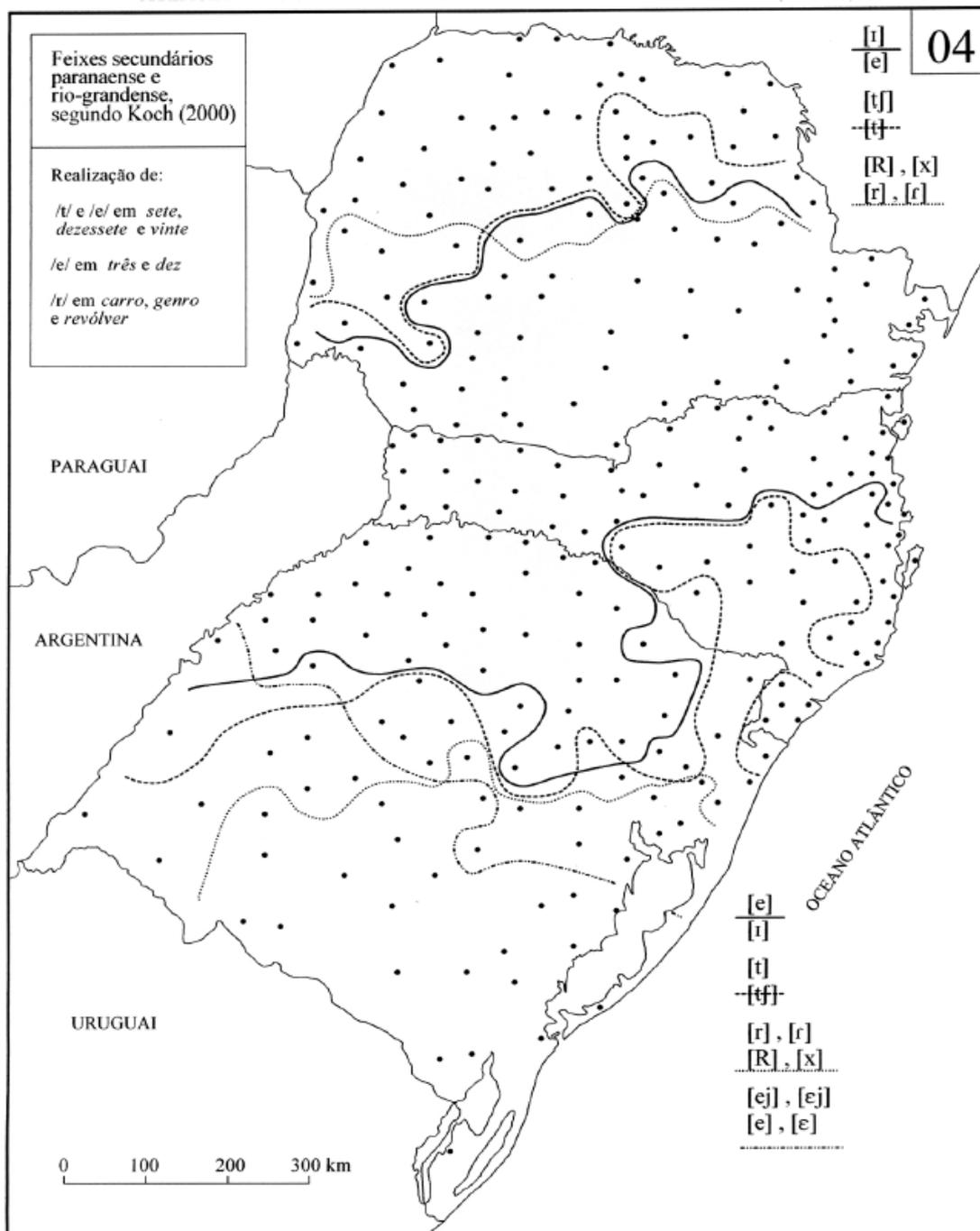
A ocorrência de variáveis dá-se, também, [...] de acordo com a fala de uma determinada comunidade. Sob essa perspectiva, estudos

atestam que a variação linguística pode ser controlada por diversos parâmetros, de forma sistemática e previsível, contribuindo, através de dados observáveis, para confirmar ou não postulados teóricos. Assim, faz-se um levantamento exaustivo de dados da língua falada para se descrever a variável e suas variantes, e analisam-se os possíveis fatores que favorecem o uso de uma variante ou de outra (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 2001, p. 202).

Na região Sul do Brasil as particularidades linguísticas do falante são condicionadas por uma série de fatores atrelados à própria formação e constituição da região enquanto território. De acordo com Altenhofen (2005), “Na região sul do Brasil tem-se uma pluralidade social, cultural e geofísica rara que lhe confere um *status* particular no estado do português brasileiro” (ALTENHOFEN, 2005, p. 185). O contexto de fronteira com países falantes de língua espanhola e guarani, além da colonização de frente europeia, resultou em uma grande diversidade linguístico-cultural que se destaca no cenário nacional.

A eleição do fenômeno se justifica na medida em que, após pesquisas do ALERS, a realização da oclusiva dental se destaca na região Oeste do Paraná reforçando a presença dos migrantes sulistas:

Figura 11 – Feixes secundários paranaense e rio-grandense (ALTENHOFEN, 2005)



Fonte: Altenhofen (2005, p. 206).

No feixe paranaense (KOCH, 2000), verifica-se traços da colonização italiana e alemã, na língua e na cultura, como a realização da vibrante e do tepe em contexto inicial de palavra ou entre vogais, e a despalatalização das surdas e sonoras diante de /i/ nos municípios de colonização sulista.

A descrição da formação de áreas linguísticas se faz necessária pois as realidades linguísticas dos anos de 1985 a 1989, à época de coleta dos dados do ALPR (AGUILERA, 1994) e ALPR II (ALTINO, 2007), e de 2008, ano de coleta do estudo de Busse (2010), são diferentes e únicas. De fato, não fossem os registros escritos provavelmente não teríamos ciência da constância da mudança.

De sorte, temos acesso aos registros linguísticos do Paraná das últimas três décadas. Será possível, desta maneira, observar mudanças linguísticas em cinco municípios pertencentes ao Oeste do estado que foram estudados por dois atlas e um estudo geossociolinguístico e retratar as inovações e manutenções linguísticas do oeste paranaense quanto ao registro da oclusiva dental.

Elencando nossos estudos de maneira cronológica, os resultados serão expostos com os dados do ALPR (AGUILERA, 1994) e ALPR II (ALTINO, 2007) em comparação com *Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010).

4.2 PERCURSO METODOLÓGICO DA TESE

Nesta subseção apresentamos a rede de pontos, as técnicas e os procedimentos de coleta e tratamento dos dados dos trabalhos ALPR (AGUILERA, 1994), o ALPR II (ALTINO, 2007) e *Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010). Os dados apresentados nesta tese foram coletados pelas respectivas autoras. No caso do ALPR (AGUILERA, 1994) a coleta foi feita pela própria pesquisadora com ajuda de alguns orientandos. A coleta de dados se deu entre 1985 e 1989. O ALPR II (ALTINO, 2007), faz uso da mesma coleta, publicando cartas inéditas. As entrevistas e transcrições do estudo de Busse (2010) foram realizados pela própria autora, em 2008.

Para a coleta dos dados, os inquéritos do ALPR (AGUILERA, 1994), ALPR II (ALTINO, 2007) e *Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010) foram realizados com informantes na zona rural das localidades. Em ambas as pesquisas temos informações sobre a geração mais velha na fala de homens e mulheres. No ALPR (AGUILERA, 1994), a faixa etária era de 30 a 60 anos, e no estudo de Busse (2010), a geração I de 18 a 35 anos e a geração II de 45 a 65 anos. Os eixos diassexual e diastrático serão analisados em linhas gerais, sem a comparação criteriosa de variáveis, considerando que para o ALPR

(AGUILERA, 1994) e ALPR II (ALTINO, 2007) foram entrevistados informantes do sexo feminino e masculino da mesma faixa etária, enquanto para *Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010) foram entrevistados informantes do sexo masculino e feminino, de duas faixas etárias e de dois níveis de escolaridade. Para a análise serão considerados os dados coletados entre os informantes do sexo masculino e feminino.

Esta tese propõe observar, nos dados coletados e publicados pelo ALPR (AGUILERA, 1994), ALPR II (ALTINO, 2007) e *Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010), possíveis mudanças fonéticas mediante a comparação de dados. Na formação das áreas linguísticas do Oeste paranaense, as variantes podem apresentar diferentes comportamentos no que se refere às formas estigmatizadas e prestigiosas.

A rede de pontos selecionada para análise são as localidades estudadas pelos atlas e por Busse (2010), organizadas no quadro 10 e posteriormente apresentadas em um mapa.

Quadro 10 – Rede de pontos

ALPR (AGUILERA, 1994) e ALPR II (ALTINO, 2007)	Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná (BUSSE, 2010)
(33) Assis Chateaubriand	(2) Assis Chateaubriand
(39) Cascavel	(8) Cascavel
(27) Guaíra	(1) Guaíra
(40) Guaraniaçu	(9) Guaraniaçu
(32) Marechal Cândido Rondon	(3) Marechal Cândido Rondon

Fonte: ALPR (AGUILERA, 1994), ALPR II (ALTINO, 2007) e *Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná* (BUSSE, 2010).

Conforme podemos observar no Quadro 10, cinco municípios do Oeste paranaense foram estudados pelo ALPR (AGUILERA, 1994), ALPR II (ALTINO, 2007) e por *Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010): Assis Chateaubriand, Cascavel, Guaíra, Guaraniaçu e Marechal Cândido Rondon.

Apresentamos dados a respeito da realidade linguística fotografada em estudos geolinguísticos (atlas e tese) nas décadas de (i) de 1985 a 1989, publicadas em 1994 e 2007 e (ii) final da primeira década de 2000, publicada em 2010.

diretores que vinham trabalhar na colonizadora, além da abertura e venda dos lotes de terras.

A cidade de Cascavel foi emancipada em 14 de novembro de 1951, por meio da Lei Estadual nº 790. Conta com uma área de 2.101.074 km². As cidades vizinhas são Santa Tereza do Oeste, Tupãssi, Toledo, Cafelândia, Corbélia, Ibema, Braganey, Campo Bonito, Catanduvras, Três Barras do Paraná, Boa Vista da Aparecida e Lindoeste. Sobre os distritos de Cascavel temos: Sede Alvorada, Juvinoópolis, Rio do Salto, São João do Oeste, Espigão Azul, Distrito Sete e São Salvador.

Ocupada por diferentes frentes migratórias, de acordo com o interesse econômico em voga, como o tropeirismo, o ciclo da erva-mate e posteriormente o da madeira, o município de Cascavel foi formado por espanhóis, poloneses, e, principalmente, descendentes de italianos e alemães que, extinta a exploração da madeira, fixaram-se na região com atividades agropastoris. Atualmente, a população é de 286.205 habitantes.

Guaíra, cidade emancipada pela Lei Estadual n. 790, de 14 de novembro de 1951, cuja área compreende 563.742 km², já pertenceu ao país do Paraguai e depois à Companhia Matte Laranjeira. Faz divisa com os municípios de Mercedes, Terra Roxa, Altônia e Mundo Novo, no estado do Mato Grosso do Sul. À Guaíra pertence o distrito de Doutor Oliveira Castro. Conta, em sua história e formação, com a presença de indígenas, de diversas tribos, espanhóis, portugueses (em missões jesuíticas). Segundo dados de 2010, residem em Guaíra 30.704 pessoas.

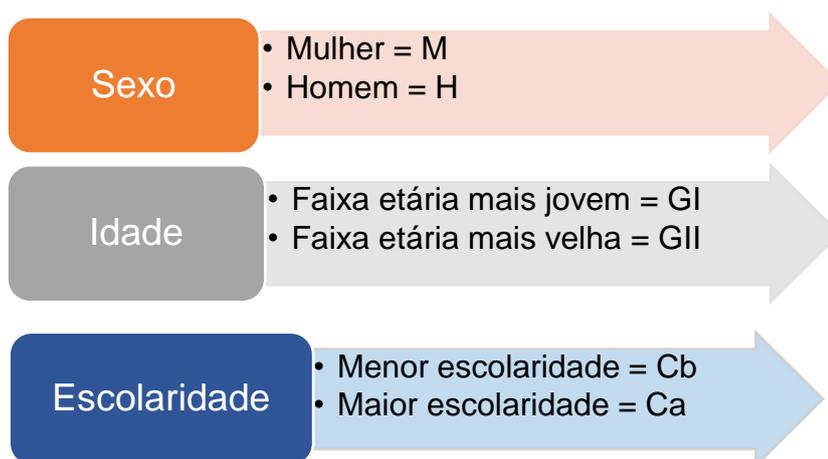
Desmembrado de Laranjeiras do Sul, o município de Guaraniaçu, assim como Guaíra e Cascavel, foi criado em 14 de novembro de 1951 pela Lei Estadual n. 790. Com uma área de 1.238,320 km², faz divisa com Altamira do Paraná, Campina da Lagoa, Campo Bonito, Catanduvras, Diamante do Sul, Espigão Alto do Iguaçu, Ibema, Nova Laranjeiras e Quedas do Iguaçu. À cidade pertencem os distritos de Bela Vista, Borman e Guaporé. É lembrada principalmente por atuar como palco de disputas entre revolucionários e legalistas, quando da passagem da Coluna Prestes. Em 1917, com a criação da Colônia Militar de Foz do Iguaçu, a estrada que ligava Guarapuava a Foz do Iguaçu resultou na localidade inicialmente chamada Rocinha e, posteriormente, Mato Queimado. Em 2010, contava com 14.582 pessoas, segundo censo do IBGE.

Marechal Cândido Rondon, pela Lei Estadual n. 4.245, de 25 de julho de 1960, foi elevado a município, após figurar como distrito de Toledo. A área do município é de 747.041 km². Os municípios limítrofes são Mercedes, Nova Santa Rosa, Quatro

Pontes, Toledo, Ouro Verde do Oeste, Pato Bragado, São José das Palmeiras e Entre Rios do Oeste e com a República do Paraguai (Lago de Itaipu). Conta com os distritos de Bom Jardim, Iguiporã, Margarida, Novo Horizonte, Novo Três Passos, Porto Mendes e São Roque.

Espanhóis e ingleses eram a maioria da população antes da chegada da Colonizadora Maripá – Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S. A. Estes viviam da exploração da erva-mate e da madeira, num ciclo semelhante ao que ocorria no restante do Oeste do estado. Após a instalação da colonizadora, que vendia os lotes prioritariamente para sulistas, a população começa a crescer e a se instalar, com alto predomínio de famílias de origem alemã. A culinária, arquitetura, língua e costumes da cidade refletem a cultura germânica. Em 2010, Marechal Cândido Rondon contava com 46.819 habitantes.

O ALPR (AGUILERA, 1994) e o ALPR II (ALTINO, 2007) se caracterizam como estudos bidimensionais, por registrarem os dados na variável faixa etária e sexo, enquanto o estudo de Busse (2010) desdobra as variáveis em sexo, faixa etária e escolaridade. Cada pesquisador ou equipe de pesquisadores optou por uma formalização para a cartografia de dados, como a simbologia para homens e mulheres, por exemplo. A título de padronização, optamos pela seguinte representação:



Para a coleta dos dados, não foi possível adquirir o ALPR (AGUILERA, 1994), pois não foi publicado para venda, de maneira que escaneamos o material com o exemplar disponível na Biblioteca da Unioeste. O ALPR II (ALTINO, 2007) e *Um*

Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná – Volume I (BUSSE, 2010), por se tratar de teses de doutoramento, foram baixadas da Internet.

Após o levantamento teórico e bibliográfico sobre os princípios da Dialectologia e da Geolinguística, e revisão sobre a história da colonização e ocupação do Sul do Brasil e do Oeste do Paraná, são descritos dados sobre os atlas e estudo delimitado para análise: autores, ano de publicação, rede de pontos, identificação dos informantes, metodologia, campo semântico do questionário e os fenômenos fonéticos analisados.

Em seguida, realizamos o levantamento dos municípios que foram observados pelos atlas e estudo geossociolinguístico, para que fosse possível a comparação em diferentes momentos do tempo. Após, delimitados o fenômeno fonético estudado, escolhido por razões descritas na Introdução. Os dados são apresentados em ordem cronológica de publicação dos atlas.

Para a realização do estudo comparativo observamos cartas linguísticas com o fenômeno que selecionamos para análise. Após a seleção, copiamos a transcrição fonética conforme realizada pelos autores (com as atualizações necessárias), com a indicação de sexo, idade e escolaridade dos informantes, quando havia. Após a transcrição da fala de homens e mulheres em cada município delimitado, foi elaborado um gráfico trazendo os dados comparativos da ocorrência do fenômeno na variação diatópica.

Ao final da explanação dos atlas e estudo geossociolinguístico em cada fenômeno delimitado, é analisada a formação de áreas linguísticas nos municípios do Oeste do Paraná, tema da próxima seção.

4.3 REALIZAÇÃO DA OCLUSIVA DENTAL SURDA E SONORA NO ALPR (AGUILERA, 1994)

Nesta subseção apresentamos os dados e a análise referente à formação de áreas de manutenção da realização da oclusiva dental surda e sonora e de variação para a variante palatalizada em registros de cartas linguísticas do ALPR (AGUILERA, 1994), do ALPR II (ALTINO, 2007) e de *Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010).

Inicialmente, para cada atlas linguístico e para o estudo geossociolinguístico, apresentamos os dados registrados nas lexias selecionadas para a análise em cada

ponto da rede que compreende os municípios do Oeste do Paraná. A referência para a rede de pontos serão os municípios do Oeste do Paraná do ALPR (AGUILERA, 1994). Na análise observamos os ambientes linguísticos que se formam em torno da dimensão diatópica para cada variante. Na sequência, expomos os dados registrados na rede de pontos de acordo com a variável sexo. Buscamos refletir sobre a realização da oclusiva dental e da variante palatalizada por parte de homens e mulheres e as condições para a identificação dos *status* linguístico das formas em cada localidade.

A análise da formação de áreas de variação e manutenção linguística pressupõe o detalhamento das ocorrências em cada ponto da rede, observando a perspectiva temporal das pesquisas e o registro diassexual da oclusiva dental e da africada alveopalatal.

A seguir, apresentamos os dados e a análise referentes à oclusiva dental surda e sonora e da variante palatalizada, conforme registros para os pontos correspondentes aos municípios do Oeste do Paraná no ALPR (AGUILERA, 1994).

A rede de pontos do ALPR (AGUILERA, 1994) é formada pelos seguintes municípios do Oeste do Paraná, conforme o quadro 11.

Quadro 11 – Rede de pontos em exame do ALPR (AGUILERA, 1994) e ALPR II (ALTINO, 2007)

Número do ponto	Nome da localidade
Ponto 27	Guaíra
Ponto 32	Marechal Cândido Rondon
Ponto 33	Assis Chateaubriand
Ponto 39	Cascavel
Ponto 40	Guaraniaçu

Fonte: ALPR (AGUILERA, 1994) e ALPR II (ALTINO, 2007).

Para a análise da realização da dental surda, foram selecionadas as lexias³⁰ “Transanteontem” – nº 95 e “Ponte” – nº 103, e para a oclusiva dental sonora a carta linguística “Redemoinho” – nº 132. A seguir, no Quadro 12, apresentamos as variantes registradas pelos informantes do sexo feminino e do sexo masculino, de acordo com a rede de pontos, para o item lexical “transanteontem” (Carta Linguística nº 95).

³⁰ Neste trabalho, usamos *item lexical*, *lexia* e *forma* como sinônimos.

Quadro 12 – Realização da oclusiva dental surda – Carta Linguística nº 95

CARTA LINGUÍSTICA Nº 95 “TRASANTEONTEM”	PONTO	HOMEM	MULHER
	Ponto 27 – Guaira	Sem registro	[trɛjzã'tʃiõtʃɪ]
	Ponto 32 – Marechal Cândido Rondon	Sem registro	Sem registro
	Ponto 33 – Assis Chateaubriand	[trɛjzãtʃj'õtʃɪ]	Sem registro
	Ponto 39 – Cascavel	[trɛjzã'tõte]	[trɛjzã'tõte]
	Ponto 40 – Guaraniaçu	[trɛjzã'tõte]	[trɛjzã'tõtʃɪ]

Fonte: ALPR (AGUILERA, 1994).

Destacamos que em “transanteontem” podem ocorrer a desnasalização da sílaba final (tem>te/ti/tʃi), a palatalização da oclusiva (te>ti>tʃi), caso ocorra o alçamento da vogal média-alta /e/. Ambos estão em contexto átono, pré e postônico. Segundo Amaral (2009), “A tonicidade é um fator de suma importância em questões que tratam da sílaba. A literatura demonstra que a variação se dá principalmente na sílaba átona” (AMARAL, 2009, p. 106).

Conforme os dados, podemos verificar que os informantes, em sua maioria, ao palatalizarem a oclusiva dental em contexto medial, registram o fenômeno também em sílaba final. Em pesquisa sobre o município de Caxias do Sul, Matté (2011) realizou dezesseis entrevistas e observou que, na taxa de aplicação da regra de 35% no município, o contexto fator medial atuava com mais força na palatalização, seguido de contexto inicial e final. Em Sergipe, Souza (2016), com o banco de dados do projeto “Falares Sergipanos”, observou, nas sessenta entrevistas analisadas, o desencadeamento de africada alveopalatal em coda. Para Hora (1990), contudo, a posição inicial parece favorecer o aparecimento do fenômeno. Não há, portanto, nas pesquisas aqui apresentadas, um contexto mais favorável para a palatalização no português brasileiro.

No quadro 12, observamos que, dos casos em que há o registro da palatalização, nos municípios de Guaira e Assis Chateaubriand, a presença de africada alveopalatal se faz nos dois contextos. Conforme destacam Cristófaró Silva *et al.* (2012, p. 62), “a palatalização de oclusivas dentais é um importante marcador dialetal e social. Falantes identificam a palatalização como característica de diferentes falares”. Em Assis Chateaubriand e em Guaira observa-se uma realidade marcada pela realização da africada alveopalatal para a oclusiva dental diante da vogal fonológica /i/. Neste contexto, a palatalização resulta do alçamento vocálico.

Em Cascavel, por sua vez, a manutenção da oclusiva dental é registrada pelos informantes nos dois contextos. Em Guaraniaçu verifica-se um contexto de palatalização apenas no final da palavra, diante da vogal fonológica. Os informantes de Cascavel e o informante de Guaraniaçu registraram [trɛ̃jzã'tõte], com a síncope da sílaba pretônica [te], enquanto na postônica manteve-se a vogal média sem o alçamento.

Segundo Amaral (2009), “Se a presença da vogal alta anterior /i/ é o gatilho da regra de palatalização, o seu apagamento, através da síncope, é crucial para a formação da africada alveopalatal, na sequência não-palatalizada” (AMARAL, 2009, p. 133). No item lexical em exame, houve uma substituição da vogal média-alta /e/ por vogal média posterior arredondada nasal [õ], ou seja, uma “ressilabação” (AMARAL, 2009). Bisol e Hora (1993), além de Abaurre e Pagotto (2002), observam que a queda da vogal inibe a palatalização.

Observamos nas localidades a formação de ambientes de registro da palatalização nos dois contextos, de alternância entre a realização da oclusiva dental e da africada alveopalatal, e de realização apenas da oclusiva dental.

Na sequência, no quadro 13, apresentamos os dados para “ponte” (Carta Linguística nº 103).

Quadro 13 – Realização da oclusiva dental surda – Carta Linguística nº 103

CARTA LINGUÍSTICA Nº 103 “PONTE”	PONTO	HOMEM	MULHER
	Ponto 27 – Guaíra	[ˈpõte]	[ˈpõte]
	Ponto 32 – Marechal Cândido Rondon	[ˈpõte]	[ˈpõte]
	Ponto 33 – Assis Chateaubriand	[ˈpõtʃi]	Sem registro
	Ponto 39 – Cascavel	[ˈpõtʃi]	[ˈpõtʃi]
	Ponto 40 – Guaraniaçu	[ˈpõte]	[ˈpõtʃy]

Fonte: ALPR (AGUILERA, 1994).

Em “ponte”, temos uma palavra dissílaba com contexto anterior nasal. A oclusiva dental se encontra em contexto postônico. No estudo de Hora (1990), em relação ao contexto fonológico precedente, o contexto nasal seguido pelo contexto de vogal média foi o ambiente mais propício para a palatalização. A variável contexto precedente também foi analisada por Dutra (2007), em estudo sobre o município de Chuí-RS. O autor verificou que um dos principais favorecedores para a palatalização

foi o contexto nasal. Em Porto Alegre, a análise da atuação dos fatores linguísticos de Battisti e Duarte (2017) apontou como segundo fator mais determinante para a produção de africada alveopalatal a nasal em contexto precedente. Apesar de a nasalização atuar como contexto favorável, conforme exposto, nos dados aqui apresentados a realização da consoante alveopalatal é registrada nas localidades de acordo com a formação histórico-cultural.

Em Guáira e Marechal Cândido Rondon, observamos nos dados a manutenção da vogal média alta e a oclusiva dental surda. Muito provavelmente, a colonização sulista, segundo Busse (2010), atua sobre a manutenção de alguns traços linguísticos, como a realização da vogal média alta anterior. Na fala dos descendentes de línguas europeias, que colonizaram o Oeste do Paraná, não é comum a realização da africada alveopalatal, pois, no caso da língua italiana, por exemplo, as vogais /e/ e /i/ são marcadoras, nos substantivos masculinos, de singular e plural, respectivamente, por isso a atenção em pronunciá-las. Conforme destaca Battisti (2011), “a palatalização é desencadeada por vogal alta no português brasileiro; se a elevação de /e/ átono é baixa, não se alimenta a palatalização” (BATTISTI, 2011, p. 108).

Em Guaraniaçu, os dados indicam que as formas convivem nas localidades, porém a africada alveopalatal não está implementada, ou seja, embora possivelmente tenham contato com a palatalização por meio da mídia ou pelos mais jovens, a manutenção da oclusiva dental pode ser tomada como um indicador das origens dos falantes e da sua identidade linguística, marcada por traços linguísticos característicos das áreas mais ao Sul do Brasil. Naro e Scherre (1996) constataram que o fator mídia, aliado à renda, valor de mercado e sensibilidade linguística pode atuar como um bom indicador social (MOLLICA, 2004), e, neste caso, condicionar a manutenção da consoante ou a sua palatalização.

Conforme Aguilera (1994), quanto aos traços linguísticos do Oeste e Sul do Paraná, os informantes vieram do Rio Grande do Sul e certamente mantiveram os traços dialetais de origem. Cristófaró Silva *et al.* (2012) destacam que palatalização da oclusiva dental atua como variante geográfica:

Há variedades regionais no Brasil em que a palatalização já se consolidou como mudança sonora. Ou seja, as consoantes africadas são sempre seguidas de uma vogal [i]. Por outro lado, há outras variedades regionais em que a palatalização não ocorre ou apresenta baixos índices. Nessas variedades, observa-se que, em alguns casos, ocorre uma africada seguida de [i] e, em outros casos, ocorre uma

oclusiva alveolar seguida de [j]. Em variedades não palatalizantes, não é esperado encontrar consoantes africadas (CRISTÓFARO SILVA *et al.*, 2012, p. 62).

Nos casos em que os informantes mantêm a vogal média alta /e/ há inibição da palatalização, pois esta é favorecida pelo contexto de vogal alta anterior /i/, seja fonológica ou fonética, de acordo com Bisol (1991), Battisti (2011), Cristófaros-Silva *et al.* (2012).

Os informantes de Assis Chateaubriand e de Cascavel registraram apenas a africada alveopalatal. Embora na carta linguística (“Transanteontem” – Carta Linguística 95) Cascavel tenha adotado a manutenção linguística para ambos os informantes, no item lexical “Ponte” registrou a variação linguística, transparecendo, na língua, a colonização mista a que a cidade foi submetida. Segundo Tosin (2005),

Na década de 40, o início do ciclo madeireiro trouxe mais famílias do sul, deslocamento chamado de frente sulista. Com a tradição do plantio do café e a melhoria dos preços, mais famílias vieram de outras partes do país, o que gerou a frente cafeeira (TOSIN, 2005, p. 7).

Os movimentos econômicos, como o da madeira, do café, da erva-mate e de outros insumos, sobretudo alimentícios, atraiu diferentes grupos que fixaram moradia e formam a identidade cultural. Com o intuito de fornecer subsídios para o restante do estado, o governo era aberto a vinda de migrantes, pois o Oeste do estado era esvaziado em termos populacionais. Assim, a realidade linguística do município traduz os reflexos de uma colonização mista. Na forma “Ponte”, por exemplo, verificamos diferentes realizações, com presença de manutenção linguística e da variante africada alveopalatal, esta liderada pelas mulheres.

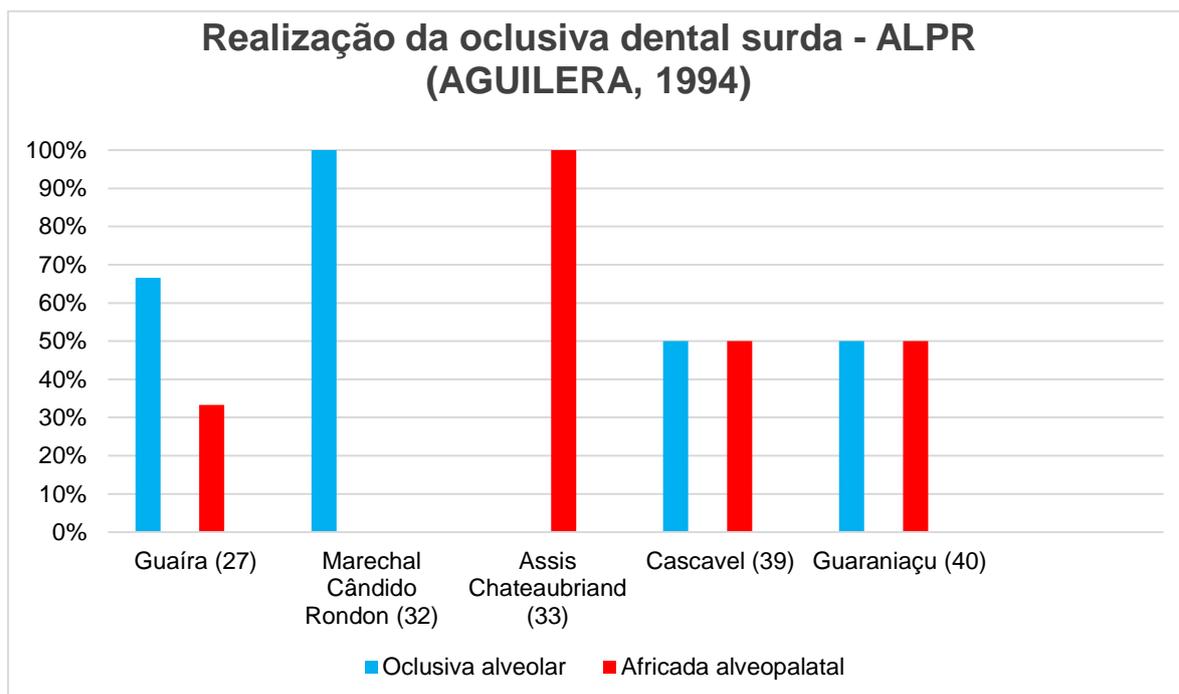
Pesquisas sociolinguísticas comprovam que as mulheres, em geral, adotam mais facilmente a variação, como parece ser o caso da palatalização da dental neste recorte. Henrique e Hora apontam que as mulheres geralmente optam pela variante prestigiada, e por isso aplicam mais a regra da palatalização do que os homens (HENRIQUE; HORA, 2012).

A percepção das diferenças entre a fala de homens e mulheres inicia-se com os estudos de Fischer (1958). O autor observou uma busca maior das formas prestigiadas por parte das mulheres. Não apenas no plano lexical, mas também no fonológico, morfossintático e semântico, as mulheres são mais sensíveis às formas

padronizadas. Nas palavras de Paiva (2004), existe uma “maior consciência feminina do *status* social das formas linguísticas” (PAIVA, 2004, p. 35).

A seguir, apresentamos no gráfico 01, os índices de ocorrência para a oclusiva dental surda no ALPR (AGUILERA, 1994).

Gráfico 01 – Realização da oclusiva dental surda no ALPR (AGUILERA, 1994)



Fonte: ALPR (AGUILERA, 1994).

Conforme os dados apresentados no gráfico, podemos observar que há maior vitalidade da palatalização em Assis Chateaubriand. Em Cascavel e em Guaíra há equilíbrio no registro das consoantes. No município de Guaraniaçu, há o predomínio da oclusiva dental sobre a da africada alveopalatal. Em Marechal Cândido Rondon não houve registro de palatalização. Com colonização sulista, o município apresenta muitos traços dos falares de descendentes italianos e alemães, vindos do Rio Grande do Sul (BUSSE, 2010). Em pesquisa sobre o estado de origem dos primeiros habitantes de Marechal Cândido Rondon, Battisti (2011) afirma que não há homogeneidade de aplicação da regra:

A palatalização se aplica com frequência muito alta apenas na capital gaúcha, Porto Alegre. Nas comunidades do interior do estado, as frequências totais são de moderadas a baixas, apesar de os condicionamentos estruturais serem os mesmos. E, em pelo menos

uma das comunidades, há indícios de que a palatalização se estabilize em índices modestos (BATTISTI, 2011, p. 104).

Battisti (2011) destaca que o fenômeno se encontra de maneira mais tímida nas cidades interioranas devido ao maior sentimento de pertencimento a uma identidade étnica comum. É o que ocorre também no município de Marechal Cândido Rondon: não apenas na língua, mas na arquitetura, costumes e tradições da cidade, como festas e religião, observa-se a defesa pela cultura sulista. Os elementos culturais podem ser recurso de afirmação de identidade e bem simbólico (VENDRAME; ZANINI, 2014), assim como os traços linguísticos. Frai (2016) afirma que o *Projeto de Germanidade* (FRAI, 2016, p. 23), elaborado na década de 1980 pela prefeitura de Marechal Cândido Rondon, tem o objetivo de revitalização da cultura germânica no município. Entre as iniciativas, a festa *Oktoberfest* figura entre as mais populares. Segundo Martiny (2015), “Atualmente, ainda são percebidos traços da herança cultural alemã no Oeste paranaense, onde existe, por exemplo, o emprego da língua alemã por muitas famílias, principalmente em regiões mais interioranas” (MARTINY, 2015, p. 125). Da arquitetura aos costumes, há no município tentativas de perpetuar a cultura dos antepassados.

No quadro 14, apresentamos os dados para oclusiva dental sonora em “redemoinho” (Carta Linguística nº 132).

Quadro 14 – Realização da oclusiva dental sonora – Carta Linguística nº 132

	PONTO	HOMEM	MULHER
CARTA LINGUÍSTICA Nº 132 “REDEMOINHO”	Ponto 27 – Guaíra	[redemu’iɲo]	[rede’mũɲo]
	Ponto 32 - Marechal Cândido Rondon	[redemw’iɲo]	[redemũ’iɲo]
	Ponto 33 - Assis Chateaubriand	[hidzi’mũɲu]	[xidzi’mũɲu]
	Ponto 39 – Cascavel	[rede’mũɲo]	[redzi’mũɲo]
	Ponto 40 – Guaraniaçu	[redzi’mũɲo]	[hedzi’mũɲo]

Fonte: ALPR (AGUILERA, 1994).

Em “redemoinho”, temos um item lexical polissilábico, com a oclusiva dental em contexto átono. Também, destacamos que o item lexical inicia com presença de rótico. É peculiar que, dos dez registros, em oito deles observamos que o fenômeno da palatalização é acompanhado por outras variantes, a velar e a glotal. Com exceção

da informante de Cascavel, e do informante de Guaraniaçu, em todos os demais casos, a africada alveopalatal é acompanhada de variante velar ou glotal, e a oclusiva dental de vibrante múltipla. Pesquisas dialetológicas comprovam que a palatalização e o uso de variante velar e glotal são variações trazidas pelos grupos do Norte do Paraná e do Norte e Sudeste do Brasil, enquanto a oclusiva dental e a vibrante múltipla são mais encontradas em sulistas.

A variável vibrante é condicionada, sobretudo, por dois fatores: o grupo geográfico e a posição em que se encontra na sílaba, podendo ocorrer em todos os contextos. Em relação ao contexto geográfico, o uso da vibrante em início de sílaba identifica regiões de colonização sulista, como descendentes de alemães e italianos, e zonas com falantes de língua espanhola, como Uruguai e Argentina (BRESCANCINI; MONARETTO, 2008).

Em Guaraniaçu e Assis Chateaubriand é possível verificar a realização da palatalização da oclusiva dental. Neste caso, a vogal média alta foi alçada à vogal fonética [ɪ], devido à presença de um gatilho, a vogal fonológica alta /i/. Quanto às localidades, Busse (2010) destaca que “estão próximas a outras regiões do Paraná, centro-oeste e noroeste, e apresentam, na sua formação histórica, uma presença predominante de grupos de diferentes regiões paranaenses” (BUSSE, 2010, p. 174).

Os informantes de Marechal Cândido Rondon e Guaíra registraram a oclusiva dental. Embora haja contexto favorável para o alçamento vocálico, permanece o registro da vogal /e/, por consequência, da oclusiva dental, pois a condição para a palatalização é a realização da vogal fonológica /i/ ou da vogal fonética [ɪ]. A formação cultural das localidades pode atuar sobre a fala, pois ambas as localidades receberam grupos de sulistas durante sua formação. Além da presença de descendentes alemães e gaúchos, Guaíra faz fronteira com o Paraguai e mantém contato com falantes de espanhol e guarani.

Cascavel registra a oclusiva dental para o informante e africada alveopalatal na fala da informante. A tendência de as mulheres em se adequar a alguns padrões linguísticos se confirma, reafirmando a sensibilidade do sexo feminino ao socialmente prestigiado.

Segundo Busse (2010),

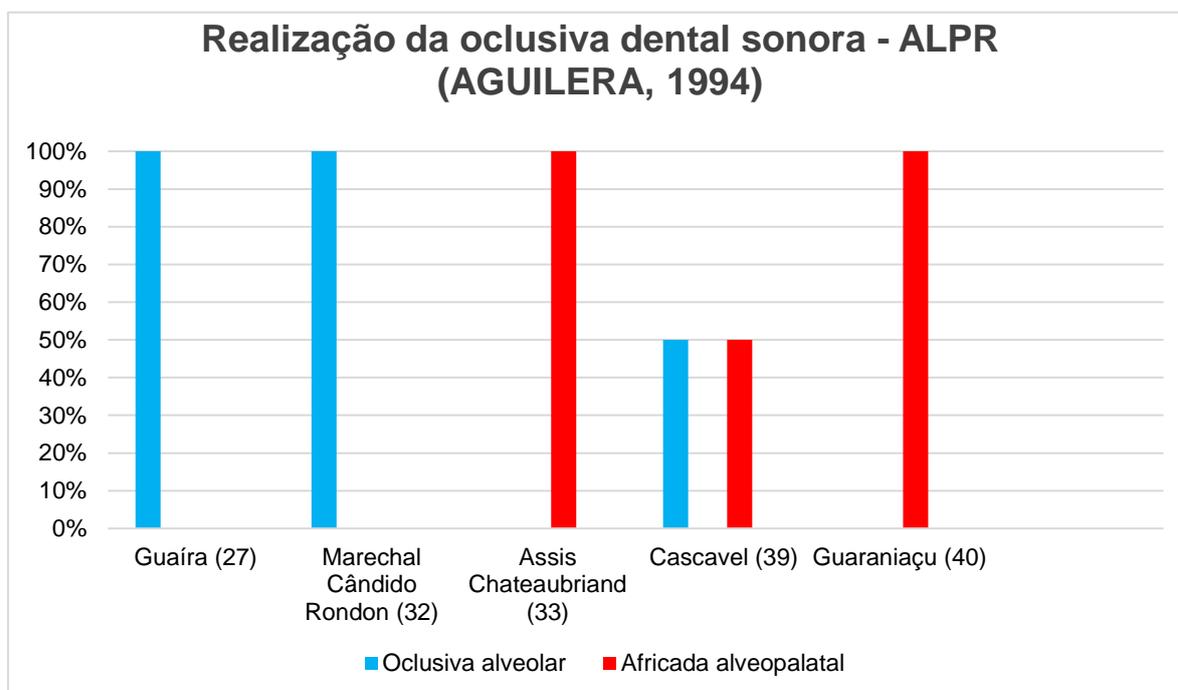
A palatalização toma o Oeste vindo pelo centro. Nesse caso, podemos pensar em duas hipóteses: (i) trata-se de uma forma inovadora

originária de outras regiões do Paraná e do Brasil; ou (ii) de uma forma remanescente de processos de povoamento nordestino em áreas isoladas da região, forma essa que foi mantida e, diante da reconfiguração étnica e cultural da região, disseminada, principalmente nas áreas de colonização mista (BUSSE, 2010, p. 97).

Condicionamentos linguísticos e sociais podem favorecer a palatalização, conforme destacam Battisti e Dornelles Filho (2015). No contexto social, os jovens e habitantes de zona urbana produzem o fenômeno com mais ênfase, enquanto no contexto linguístico a vogal alta fonológica e a consoante-alvo desvozeada criam ambientes propícios para a realização.

A seguir, apresentamos no gráfico 02 a distribuição areal dos dados:

Gráfico 02 – Realização da oclusiva dental sonora no ALPR (AGUILERA, 1994)



Fonte: ALPR (AGUILERA, 1994).

A manutenção de oclusiva dental prevalece nos municípios de Guaíra e de Marechal Cândido Rondon. Em Cascavel, há equilíbrio entre formas de manutenção e de variação, pois ambas se fizeram presentes em igualdade de registros. Por outro lado, em Assis Chateaubriand e em Guaraniaçu há predomínio de africada alveopalatal.

Em Assis Chateaubriand e Guaraniaçu todos os informantes palatalizaram a oclusiva dental, indicando a produtividade do fenômeno nas comunidades, dado que

homens e mulheres registraram a africada alveopalatal. A presença de palatalização na comunidade reflete a percepção que os próprios falantes têm sobre a variante, conforme Battisti e Dorneles Filho (2015):

O indivíduo herda da comunidade o sistema da língua (a variação, inclusive). Os informantes são representantes da comunidade e a comunidade é definida pelo analista através das categorias sociais que propõe e controla na análise. O que define a comunidade de fala são os padrões de uso da língua e não o indivíduo ou a fala individual (BATTISTI; DORNELLES FILHO, 2015, p. 1120).

O registro de oclusiva dental em outras comunidades, como Guaíra e Marechal Cândido Rondon, revela o valor social da palatalização da comunidade, pois identifica o falante como pertencente ao grupo, não apenas física, mas culturalmente. A linguagem, nesse contexto, se converte em símbolo, patrimônio cultural que distingue e dá visibilidade à comunidade (BATTISTI; DORNELLES FILHO, 2015). A realização da oclusiva dental se justifica considerando o perfil dos informantes, moradores da área rural e, em sua maioria, com antepassados alemães.

Em Cascavel somente a informante do sexo feminino registrou a africada alveopalatal. Nos demais municípios, homens e mulheres adotaram comportamento semelhante entre si, revelando, assim, que a variável diassexual, neste contexto, não parece atuar sobre o fenômeno.

Nesta subseção apresentamos os dados para a oclusiva dental surda nas cartas linguísticas “Transanteontem” – nº 95, e “Ponte” – nº 103, e para a oclusiva dental sonora na carta linguística “Redemoinho” – nº 132. Na análise, verificamos que não houve contexto linguístico atuante sobre a produção da africada alveopalatal, em relação a: i) posição da sílaba; ii) contexto anterior nasal ou iii) vozeamento da oclusiva. Há, outrossim, influência da formação histórico-cultural da localidade, com os municípios de Marechal Cândido Rondon preservando os traços dos descendentes europeus, Cascavel, Guaíra e Guaraniaçu transitando entre a manutenção e a inovação linguística e Assis Chateaubriand aplicando a regra, confessando a presença de outros grupos colonizadores.

4.4 REALIZAÇÃO DA OCLUSIVA DENTAL SURDA E SONORA NO ATLAS LINGUÍSTICO DO PARANÁ/ALPR II (ALTINO, 2007)

Apresentamos, nesta subseção, os dados e a análise referentes aos registros da oclusiva alveolar surda e sonora e africada alveopalatal, conforme registros para os pontos correspondentes aos municípios do Oeste do Paraná no ALPR II (ALTINO, 2007).

Para o registro da oclusiva dental surda, foram selecionadas as cartas linguísticas “Ontem” – nº 318, “Anteontem” – nº 319, “Fontes” – nº 332, “Vestido” – nº 360 e “Alfaiate” – nº 362. Para o registro da oclusiva dental sonora, foram selecionadas as cartas linguísticas “Bigode” – nº 334 e “Remédio” – nº 346.

A seguir, no quadro 15, apresentamos o registro para a oclusiva dental surda “ontem” (Carta Linguística nº 318).

Quadro 15 – Realização da oclusiva dental surda – Carta Linguística nº 318

	PONTO	HOMEM	MULHER
CARTA LINGUÍSTICA Nº 318 “ONTEM”	Ponto 27 – Guaíra	[’õtẽ]	[’õtɪ]
	Ponto 32 - Marechal Cândido Rondon	[’õtẽ]	[’õtɛ]
	Ponto 33 - Assis Chateaubriand	Sem registro	Sem registro
	Ponto 39 – Cascavel	[’õtɪ]	[’õtʃɪ]
	Ponto 40 – Guaraniaçu	[’õtɪ]	[’õtʃɪ]

Fonte: ALPR II (ALTINO, 2007).

Neste item lexical, dissílabo, a oclusiva dental está em contexto postônico. Verifica-se diferentes realizações para a forma, com semivogal nasalizada, elevação de vogal alta anterior com e sem palatalização.

Em Guaíra e Marechal Cândido Rondon os registros da africada alveopalatal ocorrem com a realização da nasalização da semivogal final, com a vogal média alta anterior /e/ e com a vogal alta fonética [ɪ]. Conforme os dados, a elevação da vogal média não implica necessariamente na palatalização da oclusiva dental, embora seja condição necessária para que ela aconteça. Conforme Amaral (2009), “sabe-se que para acontecer tal processo, é preciso que a coronal alveolar esteja seguida da vogal anterior alta. Desta feita, uma africatação acontece” (AMARAL, 2009, p. 93).

Nos municípios de Cascavel e Guaraniaçu as formas alternam entre oclusiva dental e a africada alveopalatal, sem haver, nestes casos, a realização da nasalização. Nestes dois municípios podemos observar que as mulheres registram a variante, sendo indicadas como precursoras da mudança linguística (NARO, 2004).

Os dados apontam um comportamento de manutenção da oclusiva dental, mesmo diante da vogal alta fonética [i], enquanto as mulheres avançam na implementação da palatalização. Esta diferença de comportamento, no caso dos dados referentes às variantes para “Ontem”, pode ser tomada como indicador de que a palatalização é um fenômeno inovador na fala do Oeste do Paraná.

A seguir, no quadro 16, serão apresentados os dados registrados para “anteontem” (Carta Linguística nº 319).

Quadro 16 – Realização da oclusiva dental surda – Carta Linguística nº 319

	PONTO	HOMEM	MULHER
CARTA LINGUÍSTICA Nº 319 “ANTEONTEM”	Ponto 27 – Guaíra	Sem registro	[ãtʃi'õtɪ]
	Ponto 32 - Marechal Cândido Rondon	[ãtʃi'õtçj]	Sem registro
	Ponto 33 - Assis Chateaubriand	Sem registro	Sem registro
	Ponto 39 – Cascavel	Sem registro	[ã'tõ tʃi]
	Ponto 40 – Guaraniaçu	Sem registro	[ãtʃi'õtʃi]

Fonte: ALPR II (ALTINO, 2007).

Em “**Anteontem**” observamos, novamente, a possibilidade de palatalização em contexto medial e final, no contexto pretônico e postônico. Verifica-se, também, contextos de nasalização, elevação de vogal média alta e a palatalização. O estudo de Paula (2006) nas comunidades de Taquara e Panambi-RS reforçam a hipótese de favorecimento de palatalização do contexto anterior nasal. Em Battisti e Dornelles Filho (2015), na comunidade de Flores da Cunha-RS, o ambiente mais propício para a produtividade de africada alveopalatal foi em sílaba final.

Em Guaraniaçu houve palatalização tanto em contexto medial quanto final do item lexical. O fenômeno atuou nas duas oclusivas dentais, parecendo ser a forma predominante na fala dos informantes. Em Guaíra e Marechal Cândido Rondon houve registro de palatalização apenas em contexto medial, precedido de vogal nasalizada, embora haja contexto nasal também na segunda ocorrência de oclusiva. Em

Cascavel, ao contrário de Guaíra e Marechal Cândido Rondon, a palatalização ocorreu apenas em contexto final. Neste caso, ocorreu síncope da sílaba pretônica [te] e a substituição por vogal média posterior arredondada nasal [õ].

Os dados registram a realização da africada alveopalatal na fala das informantes do sexo feminino, em Guaíra em contexto medial, e em Cascavel em contexto final. Em Guaraniaçu, observamos a realização da africada alveopalatal no contexto medial e final. Os dados registrados para “Anteontem” reiteram o comportamento das mulheres na implementação da palatalização da oclusiva dental.

A seguir, no quadro 17, serão apresentados os dados para “Fontes” (Carta Linguística nº 332).

Quadro 17 – Realização da dental surda – Carta Linguística nº 332

	PONTO	HOMEM	MULHER
CARTA LINGUÍSTICA Nº 332 “FONTES”	Ponto 27 – Guaíra	Sem registro	Sem registro
	Ponto 32 - Marechal Cândido Rondon	Sem registro	Sem registro
	Ponto 33 - Assis Chateaubriand	Sem registro	Sem registro
	Ponto 39 – Cascavel	[ˈfõtʃɪ]	[ˈfõtʃɪ]
	Ponto 40 – Guaraniaçu	[ˈfõti]	[ˈfõtʃɪ]

Fonte: ALPR II (ALTINO, 2007).

Neste item lexical dissílabo, há um contexto anterior nasal e contexto posterior sibilante. A oclusiva encontra-se em contexto postônico. Trata-se de uma carta linguística cuja lexia está no plural, embora os informantes não tenham demarcado.

Em Cascavel, em ambos os contextos há o registro da africada alveopalatal. Nas últimas décadas o município tem recebido pessoas de outras localidades em número expressivo, devido ao desenvolvimento econômico e social, que trouxeram, em suas bagagens culturais, a variante palatal. Assim, embora colonizada por sulistas, a presença de outros grupos modificou a realidade linguística da comunidade. Este ambiente mais heterogêneo, no que diz respeito aos traços linguísticos dos diferentes grupos, pode atuar com condicionador na implementação de alguns traços linguísticos, como a palatalização da oclusiva dental.

Em Guaraniaçu há o registro de alternância entre as formas. Enquanto o informante registra a oclusiva dental, a informante realiza a africada alveopalatal. Esta

alternância na variável diassexual pode indicar uma mudança em processo e a convivência entre as formas linguísticas.

A seguir, no quadro 18, observamos a realização para “Vestido” (Carta Linguística nº 360).

Quadro 18 – Realização da oclusiva dental surda – Carta Linguística nº 360

	PONTO	Homem	Mulher
CARTA LINGUÍSTICA Nº 360 “VESTIDO”	Ponto 27 – Guaíra	[vis'tido]	[vis'tʃido]
	Ponto 32 - Marechal Cândido Rondon	[vis'tʃido]	[vis'tido]
	Ponto 33 - Assis Chateaubriand	Sem registro	Sem registro
	Ponto 39 – Cascavel	[vis'tʃido]	Sem registro
	Ponto 40 – Guaraniaçu	Sem registro	[vis'tʃido]

Fonte: ALPR II (ALTINO, 2007).

Na lexia “Vestido”, trissílaba com oclusiva dental em contexto tônico, observamos a realização de oclusiva dental surda em contexto de vogal alta anterior fonológica /i/. As formas alternam entre palatais e não palatais.

Nos municípios de Guaíra e de Marechal Cândido Rondon há alternância de oclusiva dental e africada alveopalatal. Ambas as localidades apresentam moradores que vieram do Sul do Brasil e há, em Guaíra, a proximidade com falantes de espanhol nos países de fronteira, conforme Gregory (2002, 2007) e Busse (2010). A variante, embora circule entre as comunidades, e seja adotada por alguns membros, não está efetivada. Em Cascavel e Guaraniaçu a palatização foi realizada em todos os registros, indicando que os informantes, nesta forma linguística, podem tê-la internalizado.

Por ser registrada ora na fala dos informantes masculinos, ora na fala das informantes femininas, neste contexto a variável sexo não parece influenciar na adoção ou não da variante. Há uma tendência geral nos dados para o alçamento da vogal média alta, porém este contexto nem sempre atua como condição para a palatalização da oclusiva dental. A manutenção da oclusiva dental nas localidades pode ser considerada como traço da identidade linguística dos informantes.

A seguir, no quadro 19, observamos a realização da forma “Alfaiate” (Carta Linguística nº 362).

Quadro 19 – Realização da oclusiva dental surda – Carta Linguística nº 362

	PONTE	HOMEM	MULHER
CARTA LINGUÍSTICA Nº 362 “ALFAIATE”	Ponto 27 – Guaira	[awfaj’atɪ]	[awfaj’atɪ]
	Ponto 32 - Marechal Cândido Rondon	Sem registro	[awfaj’ate]
	Ponto 33 - Assis Chateaubriand	Sem registro	Sem registro
	Ponto 39 – Cascavel	[aɾfaj’atʃɪ]	[aɾfaj’atɪ]
	Ponto 40 – Guaraniaçu	[aɾfaj’atɪ]	[aɾfaj’atɪ]

Fonte: ALPR II (ALTINO, 2007).

Na forma polissilábica “Alfaiate”, com presença de africada dental em contexto postônico, há formas com vogal anterior fonética [i], permanência da vogal média-alta anterior /e/ e palatalização.

Em Guaira, Marechal Cândido Rondon e Guaraniaçu, tal como em cartas linguísticas anteriores, como em “Ontem” (Carta Linguística nº 318), por exemplo, os registros são de manutenção da oclusiva dental nos municípios. Os dados revelam que as formas trazidas pelos colonizadores ainda predominam na fala dos moradores. Cascavel representa o único município em que houve o registro da africada alveopalatal e da oclusiva dental.

Nesta carta linguística, podemos observar que apenas a elevação de vogal alta anterior [i] não é condição para ocorrência de oclusiva palatal, visto que em cinco registros observa-se a elevação da vogal sem, contudo, haver realização de africada alveopalatal.

Ao observarmos as cartas linguísticas do ALPR II (ALTINO, 2007), verificamos que, em Guaira e Marechal Cândido Rondon, na maioria dos registros, os informantes registraram a oclusiva dental. Nestas localidades, a presença de gaúchos e de descendentes italianos e alemães vindos do Rio Grande do Sul resultam em ambiente que mantém a memória e a identidade dos informantes. Battisti e Dornelles Filho (2015), em estudo sobre Flores da Cunha-RS, afirmam que, provavelmente,

[...] a baixa palatalização seja um recurso estilístico que permita aos descendentes de italianos (e de outras etnias que porventura residam hoje na comunidade) realizarem práticas sociais locais como forma de diferenciarem-se no cenário estadual e nacional e, assim, ganharem visibilidade, mesmo que elementos não locais sejam também

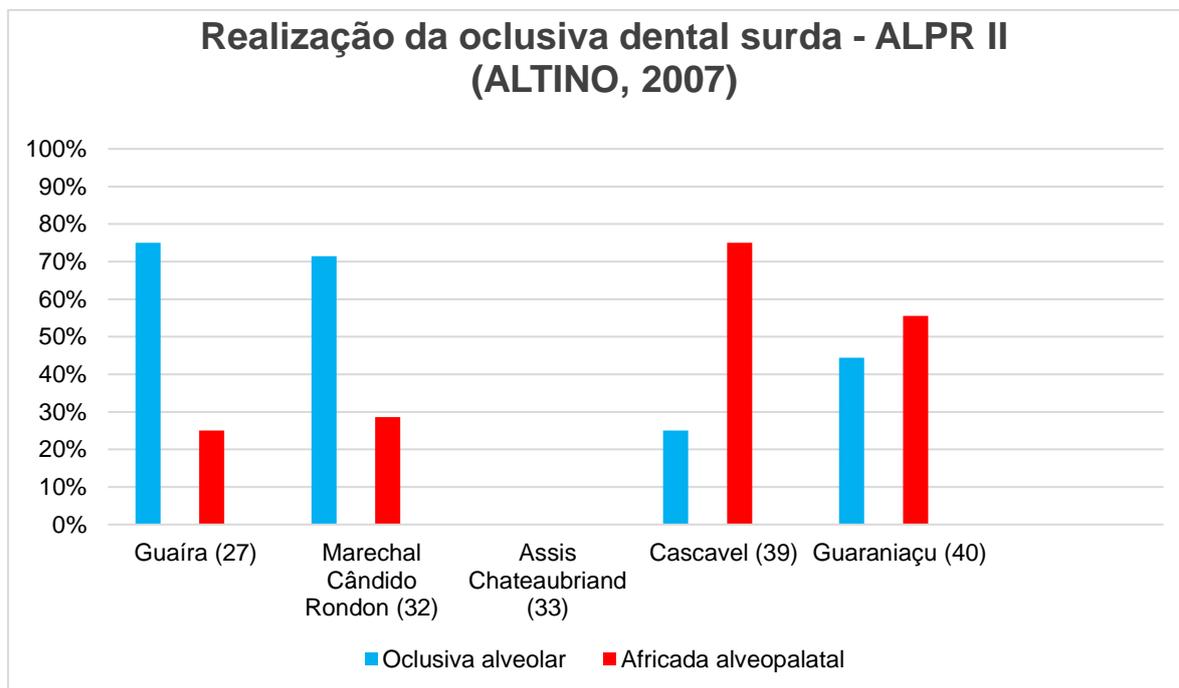
experimentados na localidade (BATTISTI; DORNELLES FILHO, 2015, p. 1120).

Em colônias cuja formação apresenta maior homogeneidade no que se refere ao perfil linguístico dos falantes, verifica-se a preservação das culturas e dos símbolos marcados principalmente na língua. A mesma realidade não é observada nos municípios nos quais a formação é mais heterogênea, sem a atuação tão marcante das empresas colonizadoras, a exemplo de Cascavel. De acordo com Piaia (2013), nos primeiros anos de ocupação do Oeste, esta localidade não se mostrava promissora em termos populacionais, e, conseqüentemente, em termos econômicos. Porém, seu espírito livre e a falta de regras e moldes a serem seguidos atraiu gentes com diferentes histórias e origens.

Guaraniaçu também registrou a alternância entre a africada palatal e a oclusiva dental, registrando assim o fenômeno de variação. Com colonização mista, o município recebeu grupos sulistas e figurou como área de passagem de moradores de áreas ligadas à região central do Paraná, como Laranjeiras do Sul (BUSSE, 2010); o ponto se destaca no que diz respeito ao registro das variantes.

No gráfico 03, a seguir, é possível observar as ocorrências de realização da oclusiva alveolar surda no ALPR II (ALTINO, 2007).

Gráfico 03 – Realização da oclusiva dental surda nos municípios do Oeste do Paraná no ALPR II (ALTINO, 2007)



Fonte: ALPR II (ALTINO, 2007).

Nos itens lexicais “ontem” e “anteontem”, nos municípios de Cascavel e Guaraniaçu, foram as mulheres que lideraram as formas palatalizadas. As mulheres, de forma geral, sofrem maior pressão social, segundo Naro (2004), e, neste caso, o registro da variante por parte do sexo feminino pode indicar *status* de prestígio da variante palatal na comunidade. Segundo Paiva (2004),

A análise da dimensão social da variação e da mudança linguística não pode ignorar, no entanto, que a maior ou menor ocorrência de certas variantes, principalmente daquelas que envolvem o binômio forma padrão/forma não padrão e o processo de implementação de mudanças estejam associados ao gênero/sexo do falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino (PAIVA, 2004, p. 33).

Ao adotarem o registro de uma variante ao seu repertório, possivelmente esta foi ouvida na mídia ou está presente na fala de pessoas pertencentes a classes sociais mais prestigiadas socialmente pelo grupo. Por sua receptividade aos registros do que a sociedade julga positivo, o sexo feminino é impulsionador dos processos de mudança linguística.

Em Guaíra, houve, por parte da informante, no item lexical “Anteontem”, o registro da africada alveopalatal para a oclusiva no interior do item lexical, e a realização da oclusiva dental na última sílaba. Além de, na comunidade, podermos observar uma heterogeneidade linguística, com a colonização sulista e a presença de grupos de falantes de outras regiões do Brasil, o que favorece o polimorfismo linguístico, o contexto linguístico também pode atuar sobre os registros. No interior da palavra o contexto precedente pode atuar favoravelmente à palatalização, conforme destacam Paula (2006) e Dutra (2007), enquanto na última sílaba o contexto pode ser desfavorável.

O índice mais elevado de registro pelos homens se deu no município de Cascavel-PR, receptora de grupos de diferentes regiões do Brasil e sem uma formação simbólica cultural dominante, ligada à uma única etnia, com grande diversidade linguístico-cultural, conforme Gregory (2002; 2007), Busse (2010) e Piaia (2013). As atividades extrativistas são anteriores, no município, à agricultura e à instalação de moradias e ao comércio. Seu primeiro nome, “Encruzilhada”, denuncia o local como um ponto de passagem das trilhas abertas pelos ervateiros. Tempos depois, colonos sulistas se instalaram e contribuíram para uma ocupação mais efetiva do espaço. O registro da africada alveopalatal pelos homens cascavelenses, assim, pode significar que a oclusiva dental não seja alvo de estigma, mas símbolo de marcador social.

Em “vestido”, homens e mulheres apresentaram registros de oclusiva dental e de africada alveopalatal em número semelhante de ocorrências. O equilíbrio entre as formas indica que, neste caso, não houve atuação da variável diasssexual, com convivências entre manutenção e a variação linguística nas comunidades. A alternância entre os registros pode permanecer por anos, e, a depender de fatores externos à língua, uma das formas pode prevalecer sob a outra. Se, no entanto, a forma linguística não é alvo de estigma, e sua presença está ligada a memórias do passado da comunidade, é possível que a mudança linguística não ocorra.

É o caso de Antônio Prado-RS, no qual Battisti *et al.* (2007) verificaram baixos índices de palatalização mesmo entre os mais jovens, e a alternância de formas continua convivendo na comunidade. Em Flores da Cunha-RS, contudo, município também formado por colônias italianas, Battisti (2011) verificou o maior registro de palatalização entre os mais jovens, que provavelmente indica a difusão da variante para as demais faixas etárias, com o decorrer do tempo. No estudo de Matté (2011)

sobre a localidade de Caxias do Sul, a realidade linguística dos informantes assemelha-se a de Flores da Cunha-RS, com introdução da variável africada alveopalatal pelos mais jovens e diminuição da frequência nos mais velhos. Provavelmente, nos municípios de Flores da Cunha-RS e Caxias do Sul-RS a possibilidade de deslocamento e de contato com pessoas de fora da comunidade seja maior em relação a Antônio Prado-RS, localidade que, segundo Battisti *et al.* (2007), esteve, durante muitos anos, isolada pela precariedade das vias de acesso. Observamos que estas realidades linguísticas descritas em diferentes localidades do Rio Grande do Sul se reproduzem em alguns pontos pesquisados no ALPR (AGUILERA, 1994). Não se trata apenas de relacionar o registro da oclusiva dental e da palatalização às localidades de origem dos primeiros moradores das localidades, mas de reconhecer que os comportamentos linguísticos se replicam pela região Sul do Brasil, formando as áreas linguísticas descritas por Altenhofen (2005).

Altenhofen (2005, p. 196), em análise às características do espaço geográfico da região Sul do Brasil, sintetiza as áreas linguísticas da região Sul do Brasil no plano fonético:

- uso do tepe em contextos onde o português utiliza a vibrante múltipla /r/ ou a fricativa velar /x/, p. ex. em carro e revólver;
- ausência de alçamento de /e/ átono final, p. ex. nos mapas referentes a sete, dezessete e vinte;
- ausência de palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/, como em mentira, dia, tio;
- realização do ditongo nasal /ẽw̃/ como [õ], p. ex. em procissão, ferrão;
- desonorização das consoantes sonoras, entre falantes de Hunsrückisch, como em gordura;
- transferências lexicais e semânticas como no exemplo já mencionado da Schmier ou no uso de pedir com o significado de ‘perguntar’, frequente nas áreas bilíngues de italiano;
- variações de gênero, como em a sabonete, observado em pontos bilíngues de italiano;
- outros exemplos que ainda deverão ser levantados nos mapas semântico-lexicais e seus respectivos quadros de variantes.

Há, entre os falantes, no interior das variáveis sociais (sexo, faixa etária e nível de escolaridade) a adoção do alçamento vocálico e da palatalização da oclusiva dental, ou não, mas também encontramos entre informantes da geração mais nova a manutenção da vogal média e da oclusiva dental e, também, a alternância das formas. Esta realidade atua, conforme apontado por Altenhofen e as pesquisas apresentadas,

para a formação de áreas linguísticas, situando o Oeste do Paraná entre o “Corredor oeste de projeção rio-grandense” e o “Corredor leste de projeção rio-grandense (Feixe Rio-Grandense, na interpretação de Koch 2000)” (ALTENHOFEN, 2005, p. 197).

A seguir, no quadro 20, veremos dados sobre a realização da oclusiva alveolar sonora na lexia “bigode” (Carta Linguística nº 334).

Quadro 20 – Realização da oclusiva alveolar sonora – Carta Linguística nº 334

CARTA LINGUÍSTICA Nº 334 “BIGODE”	PONTO	HOMEM	MULHER
	Ponto 27 – Guaíra	[bi'gɔdɪ]	[bi'gɔdɪ]
	Ponto 32 - Marechal Cândido Rondon	[bi'gɔdɪ]	[bi'gɔdɛ]
	Ponto 33 - Assis Chateaubriand	Sem registro	Sem registro
	Ponto 39 – Cascavel	[bi'gɔdɪ]	[bi'gɔdɪ]
	Ponto 40 – Guaraniaçu	[bi'gɔdɪ]	[bi'gɔdʒɪ]

Fonte: ALPR II (ALTINO, 2007).

Na lexia trissílaba “bigode”, com presença de vogal alta anterior fonética [i] em contexto postônico, temos permanência da vogal média-alta /e/, elevação de vogal alta anterior com e sem registro de palatalização.

Em Guaíra, Marechal Cândido Rondon e Cascavel constatamos o predomínio da oclusiva dental. Em Marechal Cândido Rondon há o registro da manutenção da vogal média alta anterior. Nos três pontos de inquérito, a vogal fonética [i] não resultou na palatalização da oclusiva dental. Diante desta realidade podemos considerar que a oclusiva dental pode ser tomada como um indicador da identidade linguística dos falantes, marcada pelos traços sulistas.

O único registro de africada alveopalatal ocorre em Guaraniaçu, que concorre com a oclusiva dental. Dada a formação da localidade e a sua posição geográfica na rota de passagem do Leste do Paraná para a região da fronteira, principalmente, no período da criação da Vila Militar em Foz do Iguaçu, podemos tomar o contato dos falantes com diferentes grupos como elemento condicionador da fala. A seguir, no quadro 21, observamos a realização da oclusiva alveolar sonora na lexia “Remédio” (Carta Linguística nº 346).

Quadro 21 – Realização da oclusiva alveolar sonora – Carta Linguística nº 346

	PONTO	HOMEM	MULHER
CARTA LINGÜÍSTICA Nº 346 “REMÉDIO”	Ponto 27 – Guaíra	Sem registro	[xe'mɛdʒɪw]
	Ponto 32 - Marechal Cândido Rondon	[re'mɛdiw]	Sem registro
	Ponto 33 - Assis Chateaubriand	Sem registro	Sem registro
	Ponto 39 – Cascavel	Sem registro	[xe'mɛdʒɪw]
	Ponto 40 – Guaraniaçu	Sem registro	[xe'mɛdʒɪw]

Fonte: ALPR II (ALTINO, 2007).

Em “remédio”, lexia trissílaba, com presença de vogal alta anterior fonológica /i/ em contexto postônico, verificamos elevação de vogal alta anterior [i] com registro de africada alveopalatal e oclusiva dental.

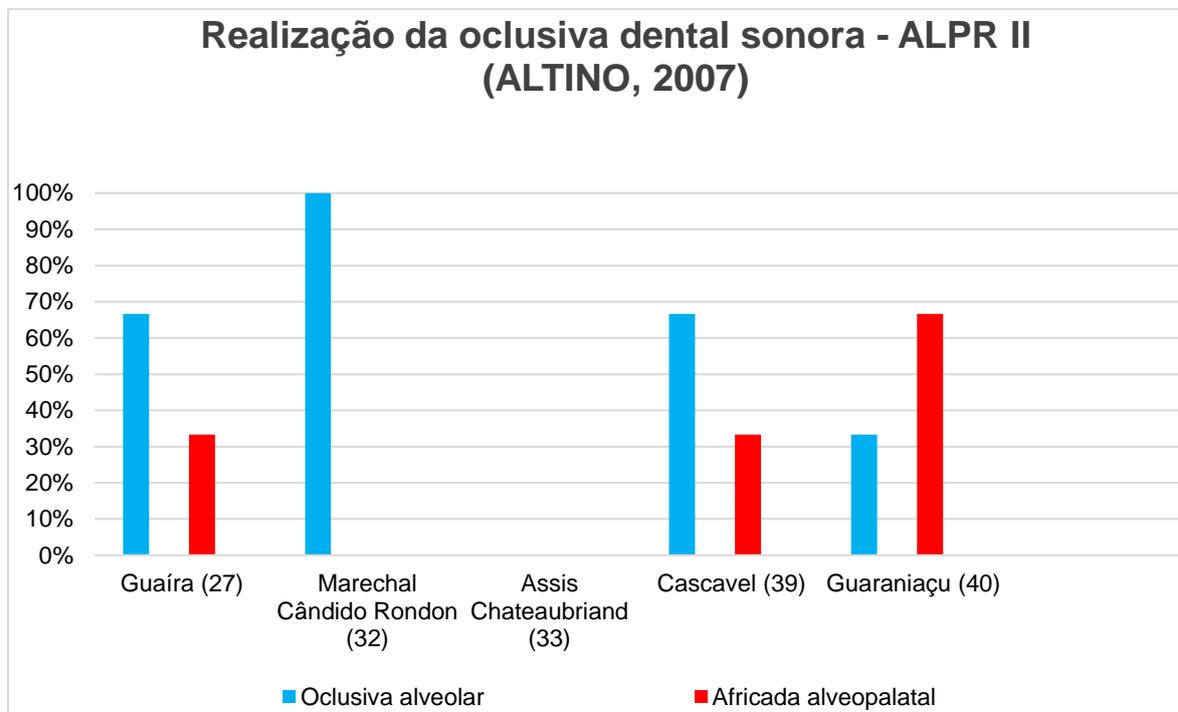
Comparando-se as lexias com vogal fonológica /i/ nos dados do ALPR II (ALTINO, 2007), “Vestido” (Carta Linguística nº 360) e “Remédio” (Carta Linguística nº 346), em ambas a realização da africada alveopalatal foi maior do que os registros da oclusiva dental. No primeiro caso, com 66% das ocorrências, e, no segundo, com 75%. Assim, acreditamos que o traço vozeado ou desvozeado nas cartas linguísticas com presença de vogal fonológica /i/ não atuou como condicionador para a realização da africada alveopalatal.

Guaíra, Cascavel e Guaraniaçu apresentaram palatalização da oclusiva dental em “remédio”. As três localidades receberam, em diferentes momentos do tempo, grupos oriundos de outras regiões, impulsionados por interesses econômicos: Guaíra, conforme já observado, além do ciclo hortelaneiro, tem contato com turistas que frequentam o país vizinho, o Paraguai, vindos de destino nacional e internacional. Em Cascavel, o crescimento econômico atraiu diferentes investidores e profissionais, como indústrias, hospitais, com recursos que aproximaram pessoas de diferentes lugares. Guaraniaçu figurou como ponto estratégico para os viajantes e tropeiros.

Marechal Cândido Rondon é o único com registro da oclusiva dental. Observamos neste contexto a manutenção dos traços dos colonizadores, principalmente na comunidade formada por seus descendentes, como registrado em dados anteriores.

Na sequência, no gráfico 04, apresentamos os dados referentes à realização da oclusiva dental sonora.

Gráfico 04 – Realização da oclusiva dental sonora nos municípios do Oeste do Paraná no ALPR II (ALTINO, 2007)



Fonte: ALPR II (ALTINO, 2007).

Na realização da oclusiva dental sonora, o registro entre as mulheres se destaca: (i) em “bigode”, a única realização de africada alveopalatal em todos os pontos foi da informante guaraniaçuense; (ii) em contrapartida, o único registro de oclusiva dental em “remédio” foi na fala do informante do sexo masculino. De acordo com Labov (2008, [1972]), as mulheres, além de adotarem as formas de prestígio na comunidade com mais frequência do que os homens, acabam corrigindo ou adequando mesmo em contextos casuais. Para o autor, “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (LABOV, 2008 [1972], p. 21). A motivação das mulheres para o registro da forma variante pode residir, além da pressão social, em sua influência no ensino da fala das crianças (LABOV, 2008 [1972]). A procura pela adequação às formas padrões da língua é atestada de longa data, por Gauchat (1905) e Fischer (1958) e comprovada por vários estudos dialetológicos atuais, como as pesquisas de Naro (2004), Paiva (2004), Paula (2006), Busse (2010), Henrique e Hora (2012).

O comportamento das mulheres e dos informantes mais jovens pode imprimir à palatalização prestígio linguístico, pois a adoção das variantes depende do valor social na comunidade. As formas prestigiadas são, em geral, encontradas na fala de pessoas com maior escolaridade. Essas realizações se aproximam daquelas encontradas na escrita, na mídia, e na fala de pessoas cujas profissões gozam de maior prestígio nas comunidades. Há também, a depender da comunidade e da variante, um estigma em relação a outras formas, que podem caracterizar o indivíduo como pertencente a um grupo específico. As mulheres, mais atentas aos modelos impostos, procuram adequar-se ao que é socialmente aceitável, sendo, segundo Labov (2008, [1972]) frequentemente promotoras da mudança linguística.

Chambers e Trudgill (2004 [1998]) afirmam que a assertiva do favorecimento das mulheres às formas padronizadas talvez seja uma das maiores descobertas dos estudos dialetológicos contemporâneos. Para os autores, “The same sort of picture has been obtained in very many other studies, for very many variables: other things being equal, women tend on average to use more higher status variants than men do”³¹ (CHAMBERS; TRUDGILL, 2004 [1998], p. 61). Segundo os pesquisadores, a diferenciação na adoção das formas inicia-se ainda na infância, com as meninas realizando com mais frequência variantes mais aceitas socialmente.

Segundo Paiva (2004), quando se trata de implementar formas prestigiadas, as mulheres lideram a mudança, podendo estar a uma geração a frente dos homens; se, no entanto, a forma é socialmente desprestigiada, são os homens que tomarão a dianteira (PAIVA, 2004). O registro de africadas alveopalatais em maior índice pelo sexo feminino foi verificada também por Paula (2006). O estudo revelou que a palatalização está sujeita a condicionamentos linguísticos e sociais, como a entrada do fenômeno por falantes do sexo feminino, da faixa etária mais jovem, e pela atuação da consoante surda.

Conforme os dados, verificamos que a sonoridade da oclusiva dental pode ter influenciado a produtividade da africada alveopalatal apenas no município de Cascavel, dado que, neste município, a variante para a oclusiva dental surda apareceu com maior frequência. Nos demais pontos da rede, Marechal Cândido Rondon e Guaíra, continuaram a registrar a manutenção linguística. Em Guaraniaçu a regra se

³¹“O mesmo tipo de imagem foi obtido em muitos outros estudos, para muitas variáveis: mantendo-se constantes todos os outros fatores, as mulheres tendem, em média, a usar mais variantes de status mais alto do que os homens” (CHAMBERS; TRUDGILL, 2004, p. 61, tradução nossa).

manifestou líder na maioria das realizações. Os resultados confirmam o que postula Altenhofen (2005), sobre a manutenção da oclusiva dental, em municípios de tradição sulista. Cabe destacar, ainda, que na palavra polissílabica “Anteontem” ocorreu síncope de uma sílaba, esta ocasionada, possivelmente, pela própria estrutura – longa – da lexia, pois o mesmo ocorreu em “Transanteontem” no ALPR (AGUILERA, 1994).

4.5 REALIZAÇÃO DA OCLUSIVA DENTAL SURDA E SONORA EM *UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO DA FALA DO OESTE DO PARANÁ – VOLUME I* (BUSSE, 2010)

Na sequência expomos os dados e a análise referentes aos registros da oclusiva dental surda e sonora e da variante palatalizada, conforme registros na rede de pontos correlata às localidades investigadas pelo ALPR e ALPR II (AGUILERA, 1994; ALTINO, 2007).

A seguir apresentamos as localidades investigadas por Busse (2010), considerando os pontos pesquisados por Aguilera (1994) no Oeste do Paraná.

Quadro 22 – Rede de pontos em exame de *Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010)

Número do ponto	Nome da localidade
Ponto 01	Guaíra
Ponto 02	Assis Chateaubriand
Ponto 03	Marechal Cândido Rondon
Ponto 08	Cascavel
Ponto 09	Guaraniaçu

Fonte: Busse (2010).

Busse (2010) utilizou as dimensões e parâmetros definidos por Thun (2005) para a seleção dos informantes da pesquisa, apresentados, a seguir, no quadro 23.

Quadro 23 – Dimensões e Parâmetros para o estudo das variáveis (BUSSE, 2010)

Dimensões		Parâmetros
Sociocultural	Diastrática	EFI (Analfabeto ou Ensino Fundamental incompleto)
		EMI (Ensino Fundamental completo ou Ensino Médio incompleto)

	Diageracional	G I (18 a 35 anos)
		G II (45 a 65 anos)
	Diassexual	Masculino
		Feminino

Fonte: Busse (2010, p. 115).

Considerando as variáveis sociais definidas por Aguilera (1994), para a recolha dos dados do ALPR, nesta tese não analisaremos o registro das oclusiva dental e da africada alveopalatal de acordo com as dimensões e parâmetros utilizados por Busse.

Para o registro da oclusiva dental surda foram selecionadas as cartas linguísticas “Dente” nº 81 e “Noite” nº 82. Para o registro da oclusiva dental sonora a carta linguística em estudo é “Tarde” nº 80.

A seguir, no quadro 24, apresentamos a realização da oclusiva dental surda da lexia “Dente” (Carta Linguística nº 81).

Quadro 24 – Realização da oclusiva dental surda – Carta Linguística nº 81

CARTA LINGUÍSTICA Nº 81 “DENTE”	PONTO	[tʃi]	[te]	[ti]
	Ponto 1 – Guaíra		25,00%	62,50%
Ponto 2 – Assis Chateaubriand		62,50%	37,50%	0
Ponto 3 – Marechal Cândido Rondon		0	100%	0
Ponto 8 – Cascavel		14,29%	42,86%	42,86%
Ponto 9 – Guaraniaçu		25,00%	75,00%	0

Fonte: Busse (2010).

No item lexical dissílabo “Dente”, com ocorrência de oclusiva dental em contexto postônico, observamos realizações com manutenção da vogal média-alta anterior /e/, elevação da vogal alta anterior [i] com ocorrência de africada alveopalatal e oclusiva dental.

No estudo de Busse (2010), verificamos o predomínio de manutenção da oclusiva dental seguida de vogal média-alta /e/. Nos municípios de Guaíra e Guaraniaçu é a variante líder em registros, e em Marechal Cândido Rondon se manifesta absoluta. Nestes municípios, sobretudo em Marechal Cândido Rondon, a presença de sulistas é significativa, principalmente à época de sua formação e

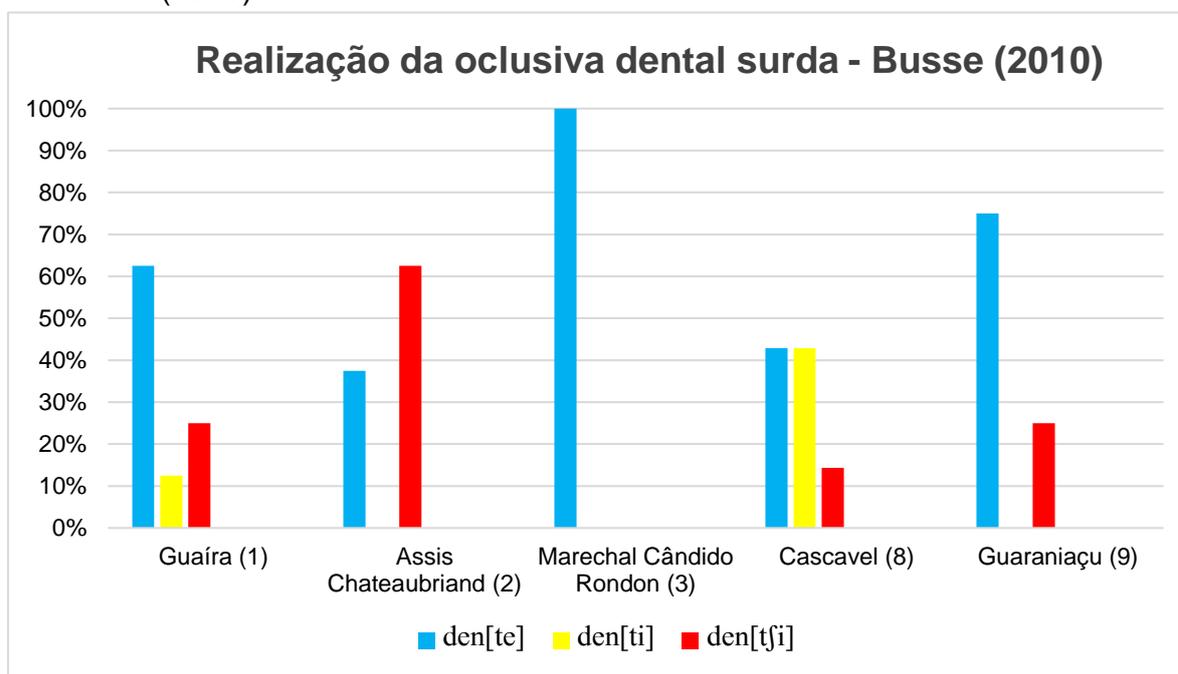
colonização. Assim, a forma de manutenção linguística se faz presente entre os informantes.

Em Cascavel há alternância entre as formas de manutenção linguística, com permanência da vogal média-alta anterior /e/ e vogal fonética anterior [ɪ], e uma pequena presença de palatalização. Os dados refletem a miscigenação étnica dos pioneiros da comunidade.

Assis Chateaubriand apresenta predomínio da variante palatal. Nesta localidade, não se verifica a presença tão marcante de descendentes sulistas e de gaúchos ou catarinenses. Segundo estudo de Bisol (1986 *apud* BATTISTI; FILHO, 2012, p. 1122), “a palatalização é favorecida nos metropolitanos e fronteiriços, desfavorecida por italianos e alemães”.

No gráfico 05, a seguir, é possível visualizar os dados para a realização da oclusiva dental surda no item lexical “Dente” (Carta Linguística 81).

Gráfico 05 – Realização da oclusiva dental surda nos municípios do Oeste do Paraná em Busse (2010)



Fonte: Busse (2010).

Na realização da oclusiva dental surda, em “dente”, há um contexto antecedente nasal. Em pesquisa sobre a atuação do contexto precedente, Paula (2006) verificou que o fonema nasal em contexto precedente parecia favorecer a

palatalização, em contraste com o que observamos nesta lexia. Em uma análise quantitativa envolvendo vinte e quatro informantes do projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul), Paula (2006) observou a realização das oclusivas dentais /t,d/ seguida da vogal alta /i/ nas cidades de Taquara e Panambi-RS. A coleta dos dados foi feita em dois momentos distintos, de modo que foi possível, para a autora, concluir que o comportamento de ambos os municípios é semelhante, e que a palatalização se encontra em processo de aquisição nas comunidades.

Na sequência, no quadro 25, verificamos a realização de oclusiva alveolar surda no item lexical “Noite” (Carta Linguística nº 82).

Quadro 25 – Realização da oclusiva dental surda – Carta Linguística nº 82

CARTA LINGUÍSTICA Nº 82 “NOITE”	PONTO	[tʃ]	[te]	[tɪ]
	Ponto 1 – Guaíra	62,50%	25,00%	12,50%
	Ponto 2 – Assis Chateaubriand	62,50%	25,00%	12,50 %
	Ponto 3 – Marechal Cândido Rondon	25,00%	75,00%	0
	Ponto 8 – Cascavel	50,00%	37,50%	12,50%
	Ponto 9 – Guaraniaçu	37,50%	50,00%	12,50%

Fonte: Busse (2010).

Na forma dissílaba “Noite”, há presença de vogal fonética [ɪ], manutenção de vogal média-alta /e/ e palatalização. O fenômeno em análise se encontra em contexto postônico.

Passadas décadas entre as pesquisas, do Atlas Linguísticos do Paraná ao Estudo Geossociolinguístico (AGUILERA, 1994; BUSSE, 2010), podemos observar que as localidades em exame apresentam um processo de mudança em curso, em que a palatalização da oclusiva dental se encontra em estágios diferentes de implementação.

Marechal Cândido Rondon e Guaraniaçu apresentaram uma realidade linguística próxima, com alta concentração de manutenção linguística da oclusiva dental. A influência das culturas italiana, polonesa e a cultura gaúcha, no município de Guaraniaçu, e da cultura sobretudo de origem germânica, em Marechal Cândido Rondon, justificam a alta recorrência da manutenção linguística. Segundo Serafim Jr. *et al.* (2020), em Guaraniaçu, “As características climáticas e qualidade do solo

atraíram colonizadores, principalmente das regiões de Santa Catarina e Rio Grande do Sul” (SERAFIM Jr. *et al.*, 2020, p. 156). Na localidade, a agricultura familiar ainda é significativa, representando o meio de subsistência de metade da população do município, o que revela que a permanência de moradia dos jovens no âmbito rural. Por outro lado, Serafim Jr. *et al.* (2020) destacam que a localização do município permite mobilidade territorial, comportando, também, a circulação da variante palatal.

Em outro polo, estão Guaíra e Assis Chateaubriand, localidades em que a influência nortista transparece nos registros das variantes, com a frequência maior do registro da africada alveopalatal. Guaíra, inicialmente povoada por indígenas, recebeu contingentes de populações diversas, algumas com histórico de transição pela comunidade, e outras que efetivamente a ocuparam. Os diferentes grupos que contribuíram para sua colonização, bem como a proximidade com o centro comercial de Salto del Guaíra resultaram em “uma situação favorável à manutenção de práticas linguísticas hibridizadas, peculiares de região fronteira” (FENNER; CORBARI, 2014, p. 490). Com a presença e posterior abandono das missões jesuítas dos espanhóis, devido aos ataques dos bandeirantes, a localidade ficou abandonada por séculos. Além dos espanhóis e argentinos, mobilizados pela atuação da Companhia Mate Laranjeira, em Gregory (2002) encontramos que,

Durante a década de 50, se processou uma rápida migração para a fronteira colonial do Oeste do Paraná, onde empreendimentos colonizadores e de exploração madeireira criaram e dinamizaram uma estrutura colonial, um novo espaço colonial. Diversas empresas colonizadoras se esmeraram em registrar e divulgar suas intenções e suas atividades desenvolvidas (GREGORY, 2002, p. 94).

O papel das madeiras e do governo promoveu, assim, a ocupação da região, que acelerou com a vinda de migrantes alemães e italianos, vindos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Segundo Wachowicz (1987) e Gregory (2002), grupos de São Paulo e Minas Gerais também se estabeleceram na região, o que possibilitou uma mescla de culturas e línguas.

Além desses, Fenner e Corbari (2014) salientam que “Guaíra também recebeu imigrantes estrangeiros de outras origens, destacando-se as colônias portuguesa, paraguaia, japonesa e árabe” (FENNER; CORBARI, 2014, p. 491). A consciência da diversidade vivenciada é celebrada pelos moradores, com a Festa das Nações e a promoção do resgate das tradições.

Em Assis Chateaubriand, Bernardo Rippel e Farinha (2021) destacam que o principal atrativo para a colonização era a possibilidade de aquisição de terras. Assim, a primeira onda migratória, vinda do Norte do Paraná, estabeleceu moradia. A segunda onda migratória, formada sobretudo por sulistas, tinha finalidades agropecuárias. Embora o papel econômico dos últimos, verifica-se que havia, na localidade, uma ordem cultural formada pelos primeiros. O abandono das atividades rurais na região e a consequente emigração não permitiu às variantes tipicamente sulistas, dentre as quais a manutenção da oclusiva dental, uma grande produtividade na comunidade.

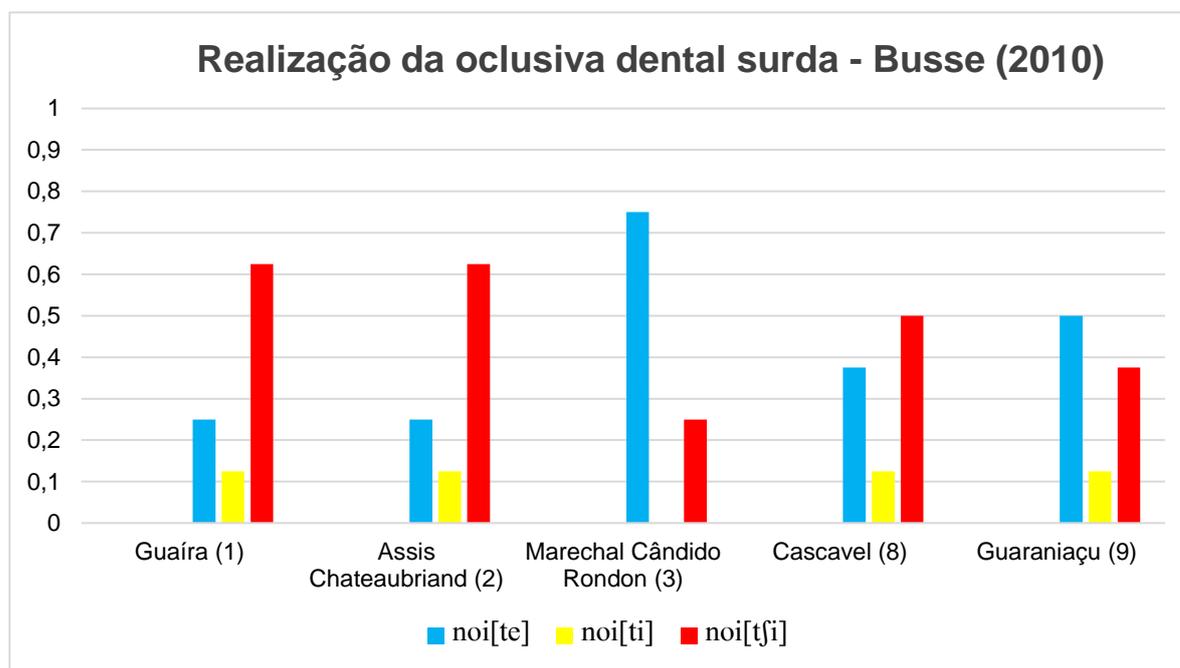
Em Cascavel, ocorre um equilíbrio entre a oclusiva dental e africada alveopalatal, o que reitera o dinamismo entre a influência da colonização sulista e a presença de trabalhadores de outras regiões do país, em que as variantes para a oclusiva alveolar e africada alveopalatal são semelhantemente presentes na fala dos informantes. Nas palavras de Piaia (2013),

Em duas décadas a transformação do cenário urbano, aliada à busca incessante pela última tora de madeira de lei, forçou a substituição de uma cobertura admirável de pinheiros e árvores nobres por tapetes de cultivo agrícola intensivo, que, por sua vez, era impulsionado pelo chavão da modernização da agricultura (PIAIA, 2013, p. 138).

As madeireiras sempre estiverem presentes nesse processo. Abriam estradas e supriam necessidades dos trabalhadores com recursos próprios, principalmente onde o governo ainda não havia se efetivado. Em Cascavel, segundo Piaia (2013), não houve um controle social rígido. Foi ocupado, principalmente, pelos atrativos econômicos, que permitiam a participação de diferentes grupos, e que resultaram na diversidade linguístico-cultural característica do município.

No gráfico 06, a seguir, visualizamos os dados para a realização da oclusiva dental surda no item lexical “Noite” (Carta Linguística nº 82).

Gráfico 06 – Realização da oclusiva dental surda nos municípios do Oeste do Paraná em Busse (2010)



Fonte: Busse (2010).

Possivelmente, em “noite” pode ter ocorrido neutralização da vogal postônica final. Segundo Bisol (2013), no sistema fonológico do português, as vogais médias /e, o/, em posição postônica final podem ser realizadas em duas regras de neutralização, como [i, u], respectivamente. A autora afirma que, “no português brasileiro, como um todo, a neutralização da átona final é um processo em andamento no que diz respeito à opção pela vogal alta, uma vez que a variação permanece em certas comunidades” (BISOL, 2013, p. 271). Porém, para a autora, há perda distintiva entre as vogais médias e altas, com predomínio da realização da vogal alta.

Além do estudo no nível diatópico, Busse (2010) coletou amostras nos eixos diassexual, diageracional e diastrático. Os dados permitem observar que as mulheres realizaram com maior frequência algumas formas, que podem ser avaliadas com maior prestígio pela comunidade, fato que também defende Fischer (1958), Labov (2008 [1972]) e é reiterado por Naro (2004), Paiva (2004), Battisti e Guzzo (2009), Henrique e Hora (2012). Em Busse (2010), a maior produtividade entre as informantes do sexo feminino, em relação aos registros das formas prestigiadas se confirma, com as mulheres tomando a dianteira na palatalização.

Henrique e Hora (2012, p. 01), em revisão da literatura, apontam que Bisol (1986), Hora (1990) e Pagotto (2004) constataram “a condição de prestígio que essa

variável goza”. Freitag, Neto e Côrrea (2019) destacam que as gramáticas brasileiras apresentam a palatalização como prestigiosa. Os autores estudaram a palatalização em Sergipe, que apresenta o fenômeno de maneira produtiva, principalmente por moradores de regiões urbanas e com maior escolaridade. Estes fatores conferem ao registro *status* prestigioso, conforme destacam Freitag, Neto e Corrêa (2019), “É uma variante que é alvo de prestígio aberto na comunidade, o que se manifesta por metacomentários avaliativos do uso” (FREITAG; NETO; CORRÊA, 2019, p. 68). No estado, os autores verificaram que se trata de uma mudança em curso, pois está presente em diferentes faixas etárias e possui atribuição social positiva.

Os estudos comprovam que o valor de uma variante linguística está relacionado ao papel dos falantes nas comunidades. Segundo Labov (2008 [1972]), “Se dado grupo usa uma variante particular, então os valores sociais atribuídos a esse grupo serão transferidos a essa variante linguística (LABOV, 2008 [1972], p. 290). Formas distintas que possuem o mesmo significado são comuns a todas as línguas vivas, pois são heterogêneas, dinâmicas e, conseqüentemente, manifestam variações de natureza geográfica e social. As variantes podem ter, no entanto, valoração social positiva ou negativa, a depender do enquadramento social de seus falantes, sobretudo a classe social.

A palatalização parece ter atingido *status* de variante prestigiosa, por ser registrada na fala do sexo feminino, pelos mais jovens e moradores da zona urbana, conforme estudos aqui apresentados, como o de Paula (2006), Busse (2010), Henrique e Hora (2012), Freitag, Neto e Corrêa (2019), entre outros. Estes estratos sociais, devido ao mercado de trabalho, à busca pela ascensão social e à necessidade de enquadramento em outros grupos parecem mais suscetíveis à avaliação social de seus pares. Embora não seja foco desta tese a análise das variáveis idade e classe social, os dados de Busse (2010) revelam que os jovens produziram a africada alveopalatal em 22% dos contextos em comparação aos mais velhos, 18%. A proximidade de índices pode indicar que há uma mudança em curso, mas em estágio mais lento.

Battisti e Dornelles Filho (2012) afirmam que a palatalização é implementada pelos mais jovens e moradores de zona urbana. Em pesquisa sobre o município de Flores da Cunha-RS, nas quarenta e oito entrevistas, verificou-se um índice de africada alveolar de 29%, com os condicionamentos: idade mais jovem, presença de vogal alta fonológica, moradores do meio urbano e consoante dental surda como os

favorecedores do processo. Ainda, verificaram que, na comunidade, o registro do fenômeno possui valor social positivo.

Dutra (2007) verificou que a maior taxa de palatalização está entre os mais jovens. Na comunidade de Chuí-RS, o autor identificou também que, na correlação entre atividade profissional e faixa etária, o público mais jovem, seguido pela faixa intermediária, aplicava a regra com maior frequência. No que concerne à atividade profissional, o grupo mais atuante na implementação do traço na comunidade é o de estudantes, seguidos pelos comerciantes. Na sequência, em ordem decrescente, aparecem as domésticas, os prestadores de serviço e os funcionários públicos. A atuação do fenômeno na faixa etária mais jovem e nos mais escolarizados revela uma mudança em progresso.

Ao comparar os dados de Taquara e Panambi, municípios rio-grandenses, Paula (2006) verificou que, em ambos, a faixa etária mais jovem também realizou o fenômeno com maior produtividade. O registro da africada alveopalatal, processo que está em fase de aquisição na comunidade, parece ser implementado pelos mais jovens e do sexo feminino.

Em relação à variável diastrática, Busse (2010) considera que o fator escolaridade não pareceu influenciar na aplicação da regra de palatalização. Analisando a fala de informantes sem escolaridade e Ensino Fundamental incompleto com os falantes com Ensino Médio incompleto, Busse (2010) observou que, na realização da oclusiva dental surda, os registros dos informantes mais jovens e mais velhos era semelhante, ao passo que na realização da oclusiva dental sonora havia um leve predomínio dos mais jovens e com maior escolaridade. Os dados sugerem que a variante pode estar em processo de implementação da região Oeste do Paraná.

A seguir, no quadro 26, veremos dados coletados sobre a oclusiva dental sonora em “Tarde” (Carta Linguística nº 80).

Quadro 26 – Realização da oclusiva dental sonora – Carta Linguística nº 80

CARTA LINGUÍSTICA Nº 80 “TARDE”	PONTO	[dʒɪ]	[de]	[di]
	Ponto 1 – Guaíra	85,71%	-	14,29%
	Ponto 2 – Assis Chateaubriand	62,50%	25,00%	12,50%
	Ponto 3 – Marechal Cândido Rondon	25,00%	50,00%	25,00%
	Ponto 8 – Cascavel	62,50%	25,00%	12,50%
	Ponto 9 – Guaraniáçu	28,57%	42,86%	28,57%

Fonte: Busse (2010).

Na lexia dissílaba “tarde”, temos ocorrência de oclusiva dental em contexto postônico, sujas ocorrências de alternam oclusiva dental seguida de vogal média alta /e/, vogal fonética [ɪ] com e sem palatalização.

Em Assis Chateaubriand, Cascavel e, sobretudo, em Guaíra, a africada alveopalatal lidera os registros. Em Assis Chateaubriand, a colonização do município pode ser dividida em dois momentos; a primeira corrente migratória que chegou ao município era originária da região Norte do país (BUSSE, 2010), formada por nordestinos e mineiros que fizeram parte da colonização da região Norte do estado do Paraná. Somente na segunda onda migratória os sulistas se fizeram presentes, conforme Bernardo, Rippel e Farinha (2021) quando já estava estabelecida a “ordem cultural” da localidade. Segundo os autores, “A atração das pessoas para o município, a partir da década de 1960, ocorreu pela esperança de adquirir terras que possibilitasse a melhoria da qualidade de vida da família a partir da produção rural. Havia ali, contudo, uma realidade prévia” (BERNARDO; RIPPEL; FARINHA, 2021, p. 34). De acordo com os pesquisadores, anteriormente ao estabelecimento da empresa colonizadora Norte do Paraná, novos migrantes eram expulsos da comunidade por aqueles que anteriormente a habitavam. Outros fatores, como a falta de estímulo governamental para a produção agropecuária, principal atividade exercida pelos migrantes sulistas, mobilizou os últimos à procura de novas terras.

Em outras cidades do Oeste do Paraná, como Cascavel e Guaíra, por exemplo, Swain (1988) observa que

Os migrantes nacionais se sucedem aos imigrantes europeus no processo de ocupação do território, da expansão da pequena propriedade. Nesta época, o Paraná representa a principal fronteira agrária e agrícola do País, zona de atração para os migrantes do Estado de São Paulo, Minas Gerais e todo o Nordeste, com suas férteis reservas de terras roxas (SWAIN, 1988, p. 21).

Nas localidades descritas, sucessivas ondas migratórias, estimuladas por ciclos de produção agrícola e de promessas de crescimento econômico, como o ciclo do café, por exemplo, modificaram a paisagem populacional de regiões outrora desertas. Gregory (2002) caracteriza a colonização no Sul do Brasil da seguinte maneira:

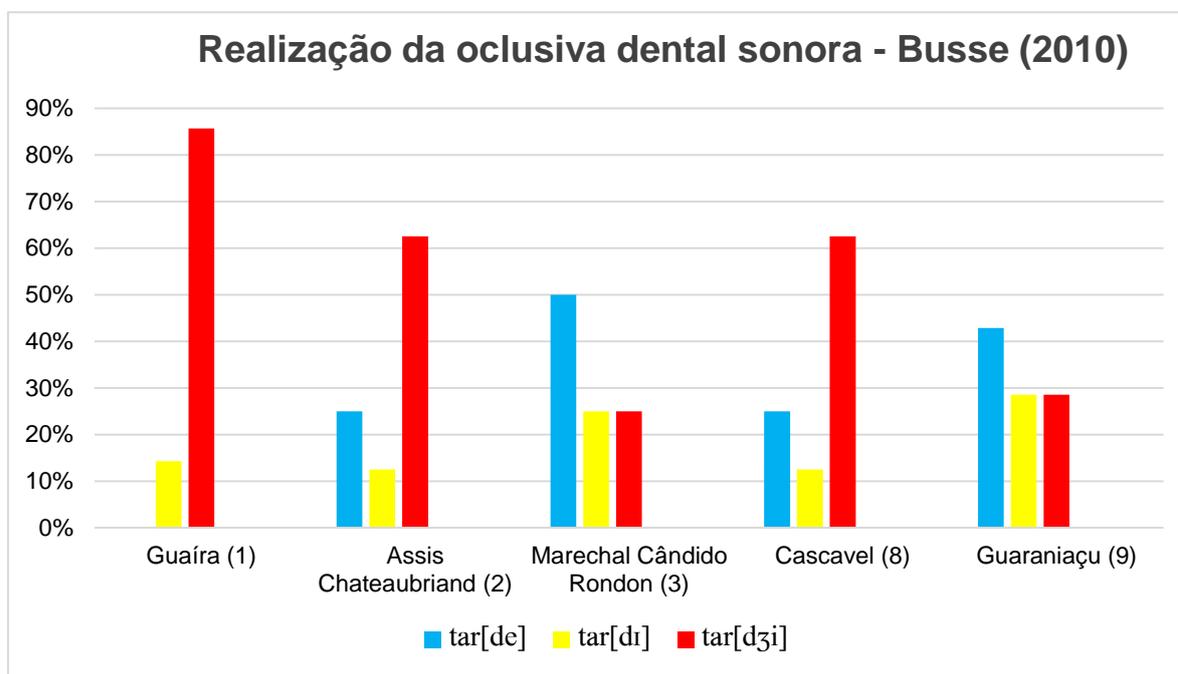
Foi a instalação de pequenas propriedades rurais de tipo europeu em solo brasileiro, a instalação da pequena propriedade de terra sob o domínio do latifúndio em áreas permitidas por este. Este processo culminou na constituição de um espaço, denominado [...] de espaço colonial (GREGORY, 2002, p. 25).

Embora a colonização pareça, à primeira vista, de ordem política e cultural, era sobretudo de ordem econômica. As paisagens verdes e a mata fechada deram lugar, com a extração da madeira, a agricultura e a instalação de moradias, nas quais sulistas produziram alimentos, criaram os filhos e disseminaram a cultura alemã e italiana.

Neste contexto, algumas cidades, como Guaraniaçu e Marechal Cândido Rondon, se mantiveram à margem das ondas migratórias. Seus lotes eram vendidos por colonizadoras que preferiam a formação de grupos de gaúchos e sulistas. Nestes municípios, há adoção maior pela oclusiva dental, devido a própria constituição da localidade. A permanência de traços dos antepassados nestas comunidades se deve ao que Labov (2008 [1972]) intitula “identidade local” (LABOV, 2008 [1972], p. 342). O autor explica que, em algumas comunidades rurais, por exemplo, a identidade local é um fator de pertencimento extremamente importante, até mesmo excludente. A associação a valores sociais diversos, como os costumes, as tradições e mesmo os traços fonéticos criam e preservam uma estrutura cultural em torno dos descendentes, que os difere dos demais membros da comunidade e os aproxima enquanto grupo dominante.

A seguir, no gráfico 07, apresentamos o registro da oclusiva dental sonora.

Gráfico 07 – Realização da oclusiva dental sonora nos municípios do Oeste do Paraná em Busse (2010)



Fonte: Busse (2010).

Nos registros para a oclusiva dental sonora verifica-se que em todos os pontos há predominância de oclusiva dental seguida de vogal média alta anterior em detrimento à vogal alta anterior (com exceção do município de Guaíra em que não se realizou a oclusiva dental seguida de vogal média alta anterior). Isso ocorre porque, segundo estudos de Abaurre e Pagotto (2002), Battisti e Hermans (2008), Battisti e Dornelles Filho (2012), a vogal alta anterior impulsiona a palatalização. Apesar de a redução da vogal alta [i] favorecer o registro de africada alveopalatal, Battisti e Hermans (2008) observam que ela nem sempre ocorre, como se verifica também em Busse (2010) com a variante tar/di/, em que a oclusiva dental se mantém.

No estudo de Busse (2010), os dados para a realização das oclusivas dentais sonoras apresentam que as informantes do sexo feminino tomam a dianteira quanto à forma palatalizada. Os informantes mais jovens e da classe social mais alta registraram o fenômeno com mais frequência do que a geração mais velha e da classe social mais baixa. Nas pesquisas de Labov (2008 [1972]), Tarallo (2005 [1990]), Votre (2004), Naro (2004), Mollica (2004), encontramos que, como regra, a pressão social exercida sobre a atuação linguística do falante, no ambiente de trabalho e universidades, leva os jovens a adotarem padrões linguísticos da comunidade.

Segundo Labov (2008 [1972]), “o status social de um indivíduo é determinado pelas reações subjetivas de outros membros da sociedade, mas para quem é de fora é mais fácil usar indicadores sociais e econômicos subjetivos para avaliar a posição de indivíduos particulares” (LABOV, 2008 [1972], p. 328). Fatores como a alta escolaridade, profissão e nível socioeconômico levam a sociedade a determinar padrões de vida e de língua que devem ser seguidos. Ao eleger uma das formas, as demais variantes são associadas a pessoas que não pertencem àquele grupo: residem na zona rural, são analfabetos e de classe econômica inferior. As mulheres, preocupadas com a realização de formas reconhecidas no meio social, “usam as formas mais avançadas em sua própria fala informal e se corrigem mais nitidamente no outro extremo da fala monitorada” (LABOV, 2008 [1972], p. 346).

Além disso, a realização do fenômeno mais fértil entre os jovens pode indicar mudança em progresso. De acordo com Amaral (2009), “a predominância de uma determinada variante linguística em falantes mais jovens possibilita a instalação gradual de uma nova variante na fala da comunidade” (AMARAL, 2009, p. 107). Quanto ao registro de uma variante prestigiosa, como parece ser o caso da africada alveopalatal no Oeste do Paraná, cuja entrada se dá pelas mulheres, mais jovens e mais escolarizados, é possível que haja implementação do traço nas comunidades. No entanto, vale ressaltar que as variantes podem permanecer estáveis no sistema linguístico por anos, séculos, ou podem sofrer mudança quando umas das formas desaparece (MOLLICA, 2004).

Nesta subseção, destacamos que nem sempre a elevação da vogal média anterior /e/ para a vogal fonética [ɪ] provoca palatalização, embora seja condição para que esta ocorra. No estudo de Busse (2010), observamos que o município de Guaraniaçu se assemelhou ao de Marechal Cândido Rondon quanto a adoção da oclusiva dental. Cascavel, embora apresente registros mistos na lexia “dente”, em “noite” e “tarde” realiza com maior ênfase a africada alveopalatal, no que é acompanhado por Assis Chateaubriand e Guaíra. Parece haver, nestes municípios, além da influência da maior flexibilidade de se deslocar do território, promovida nos últimos anos – com a execução de obras de infraestrutura, como estradas e construção de vias de acesso, a intervenção da mídia e da presença de outros grupos na comunidade, que impõem prestígio. O reflexo da aceitação social da variante está

no comportamento dos jovens e das mulheres, que inspiram a entrada da implementação do traço no Oeste do Paraná.

4.6 ANÁLISE DA FORMAÇÃO DE ÁREAS LINGUÍSTICAS NO OESTE DO PARANÁ PARA A OCLUSIVA DENTAL SURDA E SONORA

A seguir apresentamos a análise da formação de áreas linguísticas dos municípios do Oeste do Paraná com base nos dados do ALPR (AGUILERA, 1994), ALPR II (ALTINO, 2007), e *Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná - Volume I* (BUSSE, 2010). Considerando o objetivo geral da tese, de descrever a formação de áreas linguísticas na região a partir dos grupos colonizadores, sulistas e nortistas, são observados registros para a oclusiva dental surda e sonora seguida da vogal alta anterior e para a africada alveopalatal.

A descrição de áreas linguísticas do português brasileiro podem demonstrar não apenas o caminho das variantes, mas a permanência ou o abandono de seus registros no espaço. Altenhofen (2005) destaca que

A questão, na verdade, desperta o interesse de quem se dedica à descrição da variação do português mesmo sob outros prismas e enfoques que não o da macro-análise no eixo da arealidade, priorizado pelos geolinguístas, mas também no que concerne à socialidade, enfatizada por sociolinguístas das mais diversas tendências (ALTENHOFEN, 2005, p. 179).

O trabalho de descrição de áreas linguísticas permite observar a amplitude de uma variante, seu alcance geográfico e, no caso de estudos comparativos, se houve avanço, implementação ou abandono de determinados fenômenos. Para além da língua, Altenhofen (2005) afirma que é possível deduzir dados extralinguísticos das regiões, pela leitura das cartas, como as principais atividades econômicas, grupos colonizadores e até questões de natureza geográfica, como hidrografia, revelo.

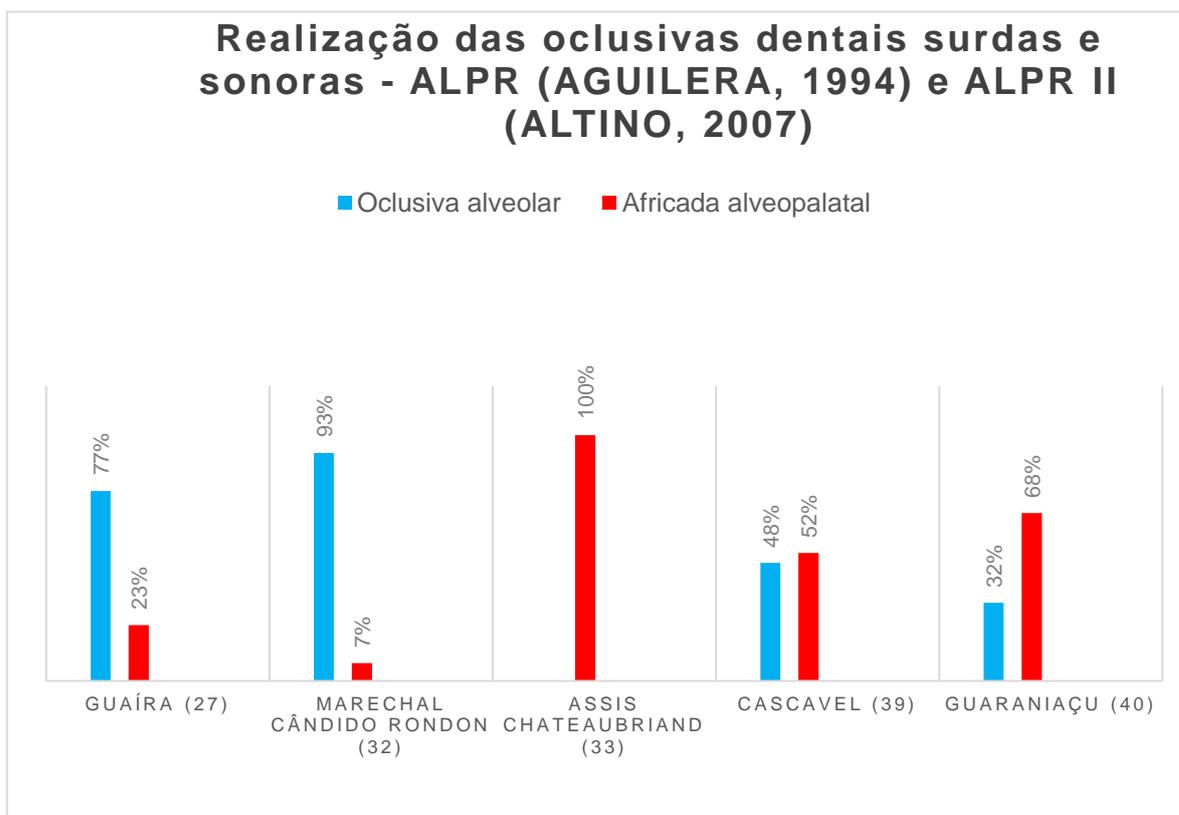
Buscando “verificar a distribuição espacial de variantes léxicas capazes de constituir áreas ou zonas de isoglossas” (AGUILERA, 2019, p. 4223), Aguilera (2019) desenvolveu estudo sobre áreas dialetais a partir do léxico, com *corpus* coletado pelo ALiB (2014). A autora concluiu que a proposta de divisão de falares e subfalares de Nascentes (1953 [1923]), mesmo com todas as mudanças sociais, geográficas e

políticas pelas quais o país passou, ainda se confirma, em grande parte do território brasileiro.

Na análise dos dados para a descrição das áreas linguísticas é possível apurar a identidade cultural dos falantes e das localidades, a formação histórica, elementos sócio-econômicos e outros mais que (trans)formam a comunidade. No resgate da fala, a memória cultural e identitária salta aos olhos e ouvidos do pesquisador, que a redesenha a partir de ferramentas simbólicas e a divulga em cartas linguísticas. No Oeste do Paraná, a descrição de áreas linguísticas permite expor a variação linguística, seu trajeto e seus limites a partir da trajetória dos colonizadores e formadores das comunidades.

Na sequência, no gráfico 08, apresentamos os dados do ALPR (AGUILERA, 1994) e do ALPR II (ALTINO, 2007) para as oclusivas dentais surdas e sonoras.

Gráfico 08 – Realização das oclusivas dentais surdas e sonoras nos municípios do Oeste do Paraná no ALPR (AGUILERA, 1994) e ALPR II (ALTINO, 2007)



Fonte: ALPR (AGUILERA, 1994) e ALPR II (ALTINO, 2007).

Nos registros do ALPR (AGUILERA, 1994) e do ALPR II (ALTINO, 2007), verifica-se que os informantes do município de Assis Chateaubriand se destacam no

registro da africada alveopalatal, comparando-se às demais localidades. A formação histórico-cultural do município pode ser tomada como elemento que atua sobre esta realidade. Embora Assis Chateaubriand esteja no roteiro do movimento de colonização sulista, seu desenvolvimento econômico esteve relacionado à presença de grupos de outras regiões do Paraná e do Brasil, principalmente, do Norte paranaense, do Sudeste e do Nordeste brasileiro. Dados das pesquisas realizadas por Abaurre e Pagotto (2002) e Hora (1990) demonstram a alta produtividade da africada alveopalatal na Bahia, por exemplo, de 94%.

Ao migrarem para o Oeste paranaense, estes grupos trouxeram consigo sua identidade linguística e cultural, implementando nas localidades seu modo de viver e sua fala. Conforme Souto Maior (1996, p. 277), em 1969 o número de moradores de Assis Chateaubriand, vindos de todas as regiões do Brasil, chegava a 100 mil, atraídos pelo ciclo da hortelã³², que prosperava na região. Segundo Lucio (2004, p. 33), 85% da população da localidade era formada por nordestinos, paulistas, mineiros e paranaenses.

Busse (2010) destaca que, quanto à palatalização da oclusiva dental,

O fenômeno da palatalização concentra-se em pontos que abrigaram, durante a formação histórica, momentos distintos quanto à presença de grupos originários do Sudeste e do Nordeste do Brasil, e do Norte do Paraná. No primeiro grupo, estão Guaíra, durante a fase hortelaneira, e Assis Chateaubriand, com a colonização realizada quase que totalmente por grupos advindos do Norte do Paraná (BUSSE, 2010, p. 158).

Nesta localidade, mesmo com a presença de descendentes italianos e alemães, que chegaram à comunidade na década de 1960, em uma segunda onda de imigração, o modelo cultural e identitário do município já estava estabelecido. Os sulistas, que vieram atraídos pelas promessas de crescimento econômico, ao não atingirem a prosperidade prometida, deixaram a localidade para se estabelecerem em outras regiões, como Mato Grosso e Rondônia (SWAIN, 1988).

³² Segundo Backes (2010), “A atividade com as lavouras de hortelã ocorreu no Oeste do Paraná nas décadas de 1960 e 1970, fazendo com que o Paraná se tornasse o maior produtor mundial de óleo de hortelã, ou menta, na década de 1970. Ao mesmo tempo, essa foi uma atividade que trouxe trabalhadores de diferentes estados, uma vez que a produção de hortelã era praticada de forma manual, exigindo assim considerável força de trabalho” (BACKES, 2010, p. 26).

Em Cascavel não se verifica a presença de núcleos étnicos homogêneos, se comparado a outras localidades, como Toledo ou Marechal Cândido Rondon, por exemplo, que abrigaram sobretudo descendentes italianos e alemães. Há pluralidade de grupos, como descendentes ucranianos, poloneses, grupos do Sudeste, principalmente do interior de São Paulo. Para Piaia (2013), os ciclos econômicos foram os principais responsáveis pela ocupação da comunidade, como o ciclo da madeira, e, posteriormente, o do cultivo agrícola, atraindo sulistas e gaúchos.

Segundo Busse (2010), Cascavel integra o grupo de localidades que “têm recebido, em diferentes momentos da história, grupos das regiões norte e central do Paraná e do nordeste e sudeste do Brasil” (BUSSE, 2010, p. 161-162). A localização da comunidade, em ponto estratégico trilhado pelos ervateiros, ficava a meio caminho de Guapuava e Foz do Iguaçu. Recebia tropeiros, peões e outros trabalhadores que estavam de passagem, formando uma população mista de origens. A diversidade linguística e cultural descrita por Busse (2010) e Piaia (2013) se reflete no perfil linguístico de Cascavel, com alternância entre a oclusiva dental e a africada alveopalatal.

A realidade linguística de Guaíra reflete a forte presença de grupos oriundos de regiões do Sudeste e Nordeste do Brasil, assim como Assis Chateaubriand. Durante os ciclos ervateiro e hortelaneiro, recebeu grupos de diferentes regiões do Brasil (BUSSE, 2010). A localidade, porém, faz fronteira com o país do Paraguai e, em sua formação, se verifica a presença de descendentes italianos e alemães. Segundo estudo de Swain (1988), desde os anos 1920 se constata a presença de gaúchos no estado do Paraná, sobretudo no Oeste, porém a maior leva de migrantes se verifica décadas depois: “Desde o início dos anos 50, uma outra onda de colonos, também vinda do Rio Grande do Sul, penetra na mesma região e forma uma espécie de cadeia de povoamento que irá de encontro (*sic*) ao fluxo vindo do Norte, no final da década” (SWAIN, 1988, p. 25). Busse (2010) também observa “ciclos de ocupação e reocupação” no município, além da “localização na fronteira” (BUSSE, 2010, p. 256) e presença de catarinenses.

No município de Guaraniaçu observa-se que o contexto de formação da cidade apresenta duas faces: colonizada por descendentes de imigrantes poloneses, italianos e alemães, além de gaúchos e catarinenses, atraiu caminho também para mato-grossenses e nordestinos, devido à localização em ponto estratégico do município, às margens da estrada entre Guarapuava e Foz do Iguaçu. Verifica-se uma

gênese cultural mista que se assemelha ao contexto de formação de Cascavel, com presença de sulistas e de trabalhadores do Sudeste e Nordeste que asseguravam a posse das terras brasileiras (BUSSE, 2010). Há também moradores provindos da região central do Paraná.

Segundo Gregory (2009), “Marechal Cândido Rondon foi criando uma imagem de forte presença de descendentes de alemães” (GREGORY, 2009, p. 30). Com colonização homogênea de descendentes sulistas, sobretudo alemães, o município recebeu núcleos étnicos, que conservou, em sua fala, as formas de manutenção linguística (BUSSE, 2010).

A identidade étnica do município é reforçada não apenas pelas festas e pela imagem construída do colono trabalhador e próspero, mas em elementos culturais como arquitetura e comidas típicas. Em estudo, Stein observa que há, em escritos sobre a localidade,

A linguagem autorizada do discurso de germanização. Ou seja, nos discursos apresentados tanto pelo poder público e pela historiografia, como pelos meios de comunicação, temos o efeito de significação onde falas de um passado idealizado são usadas para construir e legitimar essa realidade social - a germanização - que se pretende construir (STEIN, 2000, p. 83-84).

O registro da oclusiva dental pode ser tomado como um indício de preservação da identidade e de pertencimento à localidade. A manutenção da língua e da cultura são meios de manter vivo, divulgar e repassar às próximas gerações o orgulho de ser descendente, de exaltar os traços de suas origens e de perpetuar memórias de seus ancestrais.

A partir dos dados do ALPR (AGUILERA, 1994), podemos observar que:

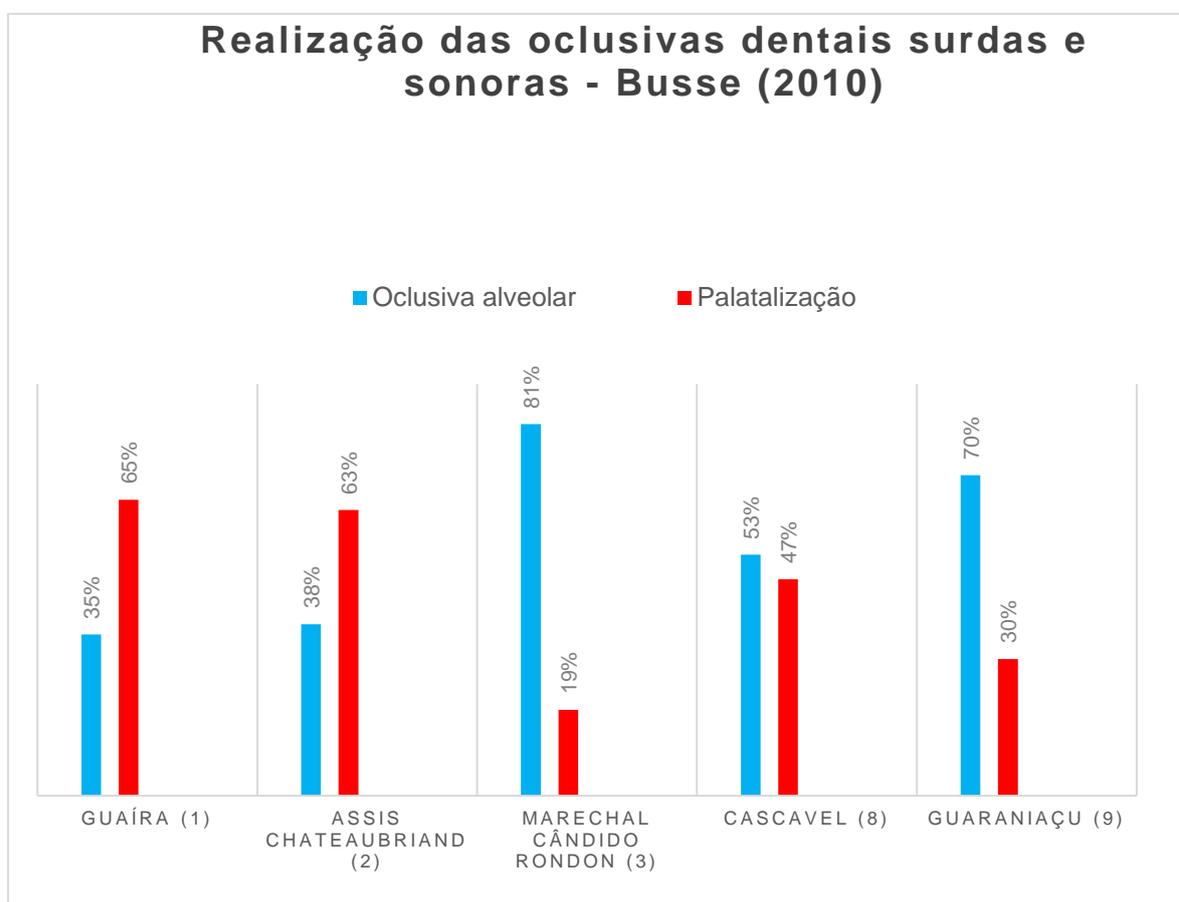
i) Os municípios de Cascavel e de Guaraniaçu formam uma área linguística de transição entre as formas de variação e manutenção linguística, que se justifica pela colonização heterogênea que se deu na formação das localidades.

ii) A cidade de Assis Chateaubriand figura como ponto isolado ao adotar a variação linguística na totalidade dos registros. Pela presença de povos da região Norte do Paraná, do Sudeste e do Nordeste do Brasil, e por não haver recebido descendentes sulistas de forma expressiva, as variantes encontraram campo fértil de reprodução.

iii) Guaíra e Marechal Cândido Rondon formam uma área linguística com manutenção linguística frequente, até mesmo absoluta em alguns casos (em 100% da fala masculina, em Guaíra, e em 100% da fala feminina, em Marechal Cândido Rondon). Embora não sejam limítrofes, os dois municípios são interligados por localidades com comportamentos linguísticos semelhantes, a exemplo de Mercedes e Nova Santa Rosa, com colônias alemãs.

Para o final da década de 2010, apresentamos, no gráfico 09, o registro das oclusivas alveolares surdas e sonoras em Busse (2010).

Gráfico 09 – Realização das oclusivas dentais surdas e sonoras nos municípios do Oeste do Paraná em Busse (2010)



Fonte: Busse (2010).

O predomínio de realização da africada alveopalatal no município de Assis Chateaubriand, como já verificado nos dados do ALPR (AGUILERA, 1994) e do ALPR II (ALTINO, 2007), permanece nos dados de Busse (2010). Em Guaíra verifica-se que a palatalização registrou crescimento, provavelmente devido à expansão do comércio

de fronteira e a conseqüente necessidade de adaptação social à nova realidade. Battisti e Dornelles Filho (2012) observaram que a palatalização era mais frequente em moradores de zona urbana do que os de zona rural e afirmam que “A menor aplicação da regra na zona rural relaciona-se a diferenças na estrutura e no conteúdo da rede social” (BATTISTI; DORNELLES FILHO, 2012, p. 1118). Empregos que têm contato direto com o público podem levar os indivíduos a adotar um comportamento (inclusive linguístico) considerado mais aceitável ou adequado para o contexto.

Em Cascavel observamos uma contínua alternância entre os registros da oclusiva dental e da africada alveopalatal, com índice de palatalização levemente inferior. Esta realidade demonstra que os moradores, mais de quarenta anos após a chegada dos primeiros colonizadores sulistas, ainda conservam, em seu repertório linguístico, formas trazidas pelos antepassados. Conforme postulam Weinreich, Labov e Herzog (2012 [1968]), a mudança linguística não é instantânea e implica mudanças no comportamento social. Com o registro de outra (nova) variante, a generalização de determinada regra pode levar anos entre ser aceita e adotada ou não pela comunidade, pois não apenas passa pela avaliação social dos indivíduos, como também, conforme Battisti (2011), novos grupos podem ser incorporados ao ambiente.

O comportamento linguístico em Guaraniaçu, conforme os dados de Busse (2010), teve semelhança aos de Marechal Cândido Rondon, com realização da oclusiva dental apresentando índices de frequência de mais de 70% nas duas localidades. Em Marechal Cândido Rondon, com forte tradição da cultura alemã³³, a continuidade dos registros em oclusiva dental já era, de certa forma, esperada. Em Guaraniaçu não se verifica um desenvolvimento econômico e social significativo. É um município com menos de quinze mil habitantes, segundo censo do IBGE 2010, e metade dos moradores da localidade vivem na zona rural (cerca de 7.804 pessoas na zona urbana e 6.778 na zona rural³⁴). O modelo de agricultura familiar, com relações pouco frequentes com pessoas de fora da comunidade pode ter incentivado a manutenção da oclusiva dental.

Verificamos, outrossim, que nas localidades de Cascavel, Guaíra e Guaraniaçu as informantes do sexo feminino lideram a realização da africada alveopalatal. Nestes municípios, nota-se crescimento econômico, sobretudo em Cascavel, e o

³³ Stein (2000), em Dissertação de Mestrado, estuda o conceito de *germanização* no município.

³⁴ Disponível em: http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?codlocal=106&btOk=ok, acesso em 12 fev. 2022.

desenvolvimento na área comercial. O acesso à universidades, a ocupação de cargos em empresas de grande porte e o atendimento ao público internacional pode ter levado os falantes a adotarem variantes avaliadas como mais prestigiosas pela comunidade. Para Battisti (2011), “a variante palatalizada, saliente aos membros da comunidade, pode ser usada como um recurso identitário, para aproximá-los dos forasteiros ou, fora dos limites da comunidade, no âmbito aqui denominado global, para encobrir sua identidade” (BATTISTI, 2011, p. 115).

Além do mais, em relação ao vozeamento da dental, no município de Marechal Cândido Rondon, para o registro da oclusiva dental surda, o informante do sexo masculino registrou a africada alveopalatal, o que não ocorre com a oclusiva dental sonora. Em sua pesquisa, Busse (2010) aponta que um dos condicionadores linguísticos é “a consoante surda, que apresenta, segundo os dados, um ambiente propício à ocorrência da palatalização, além dos contextos antecedente e seguinte” (BUSSE, 2010, p. 155). Amaral (2009) propõe hipótese para o favorecimento da consoante surda:

O fato de uma consoante ser vozeada implica mais esforço articulatório do que a consoante desvozeada. Na produção da desvozeada, minimiza-se o número de gestos articulatórios. Isso significa que a sequência desvozeada requer um menor esforço (AMARAL, 2009, p.103).

No município de Flores da Cunha-RS, Battisti e Dornelles Filho (2015) observaram, em uma análise em tempo real com intervalo de vinte anos de coleta, o crescimento dos registros de palatalização na comunidade e comprovaram a atuação da consoante surda, que condiciona a palatalização, enquanto a sonora não a favorece. O estudo de Battisti e Dornelles Filho (2012), apresentado em momento anterior nesta tese, ratificou o condicionamento linguístico favorável da consoante desvozeada. Dutra (2007), na localidade de Chuí-RS, evidenciou a produtividade do fator desvozeado.

4.6.1 História e cultura no Oeste do Paraná: legados linguísticos

Considerando o objetivo geral desta tese, de descrever a formação de áreas linguísticas na região, com destaque para a atuação dos grupos colonizadores e dos movimentos migratórios, sulistas e nortistas, a partir da manutenção e da variação

linguística no registro da oclusiva dental surda e sonora seguida da vogal alta anterior em dois momentos do tempo: (i) de 1985 a 1989, do ALPR (AGUILERA, 1994), do ALPR II (ALTINO, 2007) e (ii) final da primeira década de 2000, em *Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010), nesta subseção identificamos a possível influência dos aspectos históricos e culturais da colonização do Oeste paranaense na formação de áreas de manutenção e variação linguística no tempo.

As duas sincronias que são analisadas nesta tese revelam um falar continuamente diversificado, multicultural e heterogêneo. O mosaico de grupos e culturas que desbravaram e abriram espaço por entre as despovoadas terras oestinas trouxeram, em sua bagagem, costumes, tradições, saberes, línguas e dialetos falados por sua prole e por seus antecessores, cujas histórias e falares já eram mesclados pelos contatos entre as línguas, estas elaboradas e transformadas pelos povos, desde o Latim vulgar.

Da primeira obra examinada, o ALPR (AGUILERA, 1994), cuja coleta de dados se serve também o ALPR II (ALTINO, 2007), verificamos que, dos fins dos anos 80 e início da década de 90, época na qual ocorreu a geração de dados, houve, a nível nacional, uma explosão de informações, expansão da possibilidade de locomoção e influência da mídia, graças aos avanços da Internet, à descoberta e uso de novas tecnologias e ao crescimento econômico resultante das novas iniciativas.

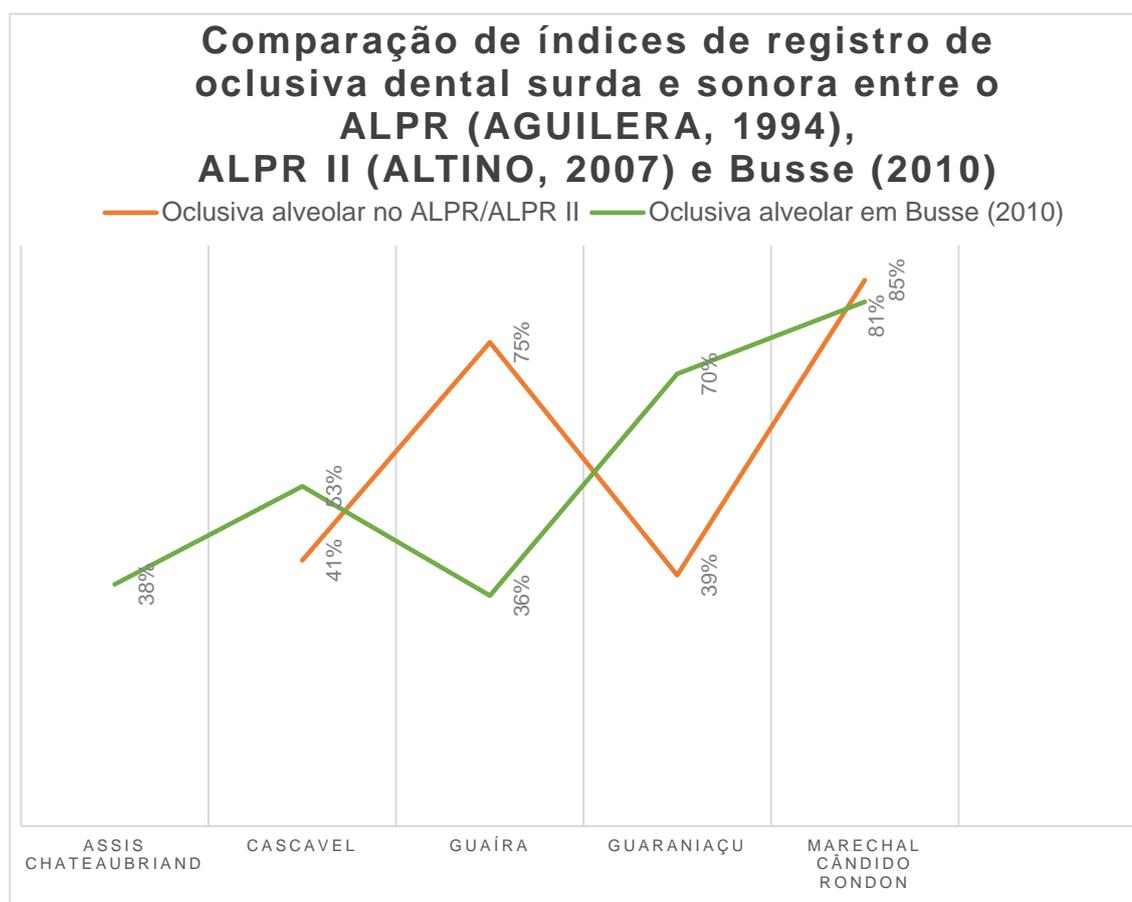
Ainda, há que se considerar que, conforme observa Bortoni-Ricardo (2011), até a década de 1960 havia um número elevado de analfabetos no país. Com o êxodo rural e a chegada ao meio urbano, a necessidade de alfabetizar e fazer acessível os bens culturais a todos se tornou questão inerente e imediata a todos os responsáveis públicos pela democracia.

Estes fatores, e outros tantos que fazem florescer a globalização, influenciam diretamente nos registros linguísticos dos falantes, que pode resultar, nas comunidades, em mudança linguística, considerando que, conforme ressalva Gerei (2017), “os fatores econômicos e sociais são decisivos para essa mudança, pois estamos em uma sociedade que supervaloriza a escrita e a variedade mais próxima da norma-padrão” (GEREI, 2017, p. 26).

Refletindo sobre as transformações sociais ocorridas na sociedade nas últimas décadas, e a modificação do Oeste paranaense, antes um território “vazio” e excluído, para uma das regiões mais prósperas do Paraná, elaboramos um gráfico para

visualizar se houve progressão ou regressão da oclusiva dental e africada alveopalatal nos municípios à época de coleta dos dados do ALPR (AGUILERA, 1994) e ALPR II (ALTINO, 2007) em contraste com Busse (2010).

Gráfico 10 – Comparação de índices de registro da oclusiva dental surda e sonora entre o ALPR (AGUILERA, 1994), ALPR II (ALTINO, 2007) e *Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná* (BUSSE, 2010)

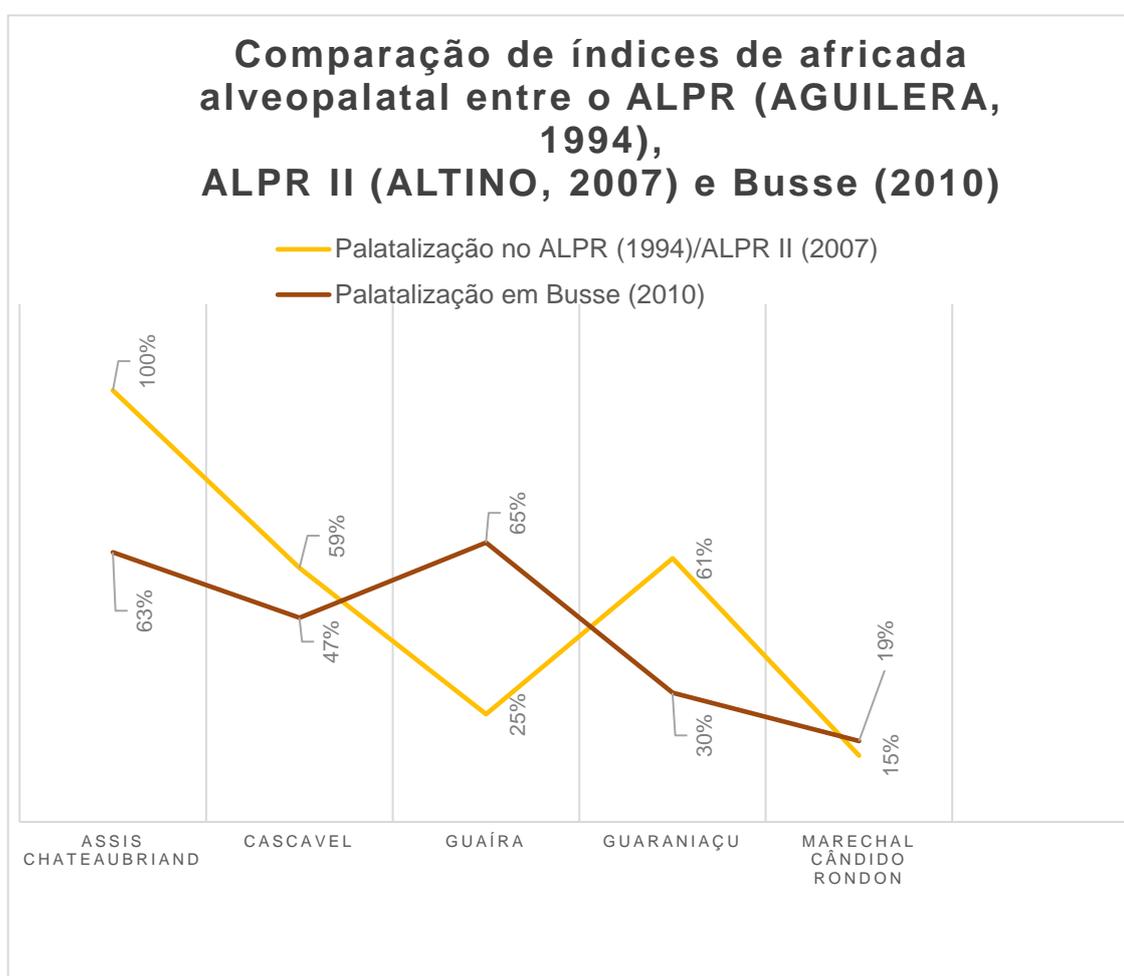


Fonte: ALPR (AGUILERA, 1994), ALPR II (ALTINO, 2007) e Busse (2010).

A oclusiva dental, já nula em Assis Chateaubriand nos dados da segunda metade da década de 1980, aparece em índices baixos (menos de 40% dos casos) na coleta de Busse (2010). Em Cascavel verifica-se que permanece o equilíbrio entre as formas, com presença de variantes de manutenção linguística em índice levemente maior. A cidade de Marechal Cândido Rondon permaneceu com altos índices de manutenção, mesmo com a inclusão de outras variáveis, tais como idade e classe social, analisadas por Busse (2010).

Os municípios que tiveram alteração nos registros foram Guaíra e Guaraniáçu. Enquanto na primeira localidade houve queda de 40% na realização da oclusiva dental, em Guaraniáçu o índice aumentou cerca de 30%. Proporcionalmente os dados são correspondentes ao registro da africada alveopalatal, que teve aumento em Guaíra e queda em Guaraniáçu, conforme pode se observar no gráfico 11.

Gráfico 11 – Comparação de índices de registro da africada alveopalatal surda e sonora entre o ALPR (AGUILERA, 1994), ALPR II (ALTINO, 2007) e *Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná* (BUSSE, 2010)



Fonte: ALPR (AGUILERA, 1994), ALPR II (ALTINO, 2007) e Busse (2010).

Quanto aos dados de Busse (2010), podemos observar que:

i) O município de Cascavel continua a apresentar uma área linguística de transição entre a africada alveopalatal e a oclusiva dental.

ii) As cidades de Assis Chateaubriand e Guaíra formam uma área linguística comum ao registrarem a palatalização da oclusiva dental com maior produtividade.

iii) Guaraniaçu e Marechal Cândido Rondon despontaram como pontos de área linguística com maior registro da oclusiva dental.

Outros municípios analisados por Busse (2010) que apresentam os fenômenos mais frequentes de manutenção linguística são Capitão Leônidas Marques, Medianeira e Santa Helena. Nestes pontos, resgata-se a colonização sulista, sobretudo de descendentes de italianos, a exemplo de Medianeira.

No caso da língua italiana, a palatalização pode ser ainda menos frequente, dado que palatalizar pode se referir a outro fonema. A lexia *ciao* (olá, tchau) apresenta-se como modelo: neste caso, escreve-se com /c/, mas pronuncia-se com [tʃI]: [tʃIaw]. Dada a necessidade de se diferenciar os fonemas, a dental não deve ser palatalizada. Explica Battisti (2011):

Falantes bilíngues português-italiano, ou oriundos de comunidades onde ainda se verifica o bilinguismo, tendem a não elevar a média átona /e/, como reflexo de seus hábitos de fala em língua italiana, que requer a clara emissão e manutenção da vogal para garantir a veiculação de informação gramatical (BATTISTI, 2011, p. 109).

A localidade de Santa Terezinha de Itaipu “surge na carta linguística como ponto isolado, entre aqueles que concentram a dental, registrando as maiores ocorrências de palatalização” (BUSSE, 2010, p. 160). A variante ganhou espaço sobretudo com a construção da Hidrelétrica de Itaipu, que atraiu grupos oriundos de diversas regiões do Brasil.

Foz do Iguaçu desponta no ALPR (AGUILERA, 1994) e ALPR II (ALTINO, 2007) como localidade que adotou com maior ênfase a variante. Embora tenha poucos registros da fala masculina, e nestes a manutenção linguística se faça presente, a fala feminina registrou, na grande maioria dos casos, a forma de prestígio.

Quanto à variável sexo, observamos que a liderança feminina no fenômeno da variação linguística que ocorria desde 1994 permaneceu até os estudos de Busse (2010). Mais atentas e produtivas às formas linguísticas socialmente aceitas e avaliadas como prestigiosas pela comunidade de fala, a abertura do mercado de trabalho e a ocupação de vagas de liderança impeliram o sexo feminino a continuar registrando a palatalização. Por se tratar de uma variante de prestígio, provavelmente

está em fase de implementação devido ao papel das mulheres que, não raro, lideram processos de mudança linguística, de acordo com Labov (2008 [1972]) e Paiva (2004).

Sobre a variável escolaridade, não pareceu exercer influência na maior adoção por formas de oclusiva dental ou palatalização, pois na oclusiva dental sonora seguida das vogais médias-alta e alta anteriores tanto a classe alta quanto a classe baixa registraram mais a africada alveopalatal e na oclusiva dental surda manifestaram mais as formas de oclusiva dental. Em estudo de Silva e Scherre (1996), as autoras observaram que a variante padrão pode ser adquirida na escola, porém a variante não padrão não desaparecerá.

Referente à faixa etária, entre os mais jovens (GI) a dental sonora apontou maiores índices de palatalização no estudo de Busse (2010). Sobre o uso mais elevado das formas variantes entre a faixa etária mais nova, Battisti (2011) afirma que:

Os grupos etários mais jovens apresentam as maiores proporções de aplicação da regra. Seus pesos relativos indicam não só que os falantes mais jovens condicionam favoravelmente a palatalização, mas também que há a tendência de o processo se aplicar e progredir com eles. É o que Bisol (1991) verificou para os descendentes de italianos de Veranópolis, e Matté (2009), para os de Caxias do Sul, município em que a palatalização tem uma frequência total de aplicação um pouco mais alta, 35% (BATTISTI, 2011, p. 112).

O fenômeno da palatalização, no entanto, nem sempre tomará os mesmos rumos: em Antônio Prado, Battisti *et al.* (2007) verificaram que a palatalização se aplica de maneira muito semelhante em diferentes faixas etárias, com índices levemente maiores nos jovens, o que indica uma mudança linguística modesta na comunidade pesquisada. O estudo revelou que, nas faixas 15 a 30 anos e 31 a 50 anos, havia estabilidade na aplicação da regra, frequência levemente maior na faixa intermediária (de 51 a 70 anos para 31 a 50 anos), e retorno da estabilidade nos jovens (15 a 30 anos). Os autores explicam que “apesar da oposição jovens-idosos frente à palatalização (os primeiros, favorecedores, os segundos, inibidores da regra), os resultados da análise quantitativa não permitirem afirmar que a regra é mudança em progresso em Antônio Prado: não há aumento de frequência (*sic*) entre as duas faixas etárias mais jovens, o que leva a crer que, em índices modestos, a palatalização variável já tenha se estabilizado na comunidade” (BATTISTI *et al.*, 2007, p. 26-27). Isso porque há interferência de vários fatores: a mobilidade da comunidade, o fator turístico, a existência de grandes centros comerciais.

A continuidade da liderança feminina nos registros pode ser ainda mais justificada pelo avanço das mulheres no mercado de trabalho. Além da preocupação em utilizar a variante de prestígio na educação dos filhos e no envolvimento com a comunidade, que se revelaram fatores impulsionadores para o uso da palatal, a atuação profissional e a busca por formação acadêmica e capacitações no trabalho podem ter otimizado os registros.

Os homens registraram tanto a manutenção quanto a variação linguística. Eles parecem estar mais envolvidos, embora timidamente, na educação dos filhos, e veem seu papel, antes de provedor da família, ser ampliado em múltiplas tarefas. A hipótese de que o fenômeno linguístico da palatalização das oclusivas dentais surda e sonora é liderado por mulheres e jovens se confirma. O nível classe social, todavia, não se mostrou relevante no uso de formas de prestígio ou de manutenção.

Sobre a realidade linguística da capital paranaense, o ALiB (2014), organizado por Cardoso *et al.* (2014), revelou que a palatalização é mais frequente precedida de vogal média-alta anterior (de 26 a 50%) do que de vogal alta anterior (de 76 a 99%). Nas realizações diante de /i/, em lexias como “tio, dia, estiar, diabo”, os pesquisadores atestaram que a variável escolaridade não parece influenciar, dado que nível fundamental e universitário realizam de 76% a 99%, com o mesmo índice de frequência entre faixa etária mais jovem e mais velha, novamente de 76 a 99%. Sobre a variável sexo, atingiu 100% dos casos no sexo masculino e de 76 a 99% nas informantes.

Em relação às realizações diante de /e/, como em “noite, tarde, tesoura, desvio”, tanto os de menor escolaridade quanto os com formação universitária aplicaram palatalização de 26 a 50% dos casos. O mesmo índice se repetiu ao se observar as diferentes gerações etárias. Ainda o número se repete na fala de homens e mulheres.

Embora a realização da oclusiva dental sem palatalização ainda esteja presente, não parece intervir na fala do Oeste Paranaense, embora haja influência dos meios de comunicação e por seu *status* político de capital servir como referência.

Os resultados da análise mostram que há certo “abandono” das gerações mais novas pelas marcas linguísticas trazidas pelos antepassados, buscando o uso das formas de maior prestígio. O fato se deve à entrada da mídia nos lares, que dita comportamentos (linguísticos) a serem seguidos, ao fenômeno da globalização, que

permite maior mobilidade espacial e social, aos ajustes realizados para adequação ao mercado de trabalho ou até por não haver mais identificação com os traços de origem.

Em alguns pontos, porém, a exemplo de Marechal Cândido Rondon, a oclusiva dental permanece liderando os registros. A baixa ocorrência de palatalização na fala dos imigrantes sulistas pode estar relacionada, por exemplo, à marcação da pluralidade.

A conservação do patrimônio cultural, como nas celebrações de festas típicas, como a *Oktoberfest* para os descendentes alemães, a Festa da Uva para os descendentes alemães, a Semana Farroupilha para os gaúchos, entre outras, procura valorizar a cultura dos antepassados e impulsionar o fator turístico. Danças, comidas típicas, a celebração dos santos e dos elementos culturais próprios da comunidade recordam e festejam a imigração. A língua, inseparável de todo o processo, identifica positivamente o falante. Se, anteriormente, a proibição de falar a própria língua já desestimulou o ensino aos filhos, atualmente preservar as variantes mais conservadoras da língua é uma exaltação das origens europeias e do orgulho de ser descendente.

Ainda cabe apresentar que, nos escritos dos pressupostos teóricos, explanados durante os capítulos precedentes, e na leitura do *corpus* analisado, verificamos a hipótese da interferência da vogal fonológica /i/, interpretada como “gatilho” por Battisti (2011), na produção da africada alveopalatal. Considerando o exposto, observamos, nos dados examinados, em que medida a vogal fonológica atua sobre a aplicação da regra. Os resultados seguem no gráfico 12.

Gráfico 12 – Atuação da vogal fonológica /i/

Fonte: ALPR (AGUILERA, 1994), ALPR II (ALTINO, 2007) e Busse (2010).

Podemos observar, conforme os dados do gráfico, que a vogal fonológica /i/ influenciou na produção de palatalização, conforme postula Battisti (2011). O estudo de Kamianecky (2003) verificou que, no que se refere ao grupo de fatores, o tipo de vogal alta fonológica /i/ foi o que mais influenciou a ocorrência de palatalização. Em nossa pesquisa, observamos que, quando acompanhado de vogal fonética [i], as realizações de palatalização variaram de 12,50% a 75%, com uma média de 44,46% de registros, ou seja, em menos da metade dos casos. Em contrapartida, ao ser acompanhada de vogal fonológica /i/, a africada alveopalatal ocorreu em média em 70,83% do total. Podemos reiterar, assim, que a presença da vogal fonológica /i/ favoreceu o aparecimento da palatalização, enquanto nos casos de alçamento vocálico da vogal anterior a palatalização ocorreu de forma tímida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo geral desta tese, de descrever a formação de áreas linguísticas na região, considerando os grupos colonizadores e os movimentos migratórios, sulistas e nortistas, a partir da manutenção e da variação linguística no registro da oclusiva dental surda e sonora seguida da vogal alta anterior em duas sincronias: (i) de 1985 a 1989, do ALPR (AGUILERA, 1994), do ALPR II (ALTINO, 2007) e (ii) final da primeira década de 2000, em *Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010), foi possível analisar, pela leitura dos pressupostos teóricos e pela observação dos dados para as variantes da oclusiva dental surda e sonora, seguida da vogal alta anterior, as considerações que seguem.

Em relação ao primeiro objetivo específico, no qual pretendíamos discutir os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия e da Geolinguística que embasam a descrição dos fenômenos de variação e mudança linguística na formação de áreas linguísticas a partir de dados na região Oeste do Paraná, verificamos que a passagem do tempo e os avanços tecnológicos e científicos globais ocorridos entre a coleta dos primeiros atlas e do estudo geossociolinguístico impactaram não apenas nos registros linguísticos do falante, mas no desenvolvimento das pesquisas dialetológicas. Com os desdobramentos da Dialetoлогия Pluridimensional, impulsionados sobretudo com Thun (1998), o viés social da linguagem ganha espaço em uma metodologia outrora exclusivamente diatópica. Embora os apelos para que os grupos sociais tivessem representatividade nas descobertas geolinguísticas, a elaboração de um método que possibilitasse retratar o desenho linguístico que forma e transpassa as comunidades levou algumas décadas para ser elaborado. A modernização da teoria se reflete na organização dos trabalhos aqui analisados: enquanto a coleta realizada em fins da década de 1980 e início de 1990 se caracteriza como bidimensional, e, ainda assim, à frente do seu tempo – trata-se do segundo trabalho em caráter bidimensional em nível nacional, o estudo de Busse (2010) desdobra o leque de variáveis. O desafio das pesquisas bi e pluridimensionais está na cartografia dos dados, para que a dimensão diatópica registre os desdobramentos dos fenômenos da dimensão diastrática, diassexual e diageracional.

Quanto à descrição das variantes para oclusiva dental surda e sonora, seguida da vogal alta anterior, em dados coletados para o ALPR (AGUILERA, 1994), o ALPR II (ALTINO, 2007) e o *Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do*

Paraná – Volume I (BUSSE, 2010), nosso segundo objetivo específico, nos embasamos em Câmara Jr. (1992 [1970]), Bisol (1981, 2015) e Cristófaros-Silva (2019 [1999]) para a descrição das consoantes e das vogais da língua portuguesa. Examinando as variantes para a oclusiva dental surda e sonora, seguida da vogal alta anterior, no Oeste do Paraná, verificamos que condicionamentos linguísticos e sociais estão envolvidos na realização da manutenção ou da variação linguística. A palatalização da oclusiva dental, favorecida pela elevação de vogal média /e/ para alta [i], caracteriza os falantes do Sul do Brasil e denuncia suas origens europeias. Com a migração dos descendentes do Rio Grande do Sul para Paraná e Santa Catarina, principalmente para as regiões oestinas, a variante dos sulistas se difundiu e, mesmo em contato com outros falares, em muitos municípios, que serão apresentados adiante, permanece ou prevalece nos registros dos informantes. A expansão da variante está interligada ao legado econômico, histórico e cultural dos primeiros falantes, e orienta a sociedade a dois julgamentos diferentes, de acordo com a formação cultural: de individualizar a variante aos primeiros moradores e a eles dar crédito ao desbravamento das terras e ao fornecimento de produtos alimentícios ou a relacioná-los a um falante rural, sem escolaridade e aculturado.

A análise da formação de áreas de manutenção e de variação linguística a partir das variantes para a oclusiva dental surda e sonora, seguida da vogal alta anterior, em cartas linguísticas do ALPR (AGUILERA, 1994), ALPR II (ALTINO, 2007) e *Um Estudo Geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010), foi desenvolvida a partir das seguintes hipóteses, com base em Aguilera (1994), Altenhofen (2005; 2017), Altino (2007) e Busse (2010), que serão retomadas:

- (i) Áreas de manutenção linguística formadas nas localidades que concentram falantes sulistas, como Marechal Cândido Rondon;
- (ii) Áreas de transição estão em formação nos municípios com colonização heterogênea, que receberam grupos sulistas e de frente nortista, como Cascavel e Guaraniaçu;
- (iii) Observam-se processos de variação em cidades como Assis Chateaubriand, colonizada por grupos das regiões Norte e Central do Paraná e trabalhadores do Nordeste e Sudeste do Brasil.

Nossa hipótese quanto à formação de áreas de manutenção linguística no município de Marechal Cândido Rondon se confirmou no que se refere às variantes

da oclusiva dental surda e sonora seguida da vogal alta anterior. Os dados analisados indicam que os traços linguísticos dos descendentes permanecem na fala dos moradores nos dados do ALPR (AGUILERA, 1994) e ALPR II (ALTINO, 2007) e em *Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná – Volume I* (BUSSE, 2010).

O município de Cascavel, conforme nossa hipótese, manteve uma composição heterogênea de registros, como já ocorria na década de 80. A presença dos sulistas na fala e na cultura se mantém viva a despeito do desenvolvimento econômico e social expressivos da localidade.

Assis Chateaubriand registra a liderança quanto à realização de palatalização. A cobertura dos dados extralinguísticos em Busse (2010), como idade e escolaridade, revelou que os registros dos colonizadores de frente nortista foram repassados para suas gerações e perpetuados na memória dos habitantes.

Enquanto Guaíra, inicialmente, aproximava-se linguisticamente da realidade de Marechal Cândido Rondon, nos últimos anos apresenta maior produtividade da palatalização. Guaraniaçu, que apresentava uma transição entre a oclusiva dental e a africada alveopalatal, parece ter adotado mais a manutenção linguística, indicando que a mudança linguística pode nem sempre ser efetivada, a depender de outros contextos sociais na comunidade, como a aceitação da variante, a industrialização, o crescimento econômico, a presença de empresas de grande porte e universidades.

Conforme os dados descritos e analisados, verificamos a formação de áreas linguísticas comuns que, em alguns pontos, sobretudo nos quais os fenômenos da palatalização ou de manutenção da oclusiva dental se pronunciavam de maneira mais expressiva, parece permanecer nos dados das pesquisas de Aguilera (1994) e Busse (2010). Em outras localidades, no entanto, o comportamento linguístico dos falantes assumiu outras características.

Assis Chateaubriand permaneceu como o município com os mais altos índices de inovações linguísticas e Marechal Cândido Rondon como a localidade com maior número de registro de manutenção linguística. Enquanto o primeiro foi fundado em 1966, o segundo foi fundado em 1960. As duas localidades foram criadas posteriormente a Cascavel, Guaíra e Guaraniaçu, cujo ano de fundação é 1951. A criação posterior, efetivada com a migração de povos oriundos de outras regiões, como nortistas, mato-grossenses e pessoas do Sudeste do Brasil no primeiro caso, e

descendentes alemães no segundo, também pode ter contribuído para a adoção de um comportamento linguístico mais uniforme nas comunidades.

Ao buscarmos identificar a possível influência dos aspectos históricos e culturais da colonização do Oeste paranaense na formação de áreas de manutenção e variação linguística no tempo verificamos que, nos municípios que apresentaram campo fértil de reprodução, ou seja, naqueles em que os sulistas eram pioneiros, a variante oclusiva dental predomina ou faz parte do cotidiano dos moradores.

Podemos observar, com base no exposto:

- i) A variante oclusiva dental possui um caráter de marcador social, diferenciando os falantes com base na memória linguística que construímos, mas que concorre, mesmo após décadas de formação do Oeste do Paraná, com a africada alveopalatal, símbolo de prestígio linguístico e com *status* social positivo.
- ii) A vogal fonológica /i/ atua como gatilho para a produção de palatalização, visto que houve um número maior de aplicação da regra em relação a vogal fonética [ɪ].
- iii) A palatalização parece ter entrada pelos mais jovens e pelas mulheres, visto que, tanto nos dados do ALPR (AGUILERA, 1994), ALPR II (ALTINO, 2007) e Busse (2010) as informantes do sexo feminino assumiram a liderança na realização da variante palatalizada. Este dado reafirma o caráter de prestígio linguístico nas localidades investigadas.

Os resultados desta tese refletem os caminhos de uma possível mudança linguística nas comunidades analisadas. Reitera o papel de liderança feminina nas variantes de prestígio, observa a permanência de traços sulistas nas localidades colonizadas por imigrantes e descreve o papel do impacto do desenvolvimento econômico na adoção da variação linguística. Em uma região tão ricamente diversificada linguística e culturalmente, como o Oeste do Paraná, a análise da formação de áreas linguísticas pode ser utilizada como material de estudo sobre a variação e a mudança linguística na educação e como um panorama da organização dos grupos sociais, diante das mudanças pelas quais as localidades passam.

Os desvios de grafia apresentados na escrita dos alunos, que se perpetuam algumas vezes até o final do Ensino Médio, têm origem na referência da fala como ponto de partida para a escrita e as arbitrariedades do código que padronizam o

português brasileiro. No primeiro caso, a região de moradia e a colonização da comunidade podem atuar como interferências significativas no processo de aquisição do código escrito. Como exemplo, podemos citar comunidades com predomínio de sulistas, em que descendentes de migrantes alemães podem trocar as surdas pelas sonoras, e vice versa, traço característico da fala do grupo. No segundo caso, que pode ocorrer em qualquer região brasileira, é a elevação da vogal média para vogal alta, desvio presente pela palatalização frequente na audição de canais de mídia, na escola, comércio e comunidade, principalmente por ser, conforme indicado neste estudo, um fator de prestígio social, presente nas diferentes classes sociais.

Nesta tese, embora não propomos metodologias didáticas para o ensino de língua portuguesa, retratamos a presença e a permanência de diferentes realidades linguísticas, que convivem e são reproduzidas para as diferentes gerações. Acreditamos, assim, que a comunidade da região Oeste do Paraná, em especial os profissionais da educação, podem consultar esta tese para reconhecer o desenho das formas linguísticas na região ao longo do tempo e utilizar algumas reflexões para o trabalho com a variação linguística.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE-GNERRE, M. B. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 2, p. 23-44, 1981.
- ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. *In*: ABAURRE; M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.). **Gramática do português falado**. Volume VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 557-602.
- AGUILERA, V. de A. Léxico e áreas dialetais: o que podem demonstrar os dados do ALiB. *In*: Congresso Internacional da Abralín, 6., 2009, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: Ideia, 2009. p. 4219-4233.
- _____. **Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR**. Apresentação. Londrina: Eduel, 1996.
- _____. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.
- ALMEIDA, M. A. B. de. **A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngue de Flores da Cunha**: uma análise quantitativa. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Linguística Aplicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- ALTENHOFEN, C. V. Plurilinguismo na escola e na sociedade em uma perspectiva macrolinguística. **Organon**, Porto Alegre, v. 32, n. 62, p. 01-05, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/74423>. Acesso em: 28 nov. 2020.
- _____. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolingüísticas do ALERS. *In*: AGUILERA, V. de A. (Org.). **A Geolingüística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005. p. 177- 208.
- ALTINO, F. C. **Atlas Linguístico do Paraná – ALPR II**. 2007. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- ALVAR, M. **Manual de dialectología hispánica**: el español de España. Barcelona: Ariel, 1999.
- AMARAL, A. O dialeto caipira. 2. ed. São Paulo: HUICITEC/ Secretaria da Cultura, 1976 [1920].
- AMARAL, M. P. do. A síncope e a africada alveolar. *In*: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). **Português do sul do Brasil**: variação fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 93-113.
- BACKES, G. Memórias da ausência: trajetórias e experiências de trabalhadores migrantes no oeste do Paraná – Brasil. **Ars Historica**, v. 1, n. 2, p. 26-37, jul./dez. 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/nadie/Downloads/Dialnet-MemoriasDaAusencia-7532051.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2022.
- BATTISTI, E. Variação, mudança fônica e identidade: a implementação da palatalização de /t/ e /d/ no português falado na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 103-124, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/issue/view/627>. Acesso em: 13 maio 2021.

BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A. A. Análise em tempo real da palatalização de /t/ e /d/ no português falado em uma comunidade ítalo-brasileira. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 1, 8 ago. 2015. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1239>. Acesso em: 20 jul. 2022.

BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A. A. Palatalização das plosivas alveolares em Flores da Cunha (RS): variação linguística e práticas sociais. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 1117-1149, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4894>. Acesso em: 28 jan. 2022.

BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A. A.; PIRES LUCAS, J. I.; BOVO, N. M. P. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. **ReVEL**, v. 5, n. 9, p. 01-29, ago. 2007. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_palatalizacao_das_clusivas_alveolares.pdf. Acesso em: 28 jan. 2022.

BATTISTI, E.; DUARTE, I. A palatalização das oclusivas alveolares em Porto Alegre (RS): análise em tempo real. *In*: Salão de iniciação científica, 29., 2017, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2017, p. 01.

BATTISTI, E.; GUZZO, N. B. Palatalização das oclusivas alveolares: o caso de Chapecó (SC). *In*: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). **Português do sul do Brasil**: variação fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 114-140.

BATTISTI, E.; HERMANS, B. A palatalização das oclusivas alveolares: propriedades fixas e variáveis. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 52, n. 2, p. 279-288, 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1501>. Acesso em: 16 jan. 2022.

BATTISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do português. *In*: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001. p. 159-194.

BERNARDO, L. V. M.; RPEL, R.; FARINHA, M. J. U. S. O município de Assis Chateaubriand: 48 anos de dinâmica espaço-temporal (1970-2018). **Novos Cadernos – NAEA**, Belém, v. 24, n. 3, p. 33-56, set./dez. 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/9187/8096>. Acesso em: 02 fev. 2022.

BESSA, José Rogério Fontenele (coord.). **Atlas Linguístico do Ceará**. Vol.I – Introdução, Vol.II – Cartogramas. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BISOL, L. A harmonização vocálica como indício de uma mudança histórica. **D.E.L.T.A**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 185-205, 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/nadie/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/Tese/Textosobre nomenos/alçamentovocalico/BISOL%20A_harmonizacao_vocalica_como_indicio_de _uma_mudanc.pdf](file:///C:/Users/nadie/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/Tese/Textosobre%20nomenos/alcamentovocalico/BISOL%20A_harmonizacao_vocalica_como_indicio_de_uma_mudanc.pdf). Acesso em: 2 fev. 2022.

_____. Palatalization and its variable restriction. **International Journal of Sociology of Language**, n. 89, p. 107-124, 1991. Disponível em: <https://www.deepdyve.com/lp/de-gruyter/palatalization-and-its-variable-restriction-ZX4ldfwg8i>. Acesso em: 20 fev. 2022.

_____. **Harmonização vocálica**: uma regra variável. 1981. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, L.; HORA, D. da. "Palatalização da oclusiva dental e fonologia lexical. **Letras**, n. 5, p. 26-40, jun. 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/citationstylelanguage/get/chicago-author-date?submissionId=11447&publicationId=8860>. Acesso em: 20 jul. 2022.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola, 2011.

BRANDÃO, S. F. **A geografia lingüística no Brasil**. Ática: São Paulo, 1991.

BRESCANCINI, C.; MONARETTO, V. N. de O. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 2, n. 11, p. 51-66, 2008. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/183250>. Acesso em: 15 jan. 2022.

BUSSE, S. **Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná – Volume I**. 2010. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

CÂMARA JUNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1992 [1970].

_____. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 9. ed. Petrópolis, Vozes, 1981 [1977].

CARDOSO, S. A. M. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE**, v. 4, n. 2, p. 1-16, mar. 2002. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/47300>. Acesso em: 20 jul. 2020.

_____. Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. **D.E.L.T.A.**, v. 17, ed. Especial, p. 25-44, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000300003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 10 ago. 2020.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; AGUILERA, V. de A.; ARAGÃO, M. do S. S.; ISQUERDO, A. N.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F. W.; ALTENHOFEN, C. V. **Atlas Linguístico do Brasil**. Cartas Linguísticas 1, Volume 2. Londrina: Eduel, 2014.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; ARAGÃO, M. do S. S.; ZÁGARI, M. R. L.; AGUILERA, V. de A.; KOCH, W. **Atlas Linguístico do Brasil**: questionário 2001/Comitê Nacional do Projeto ALiB. Londrina: Eduel, 2001.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **Dialectology**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004 [1998].

COSERIU, E. **Sentido y Tareas de la Dialectología**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

_____. "Historische Sprache" und "Dialekt". In: **Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik**. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag GMBH, 1980. p. 106-122.

_____. La Geografía Lingüística. **Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias**, Montevideo - Publicaciones del Departamento de Lingüística, v. 11, p. 29-69, 1955.

CRISTÓFARO-SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2019 [1999].

CRISTÓFARO SILVA, T.; BARBOZA, C.; GUIMARÃES, D. NASCIMENTO, K. Revisitando a palatalização no português brasileiro. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 59-89, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2744>. Acesso em: 15 nov. 2020.

DAUZAT, A. **La géographie linguistique**. Paris: Flammarion, 1922.

DUTRA, E. O. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município do Chuí, Rio Grande do Sul**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FENNER, A. L.; CORBARI, C. C. Entre falares de fronteira do Paranã: preconceito ou aceitação? **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 489-499, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/454/336>. Acesso em: 14 jul. 2022.

FISCHER, J. L. Social influences on the choice of a linguistic variant. **Word**, Londres, v. 14, n. 1, p. 47-56, 1958. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00437956.1958.11659655>. Acesso em: 02 fev. 2022.

FISHMAN, J. **Sociología del Lenguaje**. Madrid: Cátedra, 1995.

FORNARA, A. E.; HORST, C. Atlas das línguas em contato na fronteira: Oeste catarinense – cartografia. *In*: Jornada de Iniciação Científica e Tecnológica, 6., 2016, Chapecó. **Anais** [...]. Chapecó: UFFS, 2016. p. 01-04. Disponível em: <https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/JORNADA/article/view/3604>. Acesso em: 07 maio 2022.

FORNARA, A. E.; KRUG, M. Atlas das línguas em contato na fronteira: Oeste catarinense – coleta de dados. *In*: Jornada de Iniciação Científica e Tecnológica, 7., 2017, Chapecó. **Anais** [...]. Chapecó: UFFS, 2017. p. 01-04. Disponível em: <https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/JORNADA/article/view/5287>. Acesso em 09 maio 2022.

FRAI, P. H. **Motivação para a escolha de um segundo nome na antroponímica rondonense**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.

FREITAG, R. M. K.; NETO, A. F. de S.; CORRÊA, T. R. A. Panorama da palatalização em Sergipe. *In*: LOPES, N. da S.; SANTOS, E. S. dos; CARVALHO, C. dos S. (Orgs.). **Língua e sociedade**: diferentes perspectivas, fim comum. São Paulo: Blücher, 2019, p. 63-80. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336884473_Panorama_da_Palatalizacao_e_m_Sergipe. Acesso em: 05 nov. 2021.

GALLI, M. C. ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DE FOZ DO IGUAÇU/PR – ASeLFI. 2022. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

GEREI, N. M. H. **Desvios de grafia em produções textuais escritas de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) –

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.

GREGIO, J. V. **Agricultura Sintrópica**: produzindo alimentos na floresta, das raízes do aipim ao dossel das castanheiras. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2018.

GREGORY, V. Imigração alemã: formação de uma comunidade teuto-brasileira. *In*: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. **Brasil**: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2007, p. 141-158. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/alemaes.html>. Acesso em: 02 out. 2021.

_____. Debate do texto Oktoberfest/97: tradição inventada para o lazer dos teuto-rondonenses. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, n. especial, p. 30-31, 2. sem. 2006. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/Espacoplural/2006/vol7/noesp/9.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2022.

_____. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial**: migrações do Oeste do Paraná (1940-1970). Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

GRIMM, C. F. “Língua histórica” e “dialeto”. **Cadernos de tradução**, Florianópolis, n. 40, p. 09-27, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87178>. Acesso em: 27 abr. 2021.

HENRIQUE, P.; HORA, D. da. Um olhar sobre a palatalização das oclusivas dentais no vernáculo pessoense. *In*: Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 24., 2012, Natal. **Anais** [...]. Natal: EDUFRN, 2012. p. 01-11. Disponível em: <http://gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2012/Arquivos/%C3%A1reas%20tem%C3%A1ticas/Sociolingu%C3%ADstica%20e%20Dialetoлогия/Pedro%20Felipe,%20Dermeval%20da%20Hora-%20UM%20OLHAR%20SOBRE%20A%20PALATALIZA%C3%87%C3%83O%20DA%20S%20OCCLUSIVAS%20DENTAIS%20NO%20VERN%C3%81CULO%20PESSOENSE.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

HEYER, J.; VANDRESEN, P. Línguas em contato. *In*: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; MATTOS E SILVA, R. V. (Orgs.). **Quinhentos anos de história linguística no Brasil**. 2. ed. Salvador: Edufba, 2016. p. 65-82.

HORA, D. da. **A palatalização das oclusivas dentais**: variação e representação não-linear. 1990. Tese (Doutorado em Letras – Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

ISQUERDO, A. N. Os atlas regionais brasileiros publicados e em curso: percursos metodológicos. *In*: MOTA, J. A. (Org.). **Documentos 2**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 67-94.

KOCH, W.; KLASSMANN, M. S.; ALTENHOFEN, C. V. **ALERS**: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil. Volumes I e II: Introdução. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/Ed. UFSC/Ed. UFPR, 2002.

KOCH, W. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. *In*: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Orgs.). **Estudos de geolinguística do português americano**. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 55-69.

- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Parábola: São Paulo, 2008 [1972].
- LIMA, C. A. O. S.; ANDRADE, E. A.; OLIVEIRA, G. G. de O. As Consoantes Geminadas Latinas no Português do Século XVIII: Uma Análise Filológica De Manuscritos. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 53, p. 110-166, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://www.filologia.org.br/revista/53/08.pdf><https://www.msn.com/pt-br/?pc=ACTE>. Acesso em: 26 jan. 2022.
- LUCIO, C. B. **Assis Chateaubriand – História e...** Assis Chateaubriand, PR: Cislen, 2004.
- MARGOTTI, F. W. Geolingüística pluridimensional: desafios metodológicos. *In*: CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 8., 2008, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. p. 01-09.
- _____. **Difusão Sócio-Geográfica do Português em Contato com o Italiano no Sul do Brasil**. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- MARTINY, F. M. **Políticas linguísticas e educacionais**: o ensino de língua alemã em Marechal Cândido Rondon, Paraná. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2015.
- MATTÉ, G. D. A palatalização variável de /t,d/ em Caxias do Sul. **Cadernos do IL**, [s. l.], n. 38, p. 43–55, 2011. DOI: 10.22456/2236-6385.24982. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/24982>. Acesso em: 6 jul. 2022.
- MELLO, H. Formação do português brasileiro sob a perspectiva da linguística de contato. *In*: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 173-186.
- MOLLICA, M.C. Relevância das variáveis não linguísticas. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 27-31.
- MONARETTO, V. N. de O. O alçamento das vogais pretônicas /e/ e /o/ sem motivação aparente: um estudo em tempo real. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 39, p. 18-28, out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br//handle/10183/110730/000950941.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 nov. 2021.
- MONARETTO, V. N. de O.; QUEDNAU, L. R.; HORA, D. da. As consoantes do português. *In*: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001. p. 195-228.
- NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 43-50.
- NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Disfluences in the analysis of speech data. **Language Variation and Change**, Massachusetts, v. 8, n. 1, p. 1-12, 1996. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/language-variation-and-change/listing?q=Disfluences+in+the+analysis+of+speech+data&_csrf=DtLJPskrfOhJaYdR3HLLr3v2SNpmgf5kvQ&searchWithinIds=CD9814A272A12902DEA37BA569C0E157&fts=yes. Acesso em: 13 fev. 2022.

NASCENTES, A. **Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

_____. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1923].

PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.

PAULA, A. T. de. **A palatalização das oclusivas dentais nas comunidades bilíngues de Taquara e de Panambi – RS**: Análise quantitativa. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PIAIA, V. **Terra, sangue e ambição**: a gênese de Cascavel. Cascavel: EDUNIOESTE, 2013.

POP, S. **La dialectologie**. Aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques, Vol. 1 e 2. Louvain: Chez l'Auteur; Gembloux, Duculot, 1950. Disponível em: <https://archive.org/details/ladialectologiea01popsuoft>. Acesso em: 13 fev. 2022.

PRIORI, A.; POMARI, L. R.; AMÂNCIO, S. M.; IPÓLITO, V. K. **História do Paraná**: séculos XIX e XX. Maringá: Eduem, 2012.

RAMÍREZ, A. G. Dialectología y Sociolingüística. *In*: ALVAR, M. (Org.). **Manual de dialectología hispánica**: el español de España. Barcelona: Ariel 1999. p. 37-48.

RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. de; LIMA, A. F. de. A metodologia geossociolinguística. *In*: RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. de; LIMA, A. F. de. (Orgs.). **Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro** – vol. 02. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 11-48.

ROSSI, N.; FERREIRA, C.; ISENSEE, D. **Atlas prévio dos falares baianos** – APFB. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1963.

SEGATTO, J. A. O Risorgimento, notas sobre a Itália. **Perspectivas**, São Paulo, v. 24/25, p. 201-204, 2001/2002. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/2167/1781>. Acesso em: 10 maio 2022.

SERAFIM Jr., V.; FERREIRA, W. C; GOULART, C. BALCEWICZ Jr., L.; FARIÑA, L. O. de. Agroindústria familiar: caracterização de unidades do município de Guaraniaçu/Pr. **Rev. Ciênc. Empres. UNIPAR**, Umuarama, v. 21, n. 1, p. 147-171, jan./jun. 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/nadie/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/Textos%20p%20an%C3%A1lise/serafim%20jr%202020%20guarania%C3%A7u.pdf>. Acesso em 13 jul. 2022.

SILVA NETO, S. da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963 [1950].

SOUTO MAIOR, L. **História do Município de Assis Chateaubriand**: o encontro das correntes migratórias na última fronteira agrícola do estado do Paraná. Maringá: Clichetec, 1996.

SOUZA, G. G. A. **Palatalização de oclusivas alveolares em Sergipe-SE**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

STEIN, M. N. **A construção do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon (1946-1996)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

SWAIN, T. N. Fronteiras do Paraná: da colonização à migração. *In*: AUBERTIN, C. (Org.). **Fronteiras brasileiras**. Paris: Orstom, 1988. p. 19-37. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxjYW1wb3Jpb3Nhb2ZyYW5jaXNjb3xneDoyYWM0YWU2Yjk0NjZhNzRk>. Acesso em: 10 fev. 2022.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005 [1990].

THUN, H. Pluridimensional Cartography. *In*: LAMELI, A.; KEHREIN, R; RABANUS, C. (Orgs.). **Language mapping**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 506-523.

_____. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. *In*: AGUILERA, V. de A. (Org.). **Para a história do português brasileiro, volume VII – Vozes, Veredas, Voragens**. Londrina: EDUEL, 2009. p. 531-558.

_____. A Dialetoлогия Pluridimensional no Rio da Prata. *In*: ZILLES, A. M. S. (Org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 63-92.

_____. La geolinguística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). *In*: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AN PHILOLOGY, 21., 1998, Tübingen. **Anais [...]**. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-725.

TOSIN, G. A. S. **Caracterização física do uso e ocupação da bacia hidrográfica do rio Cascavel**. 2005. Dissertação (Mestrado em Engenharia Agrícola) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2005.

VENDRAME, M. I.; ZANINI, M. C. C. Imigrantes italianos no Brasil meridional: práticas sociais e culturais na conformação das comunidades coloniais. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 128-149, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5969564>. Acesso em: 28 maio 2021.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 51-58.

VIEIRA, M. J. B. As vogais médias átonas nas três capitais do Sul do Brasil. *In*: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). **Português do sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 50-72.

WACHOWICZ, R. C. **A história do Oeste Paranaense**. 2. ed. Curitiba: Vicentina, 1987.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2012 [1968].